

ISSN: 1676-6288

**CADERNOS
PROLAM/USP**



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Pró-Reitora de Pós-Graduação: Profa. Dra. Suely Vilela

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária: Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu

Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Dr. Luiz Nunes de Oliveira

Pró-Reitora de Graduação: Profa. Dra. Sonia Teresinha de Sousa Penin



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA - PROLAM/USP**

Presidente: Profa. Dra. Maria Cristina Cacciamali

Vice-Presidente: Profa. Dra. Cremilda Medina

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO DO PROLAM/USP

Presidente: Profa. Dra. Maria Cristina Cacciamali

Vice-Presidente: Profa. Dra. Cremilda Medina

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani

Profa. Dra. Maria Lúcia Refinetti Rodrigues Martins

Prof. Dr. Osvaldo Luis Angel Coggiola

Prof. Dr. Umberto Celli Júnior

Representante Discente: Angela Meirelles de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL

Presidente do Conselho Editorial: Sedi Hirano

(FFLCH/PROLAM/USP) e-mail: sedih@usp.br

Adalberto Santana (UNAM/México)

Afrânio Mendes Catani (FE/USP)

Amália Inês Geraiges de Lemos (FFLCH/USP)

Aníbal Quijano (CEIS/Peru)

Anita Kon (PUC/SP)

Carlos Antonio Romero Méndez (UCV/Venezuela)

Catalina Banko (UCV/Venezuela)

Cremilda Celeste de Araújo Medina (ECA/USP)

Dilma de Melo Silva (ECA/USP)

Gustavo Arce (RAU/Uruguai)

Irlomar Chiampi (FFLCH/USP)

José Augusto Guilhom Albuquerque (FFLCH/USP)

Juan Carlos Campbell Esquivel (UCV/Chile)

Lisbeth Rebollo Gonçalves (ECA/USP)

Lúcia Emília Nuevo Barreto Bruno (FE/USP)

Luis Felipe Cabrales Barajas (UCSHUG/México)

Luis Mauricio Cuervo (UNIANDES/Colômbia)

Maria Cristina Cacciamali (FEA/USP)

Maria Lúcia Refinetti Rodrigues Martins (FAU/USP)

Márcio Bobik Braga (FEA/USP)

Margarida Maria Krohling Künsch (ECA/USP)

Osvaldo Luis Angel Coggiola (FFLCH/USP)

Paulo Borba Casella (FD/USP)

Rafael Campos Sanchez (UNAM/México)

Raúl Bernal-Meza (UNCPBA/Argentina)

Renato da Silva Queiroz (FFLCH/USP)

Ricardo Antunes (IFCH/UNICAMP)

Sandra Maria Zakia Lian Sousa (FE/USP)

Sedi Hirano (FFLCH/USP)

Sueli Teresinha Ramos Schiffer (FAU/USP)

Editores: Márcio Bobik Braga e

Maria Cristina Cacciamali

E-mail: prolam@edu.usp.br

Equipe de Produção:

Secretária Editorial: Kátia Nobre

Projeto Gráfico do Miolo e Editoração:

Joceley Vieira de Souza (jocoley@usp.br)

Projeto Gráfico da Capa: Marizete Liamar Grandio

Endereço para correspondência:

PROLAM/USP

Rua do Anfiteatro, 181 - Colméia - Favo 01

Cidade Universitária - 05508-900

São Paulo - SP - Brasil

Fone/Fax: (11) 3091-3587/3589 - 3815-0167

E-mail: prolam@edu.usp.br

Home-Page: www.usp.br/prolam

Os direitos de publicação desta edição são da Universidade de São Paulo

**CADERNOS
PROLAM/USP**

ISSN 1676-6288

CADERNOS PROLAM/USP / Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo - PROLAM/USP. Editores: Márcio Bobik Braga e Maria Cristina Cacciamali. Ano 3 - Vol. 1 (jan./jun. 2004)

Semestral

1. Integração da América Latina. Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

07

Barbara Fritz

Currency Blocs: Looking at the Options for Developing Countries in a Multipolar Monetary Regime

23

Antonio Carlos de Moraes

O Social na América Latina:
Dilemas e Perspectivas

37

Consuelo Ahumada Beltrán

Alvaro Moreno Durán

Prioridades del Nuevo Orden Mundial y
Desplazamiento Forzado de Colombianos Hacia Ecuador

67

Alejandro Rofman

Inés Liliana García

María Di Loreto

Autogestión de los Trabajadores, una
Experiencia en Expansión para Enfrentar el
Desempleo Urbano: el Caso Argentino

97

Ângela Maria Pimenta

O Gesto da Arte como Consciência da Paisagem
e da Existência Humana na América Latina

125

Ensaio:

Silvia Beatriz Adoue

“Operación Masacre”: Relato de una Conversión
Recordando a Rodolfo Walsh o Elogio de la Vergüenza

Currency Blocs: Looking at the Options for Developing Countries in a Multipolar Monetary Regime

Barbara Fritz^{*}

Resumo: O atual sistema monetário internacional, caracterizado por regimes de taxas de câmbio flexíveis, ausência de um fundo de reservas internacional estável e a desregulamentação dos fluxos internacionais de capitais têm produzido severas instabilidades macroeconômicas. O surgimento de inúmeros acordos regionais pode ser visto como resultado desta instabilidade global. Mesmo com o Euro servindo como importante referência para projetos entre países em desenvolvimento, esta experiência coloca-se limitada para estes países. Devem ser destacadas as grandes diferenças entre uma união monetária que inclui uma das mais importantes moedas internacionais, como o caso do macro alemão, e uma união monetária proposta, por exemplo, para o Mercosul, que agrega um grupo de países com moedas consideradas “fracas” e marcados por uma grande dívida externa. Entretanto, mesmo considerando a limitada capacidade dos países menos desenvolvidos em estabelecer algum grau de estabilidade monetária, o presente artigo argumenta que esforços em direção a coordenação monetária podem trazer vantagens para os países, tais como a intensificação do processo de integração.

Palavras-chave: Sistema Monetário Internacional, Integração Econômica Regional, Taxas de Câmbio, Mercosul, União Européia, Coordenação Macroeconômica

Abstract: The international monetary system of today, defined by flexible and instable exchange rates, the absence of a stable international reserve currency together with deregulated international capital flows, produces severe macroeconomic instabilities. The surge of large regional blocs can be viewed as a result of these global instabilities. Even if the Euro serves as an important reference to a series of regional common currency projects for regional groups of developing countries, the lessons drawn out for those for the Euro are restricted. There are to be found severe differences between a monetary union that includes one of the international key currencies, like the former German Mark in the case of the Euro, and a monetary union of the Mercosur that would bring together a group of rather weak currencies, marked by a significant external debt. But even if the latter type stands for a limited capacity of regional monetary stabilization, the argument of the article is that even within this limitation a monetary coordination among weaker currencies still does hold for specific advantages, such as the intensification of regional integration processes.

Keywords: Regional Economic Integration, Exchange Rates, Monetary Union, Mercosul, European Union, Macroeconomic Coordination.

^{*} PHD pela “Free University Berlin”. Pesquisadora do Instituto de Estudos Iberoamericanos em Hamburgo – Alemanha. E-mail: fritz@iik.duei.de

Introduction: Developing Countries, the “Original Sin” of Foreign Debt and the Instabilities of a Multipolar World

For developing countries tainted by “original sin,” as Hausmann (1999: 67f.; see also Eichengreen/Hausmann/Panizza 2002) labeled them, currency regime requirements are specific. Even economically promising and reasonably open countries are able to attract only short-term finance in their national currency and only foreign currency, e. g. dollar, loans for long-term investment finance. The weakness of the national currency traps them in a state of financial fragility that makes them extremely vulnerable. Both sudden declines in the volume of liquidity within the banking system and sudden currency depreciations will always lead to a run on foreign currency by national investors and banks, since investments will suffer either from a currency mismatch (because projects that generate local currency are financed by dollar loans) or a maturity mismatch (because longer-term investments have been financed with short-term loans). This decision – from the investors’ standpoint a highly rational one – will lead to further depreciation, regardless of the formal exchange rate regime that the country pursues. “In fact, such a system is subject to self-fulfilling crises, as in a bank run: If people fear that others may take their money out, they will want to be the first out the door” (Hausmann 1999: 68).

In Latin America’s case, this “original sin” should in fact be seen as a “congenital defect,” given that the first external debt agreements stem from the very first days of independence and creation of a national currency. In a Keynesian sense (Keynes 1935) it represents nothing but a low liquidity premium on developing countries’ currencies, that is the expected non-pecuniary return for holding a certain currency in comparison to other currencies. It seems evident that the overwhelming majority of economic actors will prefer holding US dollars or euros or Swiss francs rather than, say, Mexican or even Argentine pesos. From this Keynesian viewpoint, which focuses its understanding of economic processes on the fact that uncertainty is the ultimate motivation for any rational behavior by economic agents and which treats money as a medium that is able simultaneously to reduce and to produce this “state of uncertainty,” the liquidity premium of a national currency proves to be the crucial criterion for economic development (Nitsch 1995). Indebted countries’ currencies are permanently liable to devaluation, thereby producing a low liquidity premium that makes national and international wealth owners alike shun this type of currency not only at times of crisis, but constantly. In the short run, the only way to stop or even reverse this process of monetary and financial meltdown is to increase the internal interest rate substantially, compensating for low non-pecuniary returns by high pecuniary returns and thereby suppressing national investment and income. So it turns out to be the crucial factor hindering development. In this sense, any development strategy has to focus on the aim of raising the liquidity

premium. Such a strategy would not only require a reduction of inflation to the key currency's level, as orthodox theory suggests. It also requires nominal stabilization of the currency's price, i. e. the exchange rate, specifically liberating it from being seen as liable to future devaluations as a consequence of foreign debt. The requirements for a policy oriented toward increasing the liquidity premium are generally high. For countries that carry high external debt burdens and whose currencies are marked by a long history of inflation and currency crises, this represents an extremely challenging set of policy goals, ranging from inflation rates equal to or even lower than those of the international key currencies to a fiscal balance or even a surplus in public budgets and nominal stabilization of the exchange rate, and that have to include a marked, ad continuous surplus in the trade balance such as to lead to a substantial reduction in the stock of foreign debt. Still, since the liquidity premium is a result of the "general reputation" of a country and its currency the outcome of such policies, reflected in successive reductions in the equilibrium interest rate, would tend to be long-term, while in the meantime the costs could be rather high.

In this context, the selection of an adequate currency regime, i. e. the sum of monetary policies and the type of exchange rate regime chosen, is far from being a sufficient condition for sustained economic development. However, since it does exert great influence on the liquidity premium, it seems to be worth looking at more closely.

The choice of a currency regime at the national level always has to be seen in the context of the predominant international monetary and financial regime. Currently, conditions are anything but easy for developing countries. Not only does widespread financial liberalization make it difficult not to resort to external debt for financing domestic growth (at least in times of abundant supply of international capital)¹. Since the end of Bretton Woods, the international monetary order has been marked by multipolarity. The US dollar's decline from its original position as the leading international currency gave way to competition between three key currencies, (the US dollar, the deutschmark/euro and the yen)². This competition (between rather unequal currencies in respect of their quality and functions within the international monetary system; see e. g. Krugman 1984) has led to major instabilities as changes in the respective interest rate levels trigger remarkable shifts of nominal wealth from one currency to another. A further consequence of this permanent

¹ Ricardo Ffrench-Davis (1999) has called the supply of abundant and relatively cheap international capital flows to developing countries during the 1990s the "plata dulce," the apparently easy money.

² Often the current order is called a tripolar one, but the uncertainty about the yen's quality does lead some authors to characterize the current order as a bipolar one. For the question to be treated here, the options developing countries have for their currency regime, it does not make a systematic difference if we have to presume a bi- or a tripolar world.

competition is that the inflation rates of those key currencies have declined significantly since the 1970s. Therefore, if developing countries want to defend their national currency against those key currencies they are forced to produce at least similarly low inflation rates, with high economic and social costs.

One central issue for the choice of a currency regime is that the present tendency toward regionalization of trade and of building formal economic blocs among neighboring nations - the outstanding example being the European common currency, the euro - has to be understood as a strategy of immunization against these international monetary instabilities.

Economic Bloc Building and Options for Developing Countries' Currency Regimes

The mainstream debate around currency and exchange rate regimes at the end of the 1990s has centered on a new consensus proclaimed prominently by the International Monetary Fund (Fischer 2001; Mussa et al. 2000). The “corner solution” is based on the lessons learned from the series of financial crises that shaped emerging market economies in the second half of the 1990s. The intermediary exchange rate regime that most countries had chosen is said to be mainly to blame for the financial crisis, as it proved to be prone to speculative attacks. Especially in conditions of free capital movements, it is said, the preference should be for a so-called two-corner solution, i. e. a free floating exchange rate or, at the other extreme, the option of a very hard peg. The latter refers to the establishment of a currency board or even to abandoning the national currency and declaring a foreign currency the sole legal tender in the economy³.

Not only since the collapse of the Argentine currency board, belief in this new consensus has suffered severe damage, though without giving way to a new recipe for what kind of exchange rate regime developing countries ought to opt for today. Taking into account the international trend toward building economic blocs, it seems to be more fertile to understand the exchange rate system options for developing countries excluded from these formal economic blocs around the international key currencies not as a choice between corner solutions on the one side and intermediary regimes on the

³ To be analytically correct, in the case of a strategy of unilateral dollarization, or, generally, of abolition of the currency by establishing a foreign, hard currency as the only means of payment we have to talk about a “non-regime” as in this case the exchange rate is abandoned altogether.

other, but rather to formulate four types of regime, focusing on their relations to the big economic blocs around the three key currencies:

- a) an attempt at an independent currency regime;
- b) unilateral subordination to one of the key currencies (“dollarization”);
- c) coordinated integration⁴ into one of the currency blocs centered around a key currency (North South Cooperation - NSC);
- d) a currency bloc of external debtor countries (South South Cooperation - SSC).

The following sections will deal briefly with each of these options, taking into account their respective contribution toward economic development in terms of strengthening the national currency (increase in the liquidity premium).

a) Independent Currency Regime:

Formally, an effort to take forward a currency regime independently from the (blocs around the) key currencies can be made by means of a regime of free floating. For economies marked by the “original sin” of foreign debt, however, this option proves to be problematic since, in the context of the unstable multipolar international monetary regime, a heavily fluctuating exchange rate proves for foreign debtor economies. With liberalized capital flows, the exchange rate tends to gain strongly in value during boom times of high capital inflows only to be devalued even more in times of bust when capital flows reverse. While revaluation of the currency will create an incentive for attracting foreign currency debt, the contrary exchange rate movement will produce a currency mismatch, creating a real debt problem for debtors in foreign currency whose returns are basically in domestic currency (both business and banks). The consequent insolvencies in the real sector and/or the banking sector will call into question the solvency of the debtor nation as a whole.

A volatile exchange rate is the opposite of what is required for improving the quality of any currency. The heightening of the state of uncertainty results in a further reduction in

⁴ It is to be noted that the terms “monetary coordination,” “monetary cooperation” and “currency union” are used rather interchangeably even though they represent different levels of monetary integration (for a definition of the terms, see Steinherr 1984; for a more detailed view on the stages of monetary regionalism, see Dieter 2000).

the liquidity premium. Therefore, the typical picture that has emerged in recent is an increase in the number of countries that formally let their currency float freely, but in the majority of these cases central banks have intervened repeatedly (be it directly in the foreign exchange market or indirectly by way of their monetary policy) to prevent the exchange rate from fluctuating too strongly. First, however, the difference between a free-float regime and an intermediate regime is lost. Second, in the case of an external debtor economy the aim of pursuing an independent exchange rate policy makes it necessary to adopt a monetary policy that hinders the creation of income in the national currency.

b) Unilateral Subordination to a Key Currency (“Dollarization”)⁵:

To be precise, one has to differentiate between a process of market-driven dollarization such as is observed repeatedly in foreign debt economies marked by macroeconomic instability, and a unilateral policy of dollarization or, more generally, the adoption of a foreign hard currency as the only means of payment in the domestic economy.

Abandonment of the national currency is the furthest-reaching form of subordination to a key currency as the new and only legal tender in the economy. It corresponds to the hard peg variant in the two corner solution paradigm. To put it simply, the establishment of a currency board will be subsumed under the strategy of dollarization, since its logic and consequences do not differ qualitatively from that of a rigidly fixed exchange rate regime. Still, the dollarization option has to be considered the more radical one, as (among other reasons) the exit option, the return to re-establishing a domestic currency, seems to be more difficult once it has been abandoned.

The advantage of abandoning one’s own currency, be it unilaterally (case b) or bilaterally (case c) for a foreign debtor country at first level proves to be the same: that country is spared the effort of defending the exchange rate of its own currency unilaterally.

The theory of optimum currency areas established by Mundell (1961), centering on an evaluation of the advantages of a currency union of this kind and the costs of renouncing any resort to the exchange rate as an instrument of active economic , is not valid for currencies with a low liquidity premium. A devaluation of the currency in response to exogenous shocks (stemming from a change in the national terms of trade or

⁵The expression “dollarization” has been established in the academic debate (see Berg/Borensztein 2000; Gomis-Porqueras et al. 2000; Guidotti/Rodriguez 1992), though theoretically one could also talk of a “DMarkization,” “euroization” or “yenization.”

in the international interest rate level) may eventually produce positive results in the trade balance. But they are likely to be outweighed by the inflationary impetus resulting from nominal devaluation and the real-debt effect on the domestic economy. Hence the external debtor economy devaluation is not able to solve a balance of payments problem, but rather changes the appearance of that problem. Potential stabilization of the balance of payments is achieved at the cost of destabilizing domestic economic relations.

In that sense, the strategy of pegging a currency unilaterally offers a key advantage over the effort to defend a national currency unilaterally. It eliminates the need to defend the change rate and the exchange rate risk shrinks to zero, as in the extreme case of a complete currency substitution (case b) or a currency union with a key currency (case c) the exchange rate simply no longer exists. Therefore, the equilibrium interest rate can fall substantially and, other things being equal, thereby encourage a process of strong economic growth.

While the second generation of literature on currency unions focuses on the advantages of getting rid of a discredited national body with discretionary economic policy powers, the Central Bank, and on the strong pressure exerted by fixing the exchange rate definitively, or abandoning it, for fiscal and wage policies to adapt to the new conditions, the argument defended here proves to be much stronger⁶.

The crucial problem of unilateral fixing or adoption of a foreign currency is the complete loss of the function of lender of last resort. The unlimited offer of liquidity cannot be substituted by way of private commercial banks, as has been proposed for both currency boards and fully dollarized economies (Caprio et al. 1996; see also Berg/Borensztein 2000). The bitter proof of this was seen in the case of Argentina, where a special contract for that purpose between the Argentine state and a number of private international banks broke down completely when balance of payment problems, accompanied by a growing shortage of liquidity in the domestic banking sector, proved serious. First, the establishment of a contingency credit line to be resorted to in case of emergency is no substitute for an unlimited offer of liquidity by a Central Bank, the rediscount line. Second, if a liquidity crisis looms, banks involved in this kind of contract simultaneously have unlimited possibilities of reducing their liquidity supply, and therefore their exposure to risk. Instead, it can be seen empirically that the state, in the effort to substitute the missing lender of last resort at a time of growing liquidity problems, transforms itself into a “debtor of last resort” (Frenkel 2001: 112; see also FitzGerald

⁶ For the discussion of this topic, see Jameson (2001).

2001: 128) by issuing a growing amount of foreign debt itself. If the country is unable to generate current account surplus, a continuing liquidity problem creates an especially problematic constellation. In this situation, the only way out is a policy of deflation, that is a strategy to reduce the real and the nominal value of prices and wages, which brings about a deep recession in the domestic economy. Not only will this reduce fiscal income and call the state's solvency into question, but the increase in public debt ratios (that are triggered in this case by adverse macroeconomic conditions and not by any form of deficit spending) will impair the banking sector's portfolio quality.

So one must conclude that the advantage of unilateral subordination of the currency, that is the disappearance of the exchange rate risk, is more than offset if the economy is unable to generate a permanent current account surplus. By creating a strongly procyclical combination of exchange rate, financial system and fiscal default risk the sovereign solvency risk increases greatly (for the case of Argentina, see e. g. Dullien 2002).

If the absence of the lender of last resort function makes the strategy of unilateral adoption of a foreign hard currency extremely costly in terms of a national development strategy, it can still make sense for a country that already shows a high degree of dollarization together with a high degree of integration (being it through intensive financial or trade relations) with the adopting currency's country. Some Central American countries fulfill this condition. The argument is that in this type of economy the lender of last resort function is already largely absent, so the room for action on domestic monetary policy is very limited, and such action can easily have destabilizing effects that intensify the dollarization process. In this case, the loss of autonomy would not be very significant. Still, to prevent the kind of deflation and solvency crisis described above, a necessary condition is that this fully dollarized economy must have reliable, i. e. constant and relatively stable, sources of foreign net currency income, be it an export surplus or, for example, a high volume of remittances sent home by migrants abroad. In this case, unilateral subordination to a key currency may at least prevent the economy from further destabilization.

c) Coordinated Integration in a Key Currency Bloc (North South Cooperation)

Coordinated integration in a key currency bloc should certainly be seen as the most advantageous option for external debtor countries. This refers to cooperation between k currencies in a world of n currencies, where the k^{th} currency, the key currency, pursues a goal of internal stabilization of the price level, while the $(k-1)$ members pursue the goal of stabilizing the exchange rate against the leading regional currency.

For NSC to be sustainable, it must be cooperation between explicitly asymmetric currencies in the sense that interest rate changes in the k^{th} currency have much greater consequences on the $(k-1)$ countries than vice versa, because the k^{th} currency is a net creditor economy while the $(k-1)$ countries are defined as external debtor economies, this external debt being denominated in k .

While from the perspective of older theoretical approaches this represents all but optimum currency area, the new literature on the topic offers the possibility of turning this argument into its opposite. The first generation of literature concentrated basically on the effects of a common currency on trade. The second generation has added a second aspect, concerning the credibility of a common currency in relation to monetary stability. Yet while the mainstream literature seeks this credibility effect in the shift from a national, discretionary economic policy to a multilateral, rule-based one,⁷ the argument defended here is that it is conglomeration around a key currency that lends credibility to the goal of common monetary stabilization as a necessary means of development.

From the perspective of an external debtor economy, this option, contrary to that of unilateral currency substitution, combines the advantage of a reduction in the interest rate with the establishment of a lender of last resort for the economy as a whole. The establishment of a common currency (that being the original key currency or a new one closely oriented to the standard established by the original key currency) not only abolishes the exchange rate risk within the new currency area, but it also eliminates the external debt status of the $(k-1)$ countries. The lender of last resort function in the case of a common currency is exercised by the regional central bank. In a multilateral currency cooperation arrangement, the key currency's central bank commits itself to intervene to stabilize the debtor countries currencies. Especially because of that commitment, the key currency country will make harmonization of economic policy goals in line with its own standards a necessary condition for going ahead with the cooperation project. This is aimed to prevent the costs of cooperation for the key currency economy becoming enormous.

This option offers exceptional conditions for economic development in the sense of an increase in the liquidity premium compared to the other cooperation members, especially when a country can produce an inflation rate lower than the rest of the region, thereby becoming more competitive and achieving higher growth rates. The disadvantage of a common currency arrangement of this kind, including for countries in the

⁷ Alesina/Barro 2000: 19ff.; Bayoumi/Eichengreen 1994: 7; De Grauwe 1994; for a critical discussion, see Schelkle 2001: 33.

South, could be that the establishment of rigid rules, installed in order to prevent misuse of the common currency (or the established exchange rate mechanism) by discretionary policies geared toward the short term, could bind fiscal (and monetary) policies in a way that put counter-cyclical intervention out of reach (Eichengreen/Wyplosz 1998: 92-97). These contrasting results would make it difficult to determine the net effects of a currency union.

The planned enlargement of the European currency union to include a number of East European countries in the years ahead is a clear case of NSC. The only deviation from standard is that not all East European countries have “euro-ized” their economies. In some of the states, at least, the US dollar plays an important role. The same applies to the idea – that up till now has been put forward almost exclusively by the Mexican side – about a monetary cooperation in the North American Free Trade Agreement (NAFTA) area.⁸ However, the 1999 “ASEAN plus 3” agreement between East Asian countries, including Japan, to strengthen regional monetary cooperation is a case that does not fall easily into any of the categories defined here. Unlike in the “classical” case of NSC, the yen’s status as a key international currency is not clear. As regards the issue of regional integration, this is shown by the fact that most of the foreign debt of the countries in the region (as well as intra-regional trade and financial contracts) is not denominated in the regional key currency but predominantly in US dollars.

However, the majority of developing countries cannot be expected to gain access to a NSC. Aside from political interests and blockades, the economic interest of integrating any regional key currency with weaker currencies must be limited, unless it wants to run the risk of thereby ruining its own liquidity premium. In fact, from the viewpoint of the creditor economy, integration of external debtor economies with a very low liquidity premium would lead to the debtor countries’ economic stabilization and therefore improve the quality of its financial claims. On the other hand, the central bank would be committed to supporting fragile banking systems with potentially high intervention requirements. Potential fiscal burdens also arise from the typically fragile fiscal systems in debtor countries. Moreover, growing economic integration will be accompanied by pressure to liberalize migration policies, with serious consequences for wage levels in the key currency country. For all these reasons, it appears rather unrealistic to expect a multilaterally coordinated extension of the US dollar to the entire subcontinent of Latin America.

⁸ For the discussion on monetary unification within NAFTA, see e.g. FitzGerald (2001); Fritz (2003); and Barra/Moreno-Brid 2001a and 2001b.

d) Currency Bloc of External Debtor Economies (South South Cooperation - SSC)⁹

From the perspective of the first generation literature on common currencies, cooperation (or creation of a common currency) between external debtor economies fulfills the criterion for an optimum currency area of symmetry, in the sense that all members react in the same way to external shocks stemming from a change in the international interest rate level. Therefore, currency bloc members can dispense with the exchange rate as an instrument for adapting to changing conditions.¹⁰ Consequently, SSC is cooperation among k currencies in a world of n currencies without the inclusion of a k^{th} currency at the center of a group of $(k-1)$ currencies.

This is not to say that SSC agreements are by definition marked by non-hierarchical relations. The central criterion for differentiating SSC from NSC is that the former lacks a currency able to follow a (relatively) independent policy of monetary stabilization. A typical example of SSC would be a common currency for the *Mercosur*, the southern cone economies of Latin America. In recent years, member states have repeatedly agreed to gear their policies toward this goal (but with rather unclear conditions for realization so far).

The strongest reason for the intensifying discussion about setting up SSC projects can surely be found in the introduction of the euro (an experiment with a highly successful outcome, at least from the viewpoint of countries in the South), along with the obvious exclusion of the majority of external debtor countries from NSC agreements. Beyond that, some economic arguments in favor of SSC can be found. Taking into account the arguments of the new growth theory with their focus on the advantages of knowledge-based production linked to regional diffusion, and to economies of scale, a deepening of SSC integration can enhance member states' competitiveness. In that case, to maintain regional integration monetary cooperation is necessary, because volatile exchange rates increase the risks for economic activity within the region and are therefore an obstacle to trade integration. Furthermore, without monetary cooperation beggar-thy-neighbor policies will undermine political motivation for a policy of integration (Fritz 2002; Heymann 2001; IDB 2002: 171ff.). The open crisis within Mercosur that started with the Brazilian currency crisis in early 1999 and intensified with the implosion of the Argentine Currency Board in 2002, is a clear example of this.

⁹ An overview on the discussion of currency unions of developing countries see Agosin (2001); IDB (2002); and Unctad (2001).

¹⁰ (Unctad 2001: 124). In relation to the criterion of homogeneity, however, it is not said to be the same by definition, as production patterns and wage formation can differ substantially between neighboring external debtor countries.

Thus the outstanding advantage of SSC consists in the fact that it neutralizes competition between external debtor member states for foreign currency income and capital inflows. Moreover, diversification of production could immunize the external balance of payments against the volatility of terms of trade. Last but not least, the establishment of a common currency could lead to national monetary, fiscal and wages policies being committed more strongly toward monetary stability. This would enhance the liquidity premium, provided that this strategy goes hand in hand with a reduction in foreign debt by means of an export surplus. The latter argument, i. e. that externalization of economic policy institutions makes new priorities politically feasible, relates to political economy. Still, it can certainly be significant in the realization of monetary integration projects among debtor nations.

The main argument against the sustainability of SSC in the sense of opening up new development perspectives, however, can be found in the reversal of the credibility argument put forward in the discussion of NSC. Since a SSC is nothing more than a bunching of similar currencies with relatively similar liquidity premiums, the only argument to be found in favor of changing the currency regime relates to political economy. There is no argument based on market processes as to why the unification of the SSC currencies should lead to a reduction in monetary volatility compared to the situation prior to unification. The regional enlargement of a weak currency area leaves the question of external relations with the international key currencies relatively unchanged, while internally there is still no lender of last resort for financial contracts denominated in foreign currencies. If the region seeks a flexible exchange rate regime, the same arguments apply as to a strategy of free float of a single external debtor currency (see case a). Unilateral pegging, to the contrary, leads to the problems discussed under case b.

Conclusions

Summing up, it can be said that currency regimes are not the only factor determining economic development, but that in a context of a fragmented international monetary order and international regionalization as a result of this destabilizing fragmentation, developing countries have to evaluate each option carefully in terms of its consequences for the domestic currency's quality. Much research has to be done both into further clarifying the definition of existing currency regime options within this international context and into the empirical foundation, looking more closely at the growing number of common currency projects among developing countries. As long as Latin American economies in particular seem to be prone to further currency crises, the debate on monetary cooperation will remain of key importance for the subcontinent's economic future. But within the approach in this paper it seems to be possible to rank

the (at least in theory) available for macroeconomic longer term stabilization reasons under the current global conditions als following:

The first best solution for a developing country would be the bilateral inclusion into a North South monetary integration scheme, resulting in the completion of the lender of last resort function and beeing accompanied by structural transfers intended to reduce income level differences. This is the treatment that “southern” economies of the European Union (Greece, Portugal, Ireland) have received and that led to substancial increases in the respective national income of these economies.

But as this option is, at least for now, not available for the Latin American countries, due to the fact that United States are not willing to commit themselves to any kind of bilateral monetary or macroeconomic agreements on global or regional level, we have to evaluate the chances and risks of the resting options, even if these are to be considered as second best options.

As the “dollarization” option leaves to the complete loss of the lender of last resort function, it makes the strategy of unilateral adoption of a foreign hard currency extremely costly in terms of a national development strategy. But it can still make sense for a country that already shows a high degree of dollarization together with a high degree of integration (being it through intensive financial or trade relations) with the adopting currency’s country. Still, to prevent the kind of deflation and solvency crisis described above, a necessary condition is that this fully dollarized economy must have reliable sources of foreign net currency income. In this case, unilateral subordination to a key currency may at least prevent the economy from further destabilization.

As deepening of South South Cooperation can enhance member states’ competitiveness, it turns to be necessary to maintain regional integration monetary cooperation, because volatile exchange rates increase the risks for economic activity within the region and are therefore an obstacle to trade integration. Furthermore, without monetary cooperation beggar-thy-neighbor policies will undermine political motivation for a policy of integration. But there is no argument based on market processes as to why the unification of the SSC currencies should lead to a reduction in monetary volatility compared to the situation prior to unification. But externalization of economic policy institutions can eventually make new priorities politically feasible.

Bibliography

- AGOSIN, M. R. “Strengthening Regional Financial Cooperation”, In: *Cepal Review*, nº 73, april, 2001, pp. 31-50.
- ALESINA, A. & BARRO, R. J. *Currency Unions* NBER Working Paper 7927, 2000.
- BAYOUMI, T. & EICHENGREEN, B. “One Money or Many? Analyzing the Prospects for Monetary Unification in Various Parts of the World”. Princeton studies In *International Finance*, nº 76, Princeton NJ, 1994.
- BERG, A. BORENSZTEIN, E. “The Dollarization Debate”, In: *Finance & Development*, March, 2000, pp. 38-41.
- CAPRIO, G. Jr., DOOLEY, M., LEIPZIGER, D. & WALSH, C. *The Lender of Last Resort Function under a Currency Board: The Case of Argentina*. World Bank Working Paper nº 1648, 1996.
- DE GRAUWE, P. “The Need for Real Convergence in a Monetary Union” In: JOHNSON, C. & COLLIGNON, S. (eds.): *The Monetary Economics of Europe*. London: Pinter, 1994 pp. 269-79.
- DIETER, H. “Monetary Regionalism: Regional Integration Without Financial Crises”. University of Warwick, *Coventry: Centre for the Study of Globalization and Regionalization* (CSGR Working Paper 52/00), 2000.
- DULLIEN, S. “Argentina - The End of a Clever Idea?”, In: *Lateinamerika Analysen* (Institut für Iberoamerika-Kunde, Hamburg), nº 2, 2002, pp. 109-118.
- EICHENGREEN, B., HAUSMANN, R. & PANIZZA, U. *Original Sin: The Pain, the Mistery, and the Road to Redemption*. URL: <http://www.iadb.org/res/publications/pubfiles/pubS-158.pdf>, 2002.
- EICHENGREEN, B. & WYPLOSZ, C. “The Stability Pact: More than a Minor Nuisance?”, In: *Economic Policy*, nº 26, 1998, pp. 65-113
- FISCHER, S. *Exchange Rate Regimes: Is the Bipolar View Correct?* URL: <http://www.imf.org/external/np/speeches/2001/010601a.htm>, 2001.
- FFRENCH-DAVIS, R. *Macroeconomía, Comercio y Finanzas para Reformar las Reformas en América Latina*. Santiago: CEPAL / New York: McGraw-Hill, 1999.
- FRITZ, B. “Tan cerca del dólar y tan lejos del Federal Reserve: La cuestión del régimen monetario adecuado para México en el marco del TLC”, In: Maihold, Günther (ed.): *Los Caminos de Modernidad en México*. México D.F.: Porrúa (en prensa), 2003.
- FRITZ, B. ‘Vom Dollar zum “Merco”? Monetäre Ursachen der Krise des Mercosur und Perspektiven einer Gemeinschaftswährung’, In: *Lateinamerika Analysen* 1, Febr. 2002, S. 166-172.

- FITZGERALD, V. "The Winner's Course: Premature Monetary Integration in the NAFTA", In: *Bulmer-Thomas (ed.): Regional Integration in Latin America and the Caribbean - The Political Economy of Open Regionalism*. London: Elgar, 2001, pp. 119-114.
- FRENKEL, R. "Reflexiones sobre el Financiamiento del Desarrollo", In: *Revista CEPAL*, n° 74, agosto, 2001, pp. 109-124.
- GOMIS-PORQUERAS, P., SERRANO, C. & SOMUANO, A. *Currency Substitution in Latin America: Lessons from the 1990s* World Bank Working Paper n° 2340, 2000.
- GUIDOTTI, P. E. & RODRIGUEZ, C. A. "Dollarization in Latin America: Gresham's Law in Reverse?" In: *IMF Staff Papers*, vol. 39, n° 3, 1992, pp. 518-544.
- HAUSMANN, R. "Should There Be Five Currencies or One Hundred and Five?", In: *Foreign Affairs*, Fall, 1999, pp. 66-79.
- HEYMANN, D. "Regional Interdependencies and Macroeconomic Crises - Notes on Mercosur. Oficina de la CEPAL" In: Buenos Aires: *Estudios y Perspectivas* 5, 2001.
- IBARRA, D. & MORENO-BRID, J.C. "Currency Boards and Monetary Unions - The Road Ahead or a *Cul de Sac* for Mexico's Exchange Rate Policy?". In: PUCHET A., M. & PUNZO, L. F. (eds.): *Mexico beyond NAFTA - Perspectives for the European Debate*. London/New York: Routledge, 2001a, pp. 3-20.
- IBARRA, D. & MORENO-BRID, J.C. "La Dolarización - Antecedentes y Perspectivas para la Economía Mexicana", In: *Nueva Sociedad*, n° 172, marzo-abril, 2001b, pp. 138-149.
- IDB (2002): Beyond Borders: "The New Regionalism in Latin America", In: *Economic and Social Progress in Latin America*, 2002 Report.
- JAMESON, K. *Latin America and the Dollar Bloc in the 21st Century*. Paper presented at LASA meeting 2001, 5-8 of sept., at Washington D.C.
- KEYNES, J. M. *General Theory of Employment, Interest, and Money*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.
- KRUGMAN, P. "The International Role of the Dollar: Theory and Prospect", In: Bilson, J.O.F. / Marston, R.C. (eds.): *Exchange Rate Theory and Practice*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1984.
- MUNDELL, R. A. A "Theory of Optimum Currency Areas", In: *American Economic Review*, n° 51, 1961, p. 657-65.
- MUSSA, M., MASSON, P., SWOBODA, A., JADRESIC, E., MAURO, P. & BERG, A. *Exchange Rate Regimes in an Increasingly Integrated World Economy*. Washington D.C.: IMF, 2000.

- NITSCH, M., “Economic Theory and Latin American External Debt”, In: LIEHR, R. (ed.): *La Deuda Pública en América Latina en Perspectiva Histórica / The Public Debt in Latin America in Historical Perspective*. Frankfurt a.M.: Vervuert / Madrid: Iberoamericana, 1995, S. 47-73.
- SCHELKLE, W. *Monetäre Integration. Bestandsaufnahme und Weiterentwicklung der Neueren Theorie*. Heidelberg: Physika-Verlag, 2001.
- STEINHERR, A. “Convergence and Coordination of Macroeconomic Policies: Some Basic Issues”, In: *European Economy*, no. 20, july 1984.
- UNCTAD “Exchange Rate Regimes and the Scope for Regional Cooperation”, In: *Trade and Development Report*, 2001.

Para cumprir nosso objetivo, destinaremos uma primeira seção para a caracterização do *welfare state* nas suas formas clássicas, ao lado dos traços fundamentais que constituíram o que ousamos chamar de proteção social na América Latina, sendo este esforço um exercício importante para avaliarmos o caráter precário dessa última. Em uma segunda seção, apresentaremos alguns problemas estruturais resultantes do tipo de envolvimento da economia e da sociedade continental com o capitalismo mundial, e que configuram o que consideramos ser os principais dilemas, as sérias ameaças ao nosso futuro. Por fim, para superarmos o tom pessimista que perpassa o texto até o final de sua segunda seção, livrando-nos da monotonia do diagnóstico, nos lançamos a algumas reflexões que permitam, pelo menos, sonhar.

2. A Construção do *Welfare State* nas Nações Desenvolvidas

O *boom* da economia ocidental no pós-guerra evidenciado no favorável desempenho econômico criou condições favoráveis ao desenvolvimento do *welfare state* keynesiano. Segundo Clarke (1991, p.147), o *boom* viabilizou um acordo entre capital e trabalho que permitiu a generalização dos métodos fordistas de produção e contemplou uma ampliação dos esquemas welfaristas, apoiados em fundo públicos ou privados. Nos Estados Unidos, o prenúncio de novos tempos vem com o *New Deal*, que, com fortes traços de intervencionismo em suas medidas, desenha novos papéis para o Estado, superando o padrão típico incorporado pela regulação liberal. As questões de ordem econômica existiam e tinham que ser enfrentadas, justificando o estabelecimento de programas de apoio a desempregados, o avanço de obras públicas por meio de investimentos em infraestrutura para o transporte, saneamento, habitação e ativação de escolas, envolvendo inclusive uma contratação massiva de professores. A autoridade federal foi vitalizada com o *New Deal*, passando o governo a exercer inclusive um controle de preços industriais e agrícolas, a conceder empréstimos aos proprietários rurais, além de assumir medidas de proteção social com a criação de um seguro-desemprego. Afinal, a Grande Depressão repercutiu na formação de um exército de cerca de 14 milhões de desempregados.

Na Europa, portando hoje diversas nuances, o *welfare state* registrou suas primeiras iniciativas antes mesmo da democracia, podendo serem citados os caso da França, com Napoleão III, da Alemanha com Bismarck e da Áustria com von Taaffe (Esping-Andersen, 1991, p.94)¹. Com a crise que se instala a partir de 1870, Bismarck busca uma organização econômica

¹ As considerações apresentadas a seguir nesta seção, sobre o *Welfare State*, baseiam-se no trabalho de Esping-Andersen acima referendado, que compõe a edição de nº 24 da revista *Lua Nova* e também corresponde ao primeiro capítulo do livro do mesmo autor *The three worlds os welfare capitalism*, publicado pela Princeton University Press, em 1990.

suas contradições imanentes. No que diz respeito à organização social do trabalho como elemento indispensável à dinâmica do processo de acumulação de capital e da relação do trabalho como classe, com a classe proprietária do capital nas suas diversas esferas, o *welfare state* significa mais proteção social e menos mercado. Não vamos, porém, no entusiasmo, aceitar que a dualidade Estado-mercado valide o dilema Estado *versus* mercado como as grandes alternativas das formações sociais organizadas sob a forma capitalista, mas vale reconhecer que a *regulação monopolista* impôs uma organização social para o trabalho que requereu uma presença mais firme do Estado, estabelecendo uma camada de proteção à mercadoria força de trabalho na direção de amenizar a frigidéz dos critérios de mercado.

Do ponto de vista do *homem*, este movimento, ao concretizar ações para instituir a cidadania, representou um esforço para sua inclusão social, ainda que sob uma estrutura de natureza excludente. Em outros termos, por meio do *welfare state*, o capitalismo exercita o humanismo que lhe é permitido: o homem é **posto**, ainda que em um ambiente desumano. Dentro desse conjunto de condições, verificou-se no pós-guerra, um ambiente político-ideológico mais favorável para que o Estado desempenhasse sua função vital de constituir os não-proprietários dos meios de produção como cidadãos (Almeida, 1996, p.75).

Contemplando o *Welfare State* a partir de uma perspectiva mais ampla, com o apoio de Offe, podemos identificar no período que compreendeu o *boom* do pós-guerra uma compatibilização dos componentes estruturais de uma economia de mercado com uma sociedade de massa. Em outros termos, essa experiência do século XX, por meio da democracia liberal, mostrou a coexistência da liberdade burguesa com a democracia liberal, contrariando, segundo o próprio Offe (1984, p.356), a teoria política liberal do século XIX e o marxismo clássico.

Existe um debate sobre as relações entre as formas democráticas burguesas e o poder social que o capital exerce a partir de uma economia de mercado, que não é o foco de nosso trabalho. Queremos aqui enfatizar que o *welfare state* “keynesiano” (WKS),² como é qualificado por Offe, na esteira das transformações que marcaram o final do século XIX e a primeira metade do século XX, evidenciaram uma necessidade de aliviar a hegemonia do mercado sobre a sociedade e a separação entre economia e política, traços marcantes da sociedade liberal, como tão bem nos mostrou Polany (2000). A camada de proteção social oferecida no âmbito do mercado de trabalho é uma das faces da “grande transformação”.

² Offe considera óbvios os vínculos funcionais entre o *welfare state* e a política econômica keynesiana. O caráter ativo desta política, estimulando e regularizando o crescimento econômico, gera impostos que financiam a ampliação dos programas sociais e, simultaneamente, reduz as pressões sobre os mesmos benefícios (Offe, 1984, p.375).

tarifária, além da implementação de atividades econômicas diretamente pelo Estado, como o suporte da infra-estrutura e a produção de insumos básicos.

Se o quadro político se diferenciava em aspectos importantes do que era observado nas nações desenvolvidas, o contexto econômico e social também não escapava de divergências relevantes. Segundo Cardoso e Faletto (1970, p. 13), mesmo no caso do México, que pôde manter uma taxa de crescimento elevada durante um período maior de tempo com relação às outras economias latino-americanas, devido à sua estrutura econômica em que se destacava a diversidade de seu setor exportador, a forte desigualdade na distribuição da renda, associada à crescente participação de capitais estrangeiros na economia, comprometeram um desenvolvimento autônomo e autosustentado. De modo geral, a dependência da América Latina de seus produtos de exportação, originária da hegemonia do modelo primário-exportador, se fez sentir em um momento crítico para o seu desenvolvimento, quando, depois do *boom* da Coreia, as condições favoráveis do comércio exterior perderam seu impulso, dando vez a conjunturas desfavoráveis, que afetaram negativamente as relações de troca (Cardoso e Faletto, 1970, p. 14).

De fato, e além das desvantagens nas trocas, as relações internacionais entre nações desenvolvidas e em desenvolvimento no pós-guerra, pelo menos até meados dos anos de 1960, favoreceram a exportação de capitais, porém, dentro de rígidas condições de controle da geração e apropriação do excedente econômico por parte do capital produtivo. A garantia de remessas de lucro e a espoliação do valor da produção dos países em desenvolvimento pelo capital comercial das nações desenvolvidas, sustentaram o caráter dependente das economias em desenvolvimento, quer economicamente, tragando valor, quer politicamente, manietando a autonomia para desenhar e levar a cabo projetos nacionais, que refletissem anseios e necessidades das sociedades latino-americanas.

Sem a dinâmica e a autonomia para geração suficiente de excedente, que é a fonte principal para financiamento das políticas sociais que materializam o bem estar, a proteção social na América Latina, sequer de longe, pode ser comparada à construção clássica do *welfare state* nas nações desenvolvidas. Por isso não podemos nos dar ao luxo de discutir um desmonte do *welfare state*, mas sim refletirmos sobre o que nos espera depois de cerca de vinte anos de hegemonia das práticas neoliberais, que materializaram um descompromissamento alarmante do Estado com a tímida proteção social que promovia, ainda que sob a verve dos populistas e o açoite das oligarquias.

4. Dilemas e Perspectivas do Social na América Latina no Século XXI

A exemplo do que fizemos anteriormente, vamos recuperar inicialmente os elementos mais importantes que concorreram para a desestruturação do paradigma clássico do *welfare state*.

so de acumulação de capital postas pela lei do valor. A alocação do tempo de trabalho social disponível entre os diversos ramos da produção, que a lei do valor executa, não respeita senão os desígnios da valorização do capital que determina o quanto, onde e quando o capital desfrutará de seu privilégio de explorar o trabalho para criar valor, extrair e apropriar-se da mais-valia.

É no decorrer desse processo que o dinheiro, cumprindo seu papel de equivalente geral, que lhe permite sancionar a contradição contida na mercadoria entre valor de uso e valor, interpõe-se entre os atos de compra e venda obstando potencialmente a metamorfose da mercadoria. É também no transcorrer do mesmo processo que o capital fustiga o trabalho vivo, negando-o como fonte que cria valor, em prol do trabalho morto. Este traz valor de sua origem, que é transferido para outras mercadorias por meio do trabalho vivo incorporado na produção dessas novas mercadorias nas etapas da produção de que participa, mas não cria valor. O capital será fustigado *a posteriori*, se não pela presença do trabalho vivo, pela sua ausência, que se afirma na lei da tendência declinante da taxa de lucro.

Offe coloca a problemática das limitações do WSK em outros termos, mas que de alguma forma captam a supremacia das contradições do capitalismo sobre os esforços regulatórios. Para o autor, embora a questão da estabilização da demanda tenha sido resolvida, o problema da oferta começou a ampliar-se, pois “o WSK funcionava, por assim dizer, à base da *falsa* suposição de que os problemas que ele é capaz de resolver são os *únicos* problemas da Economia Política capitalista, ou pelo menos os problemas mais dominantes” (Offe, 1984, p.376).

O encaminhamento da questão da demanda acabou por interferir no âmbito da produção e exploração. Sob a ótica da teoria econômica conservadora, a proteção social oferecida pelo WSK ao trabalho, aliviando seu caráter de mercadoria, onerando e tornando o emprego mais rígido, arrefeceu as motivações dos capitalistas e dos trabalhadores, afetando negativamente a dinâmica do crescimento econômico. Tipicamente, este passa a constituir-se em um problema da oferta.

Ainda segundo Offe, alguns argumentos relevantes sobre a falência do WSK são reconhecidos também pelas teorias que escapam ao campo do conservadorismo. Um primeiro argumento destaca a inibição provocada pelo WSK à função positiva que as crises desempenham ao estimular a “destruição criativa”. Um segundo, que em parte já foi abordado dentro da perspectiva da teoria conservadora, levanta a problemática do solapamento dos incentivos ao trabalho, ao que cabe acrescentar o desestímulo também aos investimentos endógenos, que decorrem dos efeitos da proteção oferecida ao trabalho e da própria aproximação do Estado com o capital. Um terceiro argumento considera que a ausência de mecanismos capazes de permitir ajustes aos efeitos da política social, dificultam o controle sobre os efeitos contraditórios dessa política.

Política, desde os clássicos, diz, ainda que sob diferentes abordagens, que é o trabalho a fonte original do valor.

No contexto da mundialização do capital, operacionalizada nas práticas neoliberais, a Economia Política assume sua forma histórica mais comezinha, restringindo suas preocupações para resguardar o papel do dinheiro como equivalente geral e reserva do valor, priorizando acima de qualquer interesse humano, a estabilidade monetária, obtida a elevados custos sociais, por meio de planos de estabilização, que fixam metas de inflação e desempenho fiscal que drenam o excedente que ao trabalho ainda é permitido gerar, e que são canalizados descaradamente para a valorização fictícia de grandes massas de capital financeiro que perambulam como comitivas de ciganos pelas belas pradarias das economias emergentes. Mas a “nova” Economia Política nada mais faz do que traduzir em consensos, manuais e notícias algo que parece revelar um esgotamento estrutural do processo de acumulação de capital, ou seja, sua dificuldade de potencializar a dinâmica do capital produtivo.

O caráter excludente da produção de mercadorias sob o regime de produção capitalista parece estar encontrando seu limite, evidenciando um esgarçamento das relações de produção. A forma como trabalho e capital se articulam historicamente para valorizar o capital como objetivo primeiro e garantir a reprodução social como condição geral de uma estabilidade social mínima, parece estar se esgotando. Se as relações de produção feudais foram superadas porque não poderiam garantir uma produção suficiente para atender o curso da evolução da história social na Idade Média, as relações de produção capitalista parecem estar padecendo de sua eficiência, de sua capacidade avançada de produzir a partir do trabalho morto cristalizado no avanço tecnológico, que exclui embriagando os homens, fascinados com os novos produtos. Segundo Amin:

“No mundo do capitalismo real, o trabalho não pode ser acionado por si mesmo, ele é acionado pelo capital que o domina na medida em que encontra aí a sua conta, quer dizer, na medida em que o ‘investimento’ é rentável. Ora, este funcionamento, excluindo da ocupação um proporção crescente de trabalhadores potenciais (e, por isso, privando-os de qualquer rendimento) condena o sistema produtivo a contrair-se, se não necessariamente em termos absolutos, pelo menos só permite desenvolver-se a um ritmo de crescimento muito inferior àquele que a revolução tecnológica permitiria sem ela” (Amin, 2002, p.82-3).

Se isto é válido e preocupante para o capitalismo como um todo, para a América Latina constitui-se em um dilema assustador. Isto porque continuamos amargando nossa condição de dependência, em uma nova fase, em que, mais do que para as nações desenvolvidas, que de alguma forma comandam a geração e a apropriação do excedente,

capitalismo apontam o caráter gigantesco das devastações promovidas pelo capitalismo contemporâneo da agricultura nos países da periferia. Segundo o autor, a agricultura capitalista comandada pelo princípio da rentabilidade dá-se quase que com exclusividade na América do Norte, na Europa, na Austrália e no cone sul da América Latina, com uma produtividade que varia entre 1.000 e 2.000 toneladas de equivalente-cereal por trabalhador/ano, enquanto a agricultura camponesa, que reúne três milhões de indivíduos, ou seja, cerca de metade da população mundial, com baixo grau de mecanização, produz apenas de 10 a 50 toneladas de equivalente-cereal por trabalhador/ano.

Após a Conferência de Doha, em novembro de 2001, por imposição da Organização Mundial do comércio – OMC, a agricultura passa a ser tratada pelas regras gerais da concorrência, ou seja, os produtos agrícolas e alimentos, devem sujeitar-se às mesmas condições de mercado de quaisquer outras mercadorias. Segundo estimativas de Amin, cerca de pouco mais de vinte milhões de fazendas modernas poderiam vir a atender o conjunto da demanda que os consumidores urbanos solváveis ainda comprem da produção que se origina da porção camponesa da agricultura mundial. Esta deverá ser atravessada pela agricultura capitalista mecanizada, perdendo os melhores solos e os acessos aos mercados, para atender, em última instância, a lógica inexorável da rentabilidade capitalista. Para Amin, os bilhões de camponeses “não competitivos” serão eliminados num curto espaço de tempo de algumas décadas. Mesmo que por um período de cinquenta anos ocorra um desenvolvimento industrial que garanta um crescimento contínuo de 7% ao ano, um terço dessa população excluída poderá ser absorvida, o que quer dizer, nas palavras do próprio autor, que “o capitalismo, é, por natureza, incapaz de resolver a questão camponesa e que a única perspectiva que ele oferece é a de um planeta favelizado e de cinco bilhões de seres humanos ‘em excesso’” (Amin, 2000, p. 93). O capitalismo do século XXI será um capitalismo sem capacidade de integrar, como já fez em períodos de expansão do capital produtivo. Eis o que espera a América Latina. O que fazer ?

A rudeza do diagnóstico não deve embotar as esperanças e reduzir as perspectivas a meras especulações. A própria história do capitalismo vem demonstrando que um dos princípios fundamentais da dialética $\frac{3}{4}$ o princípio da contradição $\frac{3}{4}$ e em especial da dialética materialista, que assume o modo como os homens se organizam para resolver suas necessidades materiais como o centro das transformações sociais, vem se fortalecendo como instrumento de concepção da história, e, é nesta constatação que buscamos força para sonhar e avançar.

Quem hoje pode negar que a contradição entre capital e trabalho iria lentamente construindo o capitalismo momopolista, ou que a concorrência, vital à lógica de valorização do capital, porta sua negação, centralizando de tal forma o capital, que resulta na criação de sérios obstáculos para a nivelção da taxa de lucro, que é o mote da própria concorrên-

também vem nos ensinando muito o que é submissão e dependência, impondo sacrifícios à América Latina, esmagando nossa renda e nossa cultura e ainda tem muito que nos ensinar, sem dúvidas. A despeito de tudo isso, ainda não está decidido que não possamos construir a nossa história.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, L.F. “Corrosões da Cidadania: Contradições da Ideologia Nacional na Atual Fase de Internacionalização do Capitalismo”, In: *Lutas sociais*. São Paulo: Xamã, nº 1. p. 61-79, 1996.
- AMIN, S. “O Capitalismo Senil”, In: *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. número 11.2002, p. 79-102.
- CACCIAMALI, M.C. “Mudanças na Natureza da Política Pública e do Mercado de Trabalho na América Latina”. In: (KON et alli org) *Costos sociales de las reformas neoliberales en América Latina*. Pontificia Universidade Católica de São Paulo, Universidade de São Paulo/PROLAM e Universidade Central de Venezuela, 2000. p.67-76.
- CARDOSO, F.H. E FALETTO E. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1970. 143p.
- CLARKE, S. “Crise do Fordismo ou Crise da Social-Democracia?”, In: *Lua Nova*. São Paulo: CEDEC, nº 24. p.117-50, 1991.
- ESPING-ANDERSEN, G. “As Três Economias Políticas do *Welfare State*”, In: *Lua Nova*. São Paulo: CEDEC, nº 24. p.85-116, 1991.
- FERNANDES, F. *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. 157p.
- MARX, K. *El Capital: Crítica de la Economía Política*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975. v. I, II e III.
- OFFE, C. “A Democracia Partidária Competitiva e o “*Welfare State*” Keynesiano: Fatores de Estabilidade e Desorganização”, In: *Problemas Estruturais do Estado Capitalista*”. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 356-86.
- O’CONNOR, J. *USA: a Crise do Estado Capitalista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 264 p.
- PETRAS, J. “As Esquerdas e as Novas Lutas Sociais na América Latina”, In: *Lutas Sociais*.1997, nº 2. p.5-18.
- POLANYI, K. *A Grande Transformação: as Origens da Mossa Época*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 349p.

Prioridades del Nuevo Orden Mundial y Desplazamiento Forzado de Colombianos hacia Ecuador*

Consuelo Ahumada Beltrán**
Alvaro Moreno Durán***

Resumo: O deslocamento transfronteiriço dos colombianos para os países andinos é o resultado da exacerbação dos fatores da violência e da deterioração das condições econômicas e sociais resultantes das prioridades da nova ordem mundial: a luta contra o narcotráfico, as políticas de liberalização econômica e comercial e “a cruzada mundial” contra o terrorismo. O artigo analisa o deslocamento dos colombianos para a fronteira Colombo-Ecuatoriana, especificamente até os Sucumbios, por ser a província principal de recepção dos deslocados do sul do país, e por considerar-se esta fronteira como uma das mais vulneráveis da Colômbia.

Palavras-Chave: Colômbia, Plano Colômbia, Iniciativa Regional Andina, Fronteira Colômbia/Ecuador, Deslocamento Populacional.

Resumen: El desplazamiento transfronterizo de colombianos hacia los países andinos es el resultado de la exacerbación de los factores de violencia y del deterioro de las condiciones económicas y sociales resultantes de las prioridades del Nuevo Orden Mundial: la lucha contra el narcotráfico, las políticas de liberalización económica y comercial, y la cruzada mundial contra el terrorismo. En este artículo se analiza el desplazamiento de colombianos hacia la frontera colombo-ecuatoriana, específicamente hacia Sucumbios, por ser la provincia principal de recepción de los desplazados del sur del país, y por considerarse dicha frontera como una de las dos más vulnerables de Colombia.

Palabras-clave: Colombia, Plan Colombia, Iniciativa Regional Andina, Frontera Colombia/Ecuador, Desplazamiento poblacional.

*Este artículo es una síntesis de una investigación titulada: “El desplazamiento forzado de colombianos y su impacto sobre la región andina en el contexto del Nuevo Orden Mundial: el caso de Sucumbios, Ecuador”, que está en proceso de publicación

** Doctora en Ciencia Política de la New York University. Profesora titular de la Facultad de Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales de la Universidad Javeriana. E-mail: cahumada@javeriana.edu.co.

***Candidato a Doctor en Políticas Sociales y Modos de Vida de la Universidad de París. Profesor de la Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad Externado de Colombia.

La reconfiguración del orden internacional que ha tenido lugar después del 11 de septiembre de 2001, y de las intervenciones de los Estados Unidos en Afganistán e Irak en desarrollo de la cruzada mundial antiterrorista, ha traído un renovado interés de la política exterior estadounidense en Colombia y en la región andina. Convertida en el escenario principal de la guerra contra el narcotráfico desde la década del ochenta, esta región ha venido afrontando crecientes presiones, en cumplimiento de dicha política. Si bien ésta se viene desarrollando durante más de una década, hoy en día se concreta en el Plan Colombia y en la Iniciativa Regional Andina, IRA, aprobada por el Congreso de los Estados Unidos como una estrategia antinarcóticos y antiterrorista para toda la región andina.

Estas estrategias se vienen aplicando en medio de una situación marcada por el incremento de la inestabilidad sociopolítica de los países del área, que se expresa en problemas tales como la crisis económica y social de la región, el fortalecimiento militar de sus países, la emergencia de movimientos sociales y políticos que expresan el descontento de amplios sectores y la agudización de problemas tales como el desplazamiento interno y externo de la población, como es el caso de Colombia.

En este contexto internacional, el desplazamiento transfronterizo de colombianos hacia los países andinos es el resultado de la exacerbación de los factores de violencia y del deterioro de las condiciones económicas y sociales resultantes de las prioridades del Nuevo Orden Mundial: la lucha contra el narcotráfico, las políticas de liberalización económica y comercial y la cruzada mundial contra el terrorismo.

En este artículo se analiza el desplazamiento de colombianos hacia la frontera colombo-ecuatoriana, específicamente hacia Sucumbíos, por ser la provincia principal de recepción de los desplazados del sur del país, y por considerarse dicha frontera como una de las dos más vulnerables de Colombia.

El trabajo está estructurado en tres partes: la primera corresponde al marco teórico y estado del arte; en la segunda se examinan las principales estrategias del Nuevo Orden Mundial: el Plan Colombia y la Iniciativa Regional Andina; y la tercera analiza el desplazamiento forzado en la frontera entre Colombia y Ecuador.

I. Marco teórico y estado del arte

El desarrollo del marco teórico y del estado del arte del presente trabajo consta de dos partes. La primera recoge los principales enfoques teóricos a partir de los cuales se examinan las relaciones entre los Estados Unidos y Colombia en los últimos cinco años, en torno a tres temas que sintetizan las prioridades del Nuevo Orden Mundial: la política antinarcóticos, la cruzada antiterrorista y las medidas de liberalización económica. Estas estrategias se concretan en el Plan Colombia y en la Iniciativa Regional Andina. La segunda parte analiza algunos de los planteamientos teóricos sobre el problema del

desplazamiento forzado transfronterizo, desarrollados por académicos e instituciones internacionales y nacionales que se han ocupado del tema.

A. Las relaciones internacionales y las prioridades del Nuevo Orden Mundial

La analista mexicana Celia Toro llama la atención sobre cómo, a partir del decenio del noventa, prevalece en los ámbitos académicos la teoría de la interdependencia, o de la interdependencia compleja, para dar cuenta de los problemas de la región. Señala que se ha desarrollado un tipo de literatura que busca ante todo explorar las consecuencias políticas del incremento del comercio, las finanzas y las inversiones entre los Estados Unidos y los países latinoamericanos. Acorde con el discurso económico y el enfoque pragmático predominantes en torno a las ventajas que ofrece la globalización para estos últimos, se privilegian los “nuevos espacios de acción” y las oportunidades que se presentan para los países de menor poder relativo, mientras que se destacan más las oportunidades que los riesgos. Proliferan entonces los estudios de cooperación internacional como mecanismos para corregir las “fallas del mercado” y reducir los costos de transacción (Toro, 1997). De esta forma, todo el problema de las relaciones entre los Estados Unidos y los países de la región se reduce a la formalización de acuerdos comerciales y a la creación de instituciones bilaterales o multilaterales. Así se entienden, desde esta perspectiva, proyectos tan importantes como el Plan Colombia y la Iniciativa Regional Andina. Bajo este enfoque puede entenderse que la estrategia principal del Plan sea la erradicación de cultivos ilícitos mediante la fumigación, y que la lucha contra el terrorismo sea presentada por Washington y acogida por buena parte de los gobiernos de la región como un problema de cooperación internacional en pos de la defensa de unos intereses compartidos.

Desde una perspectiva teórica diferente, otros estudiosos del tema insisten en que la teoría del realismo sigue estando vigente para el análisis de la política antinarcóticos de los Estados Unidos en la región andina. Esta corriente parte del predominio del Estado, de naturaleza racional y egoísta, como actor central en el contexto de las relaciones internacionales, de la definición de sus intereses en términos de poder y de la naturaleza eminentemente anárquica y conflictiva del sistema internacional. Dentro de ella se inscriben analistas como Bruce Bagley y Juan G. Tokatlián. Para Arlene Tickner, el realismo como “ideología” tiende a percibir el tráfico de drogas como una amenaza “externa” a la seguridad nacional, más que como un problema “doméstico” (Tickner, 2001: 217).

Pero las explicaciones anteriores han sido cuestionadas desde teorías no clásicas de las relaciones internacionales, tales como el constructivismo. Quienes defienden este enfoque, desarrollado, entre otros, por Alexander Wendt, plantean que Colombia, mediante el desarrollo de su política exterior, ha hecho parte activa de lo que podría denominarse “la

forma dominante de la comunidad política internacional”, que ha sido socialmente construida alrededor del problema de las drogas. Así, de acuerdo con Sandra Borda, existen actores que “construyen, mediante su interacción de valores, normas y símbolos que guardan una relación constitutiva con la definición de sus intereses a largo plazo y de su propia identidad”. Ello quiere decir que, en la lucha contra las drogas, los intereses de los Estados Unidos y Colombia no están dados de antemano ni son impuestos mediante el mero uso de la coerción, sino que corresponden a un proceso histórico de construcción conjunta de unos marcos de entendimiento (Borda, 2002: 284). En este sentido se pronuncia también Arlene Tickner, al señalar que cuando se enfatiza exclusivamente el peso de los Estados Unidos en la orientación de la política interna e internacional de Colombia, se subestima el papel que han desempeñado algunos actores colombianos en la “construcción de una idea específica del país frente al mundo”, y se ignora que la relación bilateral con ese país es “un proceso mutuo de interacción social” (Tickner, 2002: 371).

En lo concerniente a la situación de Colombia y los demás países andinos como primera región productora de cocaína en el mundo, y a la relación de este fenómeno con las políticas económicas vigentes, también se han planteado diversas explicaciones. Darío Fajardo destaca que las regiones del sur del país, donde se cultivan prioritariamente la cocaína y la heroína, se caracterizan por ser zonas marginales, marcadas por un atraso secular en las formas de explotación de la tierra y de las relaciones de producción que se generan; al mismo tiempo existen altos niveles de concentración de la tierra y una integración nacional que ha sido difícil, debido a la pobre red vial existente en el país, reflejo de la debilidad del Estado. A ello hay que sumarle la ausencia de un proyecto nacional articulador de la sociedad, el uso común de las armas para resolver los conflictos, la existencia de una configuración geográfica muy favorable a las actividades ilícitas altamente rentables, y la pérdida creciente de la legitimidad en varios lugares del país. De acuerdo con el autor: “Así como el empobrecimiento de las colonizaciones campesinas localizadas en la Amazonia y Orinoquia facilitó el establecimiento de la coca, la crisis de la agricultura al interior de la frontera agrícola fue el escenario de la irrupción de la amapola en las tierras frías andinas” (Fajardo, 2002: 56-60).

Sobre las explicaciones que se han dado de las relaciones entre los Estados Unidos y la región andina en torno al problema de las drogas, Francisco Thoumi se refiere a dos visiones que han sido predominantes. La primera, defendida por un grupo significativo de analistas latinoamericanos, se inscribe dentro de la teoría de la dependencia y considera las drogas ilegales como expresión de las relaciones de dependencia entre el mundo desarrollado y el mundo subdesarrollado. De acuerdo con esta visión, la producción de drogas ilícitas es el resultado de la naturaleza y las características del sistema mundial capitalista y refleja una profunda desigualdad en las relaciones internacionales. Los Esta-

dos Unidos imponen sus políticas sobre los países productores con el fin de alcanzar sus metas económicas y estas políticas constituyen un ataque directo a la soberanía de los países andinos (Thoumi, 2002: 59).

La segunda visión que sintetiza Thoumi se denomina moralista, es planteada por el sector más conservador en el establecimiento norteamericano y defiende que “los valores estadounidenses son universales”, por lo que los intereses de este país y el bienestar mundial coinciden. Por ello, la política antidrogas impuesta a los países andinos no debería entenderse como una intervención imperialista tradicional, sino más bien como una estrategia que beneficia a toda la humanidad (*Ibid.*: 353).

Frente a los enfoques y planteamientos anteriormente expuestos, en el presente trabajo se señala que el análisis de la política antinarcoóticos y de la cruzada antiterrorista, expresadas en el Plan Colombia y en la Iniciativa Regional Andina debe partir del contexto específico del Nuevo Orden Mundial, caracterizado por un incremento de la dominación e injerencia de los Estados Unidos sobre los países de la región. A fines de la década de 1980, con su consolidación como único superpoder mundial, la región andina y particularmente Colombia pasaron a ser prioritarios en la nueva estrategia de la Casa Blanca y pasaron a convertirse en blanco principal de la misma.

A ese respecto, señalamos que el planteamiento del constructivismo en tomo a la participación activa de algunos actores de los países andinos en las estrategias trazadas desde Washington es acertado. Sin duda, la elite neoliberal que se afianza en el poder del Estado en toda la región desempeña ese papel activo, en la medida en que se identifica plenamente con dichas estrategias. No obstante, afirmar que éstas resultan de un proceso histórico de construcción conjunta, como lo hace la mencionada teoría, es minimizar el papel preponderante desempeñado por los Estados Unidos y su carácter marcadamente hegemónico en la región andina y en el mundo entero.

En efecto, debe destacarse la vigencia de una perspectiva crítica de análisis frente a la injerencia norteamericana, como marco para entender las estrategias derivadas del Nuevo Orden Mundial. Refiriéndose a las explicaciones que se dieron en tomo a la crisis económica de la década del ochenta en América Latina, la norteamericana Barbara Stallings señala cómo los postulados previos en tomo a la influencia extranjera fueron abandonados con demasiada prontitud. “Irónicamente, en el momento en que las variables internacionales se volvieron más relevantes en los 80, dichos planteamientos dejaron de considerarse el factor clave en las teorías del desarrollo”, anota (Stallings, 1992: 61).

En cuanto a la agudización del conflicto en Colombia y a la forma como ello afecta los intereses de los Estados Unidos en la región andina y las relaciones entre sus países, también se han pronunciado diversos analistas. Socorro Ramírez señala que la internacionalización de la problemática colombiana se ha incrementado por su desbor-

damiento hacia las fronteras y “su compleja interacción con la situación de los países vecinos”, los cuales se encuentran sumidos en una profunda crisis (Ramírez, 2001: 27). Ricardo Sánchez coincide con esta apreciación, al señalar que el problema colombiano “se ubica en una crisis de fronteras, de relaciones con los países y Estados vecinos, en un contexto de desequilibrio de estas sociedades y sus instituciones” (Sánchez, 2001: 211). Por su parte, Martha Ardila destaca que las situaciones relacionadas con la presencia de los grupos guerrilleros y los paramilitares, el incremento de la producción de drogas ilícitas y del tráfico de armas, así como los efectos del Plan Colombia en las fronteras, guardan relación con la seguridad fronteriza, por lo que tanto los Estados Unidos como los países vecinos temen que la situación colombiana desestabilice la región (Ardila, 2002: 317).

B. El desplazamiento forzado: un marco de referencia

La presente sección comienza con el recuento de algunas definiciones sobre el desplazamiento y el refugio, formuladas por las organizaciones internacionales que se ocupan del tema. Enseguida se sintetizan algunos de los principales enfoques metodológicos y teóricos sobre el problema del desplazamiento forzado.

En cuanto a las definiciones sobre el tema, se señala que en el “Informe analítico sobre desplazados forzosos” (febrero de 1992) y en el “Estudio global del Representante General para asuntos de derechos humanos relacionados forzosos” (enero de 1993), la Comisión de Derechos Humanos de las Naciones Unidas define a los desplazados como “personas o grupos de personas que se han visto forzadas u obligadas a escapar o huir de su hogar o de su lugar de residencia habitual, en particular como resultado de un conflicto armado, situaciones de violencia generalizada, violaciones de los derechos humanos o catástrofes naturales o provocados por el ser humano y en su propio país” (Oacnudh, 2001: 19).

Por otra parte, el artículo 1° (A) (2) de la Convención sobre el Estatuto de los Refugiados y el Protocolo del Estatuto de los Refugiados define a un refugiado como cualquier persona que tenga

fundados temores de ser perseguida por motivos de raza, religión, nacionalidad, pertenencia a determinado grupo social u opiniones políticas, se encuentre fuera del país de su nacionalidad y no pueda o, a causa de dichos temores, no quiera acogerse a la protección de tal país; o que careciendo de nacionalidad y hallándose, a consecuencia de tales acontecimientos, fuera del país en donde antes tuviera su residencia habitual, no pueda o, a causa de dichos temores, no quiera regresar a él (*Ibid.*, 26).

De los conceptos anteriores se deduce que, a diferencia del desplazado, el refugiado no sólo ha cruzado una frontera internacionalmente reconocida, sino también ha obtenido el estatus de refugiado por parte del gobierno del país al cual llega.

En cuanto a las instituciones que se han ocupado del tema de los desplazados en el ámbito internacional se encuentran: Acnur, la GIM, la Cruz Roja Internacional, la GEA, el Consejo Internacional de Agencias Voluntarias y el Consejo Mundial de Iglesias. En términos generales, dentro de una visión muy limitada, estos organismos relacionan el problema del desplazamiento forzado en Colombia con el reconocimiento del Derecho Internacional Humanitario y con el respeto por los derechos humanos en el país. La Cruz Roja, por ejemplo, lo hace a partir de su principio fundamental de neutralidad, que rige la misión del Movimiento Internacional y de la Media Luna Roja¹.

El análisis institucional del problema de los desplazados se inició a partir del documento Conpes No.2804 del 13 de septiembre de 1995, donde se establecieron los lineamientos principales para atender el fenómeno. En este documento se definieron como objetivos centrales la atención a la población ya desplazada y la neutralización de las dinámicas de la violencia, que generan fenómenos de desplazamiento. Estos objetivos pretendían ser cumplidos a partir de cuatro estrategias: prevención, atención inmediata, consolidación y estabilización socioeconómica y, finalmente, comunicación e investigación.

En el proceso de aceptación del desplazamiento forzado como resultado de la violencia política en el país surgió la Ley 387 del 18 de julio de 1997, mediante la cual se reglamenta el Programa para la Atención Integral a la Población Desplazada. Esta ley busca adoptar medidas para la prevención del desplazamiento forzado, la atención, protección, consolidación y estabilización socioeconómica de los desplazados internos por la violencia en Colombia (Presidencia de la República, 1998). No obstante, las políticas adoptadas por los últimos gobiernos, relativas al nuevo modelo de desarrollo y a estrategias como el Plan Colombia, van en contravía de las medidas planteadas en dicha ley, como veremos en el estudio sobre el Putumayo.

El desplazamiento forzado en Colombia se ha estudiado desde diversos enfoques. Existe uno basado en las “historias de vida” como fuente principal para la reconstrucción histórica y periodística del fenómeno. Este enfoque, que plantea una postura crítica frente a las condiciones políticas, económicas y sociales que propician el desplazamiento en Colombia, es desarrollado, entre otros, por los trabajos de Alfredo Molano (1985, 1990, 2001) y de Germán Castro Caycedo (2003).

En un plano más estrictamente académico, el tema ha sido abordado desde distintas perspectivas. En primer lugar, están quienes trabajan el marco del conflicto armado

¹ Estatutos de la Sociedad Nacional de la Cruz Roja Colombiana aprobados por la X Convención Nacional Extraordinaria-Estatutaria, febrero de 1996. Convenio de Ginebra del 12 de agosto de 1949. Richard Perruchoud, Derechos y deberes internacionales de las sociedades nacionales y de la Media Luna Roja, Instituto Henry Dunant, Ginebra, 1992.

interno, como los investigadores del IEPRI, Jaime Zuluaga Nieto (2002) y Mauricio Romero (2002). Este enfoque analiza los distintos procesos políticos, incluido el desplazamiento forzado, a partir de la intensificación y degradación de la guerra y de la relación entre sus diversos actores. Para Zuluaga, la guerra que vive Colombia es el resultado de la ausencia de procesos reformistas que posibilitaran el acceso de los sectores populares a los beneficios del crecimiento económico y de la ciudadanía. A ello se suman los elevados niveles de inequidad y exclusión; la existencia de un Estado incapaz de regular los conflictos sociales, y de un sistema político que ha bloqueado el desarrollo de una democracia moderna. En síntesis, señala que la guerra en Colombia es síntoma de una carencia de institucionalidad democrática, situación que se considera de vital importancia para que se produzca el fenómeno del desplazamiento forzado. Para Romero, por su parte, es fundamental examinar las interacciones entre el campo político legal y las organizaciones ilegales, y las estrategias de los actores regionales para plantear coaliciones con los gobiernos locales.

Una segunda tendencia desde la cual se analiza el desplazamiento forzado es la relacionada con la tenencia y uso de la tierra y con las disputas territoriales. Como representantes de dichos estudios están los trabajos de Absalón Machado (1998) y Darío Fajardo (2001). El primero de ellos señala que el avance de la gran propiedad, el deterioro de la mediana y la continua fragmentación de la pequeña propiedad han sido fenómenos acompañados de violencia, desplazamientos rurales y masacres continuas. La característica de los noventa es la conformación de una gran propiedad con ejércitos propios que defienden los latifundios como en las épocas feudales y los cultivos ilícitos o zonas estratégico-militares. “Se trata, entonces, de una involución en la estructura agraria, que refleja la pérdida de dominio territorial por parte de las autoridades y la acentuación de un Estado patrimonial en el que intereses privados priman sobre los de la colectividad”, señala (1998: 56). De acuerdo con Darío Fajardo, el conflicto colombiano, y por lo tanto el desplazamiento forzado, tiene sus raíces en viejos problemas no resueltos, como el de las relaciones políticas, económicas y sociales, derivadas del grado de concentración de la propiedad de la tierra.

Otro enfoque es el que analiza los desplazamientos urbanos, y entre sus representantes se encuentran Gloria Naranjo y Deicy Hurtado, de la Universidad de Antioquia. En sus palabras, el desplazamiento urbano produce un impacto sobre la subjetividad y la transformación de las coordenadas espacio-temporales de los desplazados, que son claves para entender cómo se da “el progresivo cambio del significado del espacio y del tiempo y sus profundas consecuencias en el mundo de los valores, actitudes, las motivaciones, los estilos cognitivos”, situaciones que inducen a “nuevas estrategias, nuevos retos, tensiones y negociaciones en la ciudad”. Este enfoque pretende superar las visiones estigmatizadoras sobre los migrantes y desplazados por la violencia, y propone reconocer cómo los aportes

culturales y sociopolíticos de los nuevos habitantes que llegan contribuyen a la configuración de las ciudades (Naranjo y Hurtado, 2002: I).

Los procesos organizativos y de resistencia de la población desplazada, sus alcances, limitaciones y retos, son estudiados por Juan Manuel Bustillo (2001). Según este autor, la resistencia de la población desplazada ha tenido antecedentes en las movilizaciones y protestas campesinas cívicas e indígenas. Normalmente el punto que siempre reclaman es la presencia estatal a través de obras de infraestructura básica, salud y educación. Debido a las fumigaciones, se han dado paros importantes, como el realizado entre finales de 1994 y comienzos de 1995, y el de 1996, que congregó aproximadamente a 57.000 campesinos, en su mayoría cultivadores de coca, que se desplazaron a los cascos urbanos de Mocoa, Puerto Asís, Grito, San Miguel y la Hormiga. En aquella ocasión demandaban el cumplimiento de los acuerdos firmados en el año 1995, la suspensión de las fumigaciones y la obtención del reconocimiento social de la problemática de los pequeños cultivadores de hoja de coca. Quienes trabajan en este tema, recopilan los antecedentes históricos y hacen los análisis de las causas y consecuencias de los hechos que llevan a la resistencia, en la que están involucrados los desplazados.

Por último, está el tema de la llamada cooperación internacional y las experiencias de acompañamiento a la población desplazada, estudiado por Richard Nordgren (2000). Desde una perspectiva crítica, señala que el papel de las organizaciones internacionales está relacionado con las políticas de los Estados Unidos, enlazadas a su vez con los intereses económicos de las multinacionales. Las situaciones de conflicto territorial, la agudización de las crisis de Colombia y sus países vecinos y el desplazamiento transfronterizo son analizados y evaluados frente al desarrollo de los grandes proyectos políticos y económicos que promueven inversiones en zonas estratégicas, dentro de ellas las zonas de conflicto. Entre estos proyectos están el Plan Colombia, el Plan Puebla Panamá, la Iniciativa Regional Andina y el Acuerdo del Libre Comercio de las Américas, ALCA. Los estudios del desplazamiento forzado se relacionan con los intereses antes mencionados y tienen como elementos comunes la evaluación de los potenciales impactos de estos planes globales en todos los aspectos de la vida económica, política, social, cultural y ambiental (Gruner, 2002).

Por último, el tema de las fronteras y el desplazamiento ha sido estudiado por entidades como CODHES (2001), el International Crisis Group (2003) y el Observatorio Andino de la Universidad Javeriana (2003). Esta línea temática estudia el desplazamiento en las zonas de fronteras, en conexión con las políticas internacionales.

El enfoque del desplazamiento forzado que se plantea en el presente trabajo parte del análisis de dicho fenómeno en el contexto de los cambios en las relaciones internacionales de la región andina, de las políticas derivadas del Nuevo Orden Mundial, y de la forma

como en los últimos tiempos dichos cambios y políticas han afectado los procesos políticos, económicos, sociales y culturales de los países de la región y sus fronteras. Este enfoque integral pretende superar las limitaciones de los enfoques anteriormente descritos, que, en términos generales, no abordan el fenómeno del desplazamiento forzado en dicho marco internacional.

II. La estrategia del Nuevo Orden Mundial: del Plan Colombia a la Iniciativa Regional Andina

Tanto por su procedencia como por sus objetivos, el Plan Colombia ha despertado una fuerte controversia nacional e internacional a partir del momento en que se anunció, a mediados de 1999, y se presentó al Congreso de los Estados Unidos para su aprobación en octubre del mismo año. Dos posiciones opuestas se han expresado frente a esta estrategia norteamericana. La primera, por parte de sus defensores, los gobiernos de los dos países, que insisten en presentarlo como un “Plan para la paz, la prosperidad y el fortalecimiento del Estado”, y como una panacea para todos los males que afligen a la nación. La segunda, encabezada por diversas organizaciones políticas y sociales, entre ellas los sindicatos y numerosas ONG que se mueven en el ámbito internacional y nacional, que han insistido en que el Plan Colombia no haría más que incentivar la guerra y la crisis social debido a su carácter marcadamente militarista².

Sin embargo, poca atención se ha prestado a los aspectos más preocupantes del Plan. Hay que partir del hecho de que su versión definitiva fue elaborada a partir de las apreciaciones de una comisión del gobierno norteamericano que estuvo dos meses en Colombia, y fue discutido y aprobado en el Congreso de los Estados Unidos antes de que se conociera siquiera en nuestro país. Ante el malestar expresado por varios sectores políticos por tan anómala situación, en especial algunos congresistas del partido liberal, el gobierno de Pastrana descalificó cualquier crítica con el argumento de que quien osara cuestionar el Plan era un enemigo de la paz y de la inversión social (Acosta, 2001: 70-73).

A. El Plan Colombia y la fumigación de cultivos ilícitos

Uno de los aspectos más cuestionados del Plan Colombia ha sido su estrategia antinarcóticos, centrada en la fumigación aérea de cultivos ilícitos. Los graves efectos que

² Para conocer visiones en mayor o menor medida críticas sobre los distintos aspectos del Plan Colombia y de la Iniciativa Regional Andina, ver los artículos de los libros: ÁLVAREZ, J. E. (compilador), *El Plan Colombia: Ensayos críticos*, Universidad Nacional de Colombia, 2001; IEPRI, *El Plan Colombia y la internacionalización del conflicto*, Planeta, 2001; y ÁLVAREZ, J. E. (compilador), *El Plan Colombia y la intensificación de la guerra*, Universidad Nacional de Colombia, 2002.

ello causa sobre las condiciones de vida y de salud de la población, la destrucción del medio ambiente, de los cultivos de supervivencia y de las fuentes de agua, han sido objeto de denuncia permanente a nivel internacional. Tampoco podría dejar de mencionarse su impacto nefasto sobre las condiciones sociales de la región, que se expresa en el incremento del desplazamiento forzado de familias enteras hacia los países vecinos, pero especialmente al Ecuador. Según cálculos del mismo documento aprobado del Plan Colombia, cerca de 400 mil personas tendrían que salir forzosamente, por lo que se asignó un recurso de inversión social con el fin de proveer atención en campamentos para las familias afectadas.

De acuerdo con un informe del Comité de los Estados Unidos para los Refugiados (USCR), una ONG estadounidense, en Colombia hay 2.45 millones de desplazados, de los cuales el 47 por ciento son mujeres y niños, lo que convierte al país en el segundo del mundo con la población más alta en desplazados internos, solamente después de Sudán. El informe responsabiliza al Plan Colombia por el desplazamiento de más de 36 mil personas durante el 2001 y afirma que 42 pueblos fueron completamente abandonados durante este periodo³.

Sin duda, la fumigación aérea es una de las estrategias vitales del Plan Colombia. En abril del 2002, altos funcionarios del Departamento de Estado anunciaron que su país cancelaría los programas de sustitución de cultivos que venía financiando en Putumayo y Caquetá. Este programa de desarrollo alternativo aparecía como uno de los ejes del Plan Colombia, pero dos reportes oficiales de los Estados Unidos, uno de la GAO (Controladoría General del Congreso) y otro del Departamento de Estado, habían advertido que el programa no estaba funcionando (ARI, 2003: 10). Estas afirmaciones en torno al fracaso de la erradicación manual permiten entender el énfasis fundamental que le están proporcionando a la fumigación aérea. En este sentido, el Subsecretario de Asuntos Antinarcóticos del Departamento de Estado norteamericano, Rand Beers, había afirmado tiempo atrás en forma tajante: “Intensificaremos las fumigaciones”, y agregó: “Sí, vamos a fumar todo el país para que la gente entienda que está corriendo un riesgo”⁴.

B. El giro hacia la cruzada antiterrorista

En enero de 2000, la llegada al poder de la Casa Blanca del grupo de “los halcones”, representado por el sector más conservador del Partido Republicano, trajo un fortaleci-

³ Sudán y Colombia: 1-2 en desplazados”, *El Tiempo*, 7 de junio de 2002, p.1-20.

⁴ “Intensificaremos las fumigaciones”, *El Tiempo*, septiembre 1 de 2001, p.1-3.

miento de la política represiva de los Estados Unidos frente al narcotráfico. Este sector está representado por el mismo presidente Bush y los altos funcionarios de su gobierno.

Sin duda, los atentados del 11 de septiembre y la cruzada global contra el terrorismo, convertida en prioridad de la política exterior de los Estados Unidos, reafirmaron esa tendencia hacia una mayor represión. En consonancia con el giro que se presenta después de este episodio, los pronunciamientos de los funcionarios de Washington sobre Colombia empezaron a reflejar la nueva situación, y las FARC pasaron de ser una “organización narcotraficante” para convertirse en una guerrilla “terrorista” que amenaza la seguridad hemisférica⁵.

En medio de la feroz reacción desatada por los atentados de septiembre, el gobierno de los Estados Unidos tomó la decisión de reforzar la lucha contra el terrorismo en toda la región. “Mi oficina está trabajando con las diferentes agencias del gobierno para diseñar una estrategia antiterrorista para Colombia y otros países andinos”, afirmó por ese entonces el mismo Francis Taylor. Esta estrategia está diseñada para complementar el Plan Colombia y la Iniciativa Regional Andina⁶. Meses después, los Estados Unidos y los países andinos se comprometieron a desarrollar una estrategia común de lucha contra los grupos terroristas que recurren al narcotráfico. Tal fue la decisión de la reunión sostenida entre los mandatarios de los Estados Unidos, Colombia, Perú, Bolivia y el vicepresidente de Ecuador, el 24 de marzo del 2002 en Lima.

El apoyo a la Brigada XVIII para defender el oleoducto Cafío Limón-Coveñas marcó un giro significativo de la política exterior hacia Colombia, al igual que el cambio que aprobó el Congreso de ese país frente al uso de la ayuda militar. En efecto, decidió destinar 98 millones de dólares a esta brigada, con el objeto de dotar y capacitar a cerca de 4 mil soldados, así como para la adquisición de doce helicópteros, con el fin de darle movilidad a la brigada.

Por último, en la trigésima segunda versión de la Asamblea General de la Organización de Estados Americanos, reunida en Barbados a comienzos de junio del 2002, se aprobó por absoluta mayoría una nueva Convención Interamericana contra el Terrorismo. Los países miembros de la OEA se comprometieron a incrementar su cooperación y a hacer más estrictos sus controles fronterizos, así como a confiscar los fondos y los bienes de los grupos identificados como terroristas. Un punto cardinal de esta convención, indudablemente el que más preocupa desde el punto de vista de los derechos elementa-

⁵ Arlene E. Tickner, “Bush, Hollywood y las FARC”, *El Tiempo*, febrero 3 de 2002, p. 124

⁶ *Ibid.*

les de las personas, es que por primera vez se excluye los motivos políticos como causa para negar la extradición de alguien a quien se le acuse de un ataque terrorista, y los Estados se comprometen a negar asilo o estatus de refugiado a cualquier persona contra la cual existan “razones fundadas” para considerar que ha participado en terrorismo⁷.

C. La Iniciativa Regional Andina: componentes y significado

La Iniciativa Regional Andina, presentada al Congreso por el presidente Bush en abril del 2001 y aprobada poco tiempo después, prevé extender la estrategia antinarcoóticos y antiterrorista del Plan Colombia a los países limítrofes con el nuestro. Para el desarrollo de este programa, en el 2002 se asignaron 882 millones de dólares a siete países de la región: Colombia, Perú, Bolivia, Ecuador, Venezuela, Brasil y Panamá.

De acuerdo con documentos oficiales del gobierno de los Estados Unidos, la región andina es importante para ese país por las siguientes razones: primera, en ella se encuentran los tres principales productores de droga, que responden por el ciento por ciento de la cocaína y el 60 por ciento de la heroína que entran al mercado de Estados Unidos; segunda, en la región hay dos importantes productores de petróleo, Venezuela y Ecuador, que le proporcionan a los Estados Unidos una cantidad significativa de crudo y son miembros de la OPEP; tercera, este país es el principal socio comercial de todas las naciones andinas y, cuarta, allí se encuentran algunos de los países de mayor población de Latinoamérica, incluidos Brasil y Colombia (ARI, 2003: 9).

En desarrollo de la Iniciativa Regional Andina, el 4 de febrero del 2002 el presidente Bush presentó su proyecto de presupuesto ordinario para las Operaciones en el Extranjero del año fiscal 2003 (1 de octubre del 2002 al 30 de septiembre del 2003), en el cual incluyó 731 millones de dólares para el combate al narcotráfico en la región andina, canalizados mediante la Iniciativa Antinarcoóticos Andina (Andean Counterdrug Initiative ACT). Las autoridades norteamericanas esperan que Colombia, que sigue siendo el mayor receptor, erradique en el 2003, 200 mil hectáreas de coca (el doble del 2002) y 10 mil de amapola⁸. Aparte de los recursos para combatir el narcotráfico, la Iniciativa incluye ayuda para el fortalecimiento de la democracia y el desarrollo en la región.

Dentro de los argumentos que el gobierno de los Estados Unidos ha esgrimido para impulsar la IRA se encuentra la necesidad de abordar la preocupación de los países vecinos a Colombia por la expansión de los problemas relacionados con el narcotráfico y

⁷ “OEA, firme contra el terrorismo”, *El Tiempo*, junio 4 de 2002, p.1-16.

⁸ “Llegó ‘la pesada’ de E.U.”, *El Tiempo*, febrero 5 de 2002, p.1-6.

en especial por la aplicación del Plan Colombia en el sur del país, lo que podría resultar en la masiva migración de desplazados, guerrillas, paramilitares y narcotraficantes, a través de las porosas fronteras que existen entre estos países (Mack, 2001: 1-9). Con la IRA se pretende, entonces, crear una especie de muro de contención en las fronteras y aumentar significativamente el pie de fuerza en los países más afectados por el conflicto colombiano y por el desplazamiento de cultivos ilícitos⁹.

La administración Bush ha señalado que al haber declinado significativamente la capacidad de las fuerzas armadas para apoyar las instituciones democráticas, controlar las fronteras internacionales y respaldar los esfuerzos antidrogas, los países andinos se beneficiarán enormemente de una modesta inyección de ayuda de seguridad en forma de Financiamiento Militar Extranjero (FMF), Adiestramiento y Educación Militar en el Extranjero (IMET) y del contacto incrementado con militares estadounidenses en general¹⁰. Ejemplos claros de la implementación de estas medidas son la “Iniciativa para la Frontera Norte” en Ecuador y la “Operación Cobra”, lanzada por Brasil, como un esfuerzo para hacer respetar la ley en la región fronteriza con Colombia mediante un refuerzo policial y militar de las fronteras amazónicas. Se trata de defenderse de las incursiones de la guerrilla, del ejército colombiano, de los narcotraficantes y de la población que huya hacia dicho territorio si se intensifica la guerra en Colombia¹¹. Bolivia, por su parte, bajo presión norteamericana ha combatido los cultivos ilícitos mediante su “Plan Dignidad”, por medio del cual el gobierno actual adelanta una serie de acciones destinadas a sacar al país del circuito de la cocaína¹². Asimismo, Venezuela, por ser una ruta importante de tránsito para las drogas ilícitas hacia los Estados Unidos y Europa, por la cual pasa un estimado de más de cien toneladas métricas de cocaína al año, también ha cooperado con la interdicción de drogas (Mack, 2001:9).

Frente al tema de la democracia, el documento oficial de la Iniciativa Regional Andina plantea que “la región andina representa un desafío para la política exterior de los Estados Unidos. La democracia está bajo presión allí, el desarrollo económico es lento y el progreso hacia la liberalización es inconstante”¹³. De acuerdo con esta declaración, el

⁹ Reunión entre Pinto y Bush en Lima, <http://www.mmree.gov.ec/español/boletines%20Prensa/Temas/Visitas/Reunion%20pinto%Bush%lima.htm>

¹⁰ *Ibid*, pág 13 de 15

¹¹ http://www.elpais.com.uy/03/0627/ultimo_47044.asp. “El lanzamiento de I Plan Cobra; Brasil reforzó su frontera amazónica”, en *El Clarín*, Buenos Aires, 28 de septiembre de 2000, <http://www.geocities.com/senalesdevida/brasilreforzo.htm>

¹² “Opinión del embajador Rocha es irrelevante sobre Plan Dignidad”, 22 de octubre del año 2001 Sucre- Bolivia http://www.correodelsur.com/20011022/w_nacional2.shtml.

¹³ <http://usinfo.state.gov/español/ari/01042101.htm>. 21 de abril de 2001.

gobierno estadounidense expresa su preocupación frente al hecho de que en la región andina la democracia se vea cada vez más amenazada por una multiplicidad de factores asociados, entre otros, a la debilidad de las instituciones democráticas, la corrupción y la crisis económica. En la óptica estadounidense, ha habido un incremento de movimientos políticos catalogados como no democráticos, que expresan resistencia ante las actuales condiciones sociales, económicas y políticas que se viven en la región¹⁴.

La Iniciativa Regional Andina examina también, de manera particular, la situación de la insurgencia y del proceso de paz en Colombia. Al respecto, aunque el gobierno de los Estados Unidos recalca la necesidad de resolver el conflicto colombiano por la vía pacífica, considera que un proceso de paz negociado en estos términos requeriría de mucho tiempo y esfuerzos, por lo que la solución inmediata debe consistir en reducir el financiamiento de la insurgencia a través del tráfico de drogas ilícitas, mediante el fortalecimiento de las fuerzas armadas del Estado. Este objetivo se complementa con el propósito de contener la violencia que desde Colombia puede trasladarse a los países vecinos, preparando a las regiones fronterizas para a un posible flujo de refugiados por medio de programas de ayuda para el desarrollo alternativo. No obstante, más allá de lo que se plantea en este documento oficial, en la práctica, la estrategia principal y determinante frente al problema de los cultivos ilícitos no es otra que la de intensificar la fumigación aérea, como ya se señaló.

En lo que respecta al desarrollo económico y el comercio, el gobierno estadounidense recalca la necesidad que tienen los Estados de la región de estabilizar sus economías por medio de las denominadas reformas estructurales que han venido poniendo en práctica en estos países a partir de la década de los noventa. Con dichas políticas se pretende estabilizar a la región en materia económica y, por ende, fortalecer la democracia¹⁵.

La renovación de la ATPA (Acuerdo de Preferencias Arancelarias para la Región Andina, ahora conocida como ATPDEA), también hace parte de los puntos fundamentales del tema de desarrollo y comercio en la Iniciativa Regional Andina. Este acuerdo fue introducido por el Presidente Bush padre como parte de la estrategia antidrogas de su país y cubre a los países andinos, con excepción de Venezuela. Sin embargo, para acceder efectivamente a los limitados beneficios de dicho acuerdo, los países debieron demostrarle al gobierno de los Estados Unidos que cumplían con veintiún requisitos, que se refieren a temas como la no expropiación, el respeto a la propiedad intelectual, la elimi-

¹⁴ Colombia Project. The Center for International Policy's, Hoja informativa Del Departamento de Estado sobre la política de Estados Unidos con respecto a la región andina, mayo 17 de 2001. p. 2 de 15.

¹⁵ *Ibid.*, p. 7 de 15.

nación de los subsidios a las exportaciones, el compromiso con el ALCA, además del respeto a los fallos de los tribunales de arbitraje. En tal sentido se pronunció el secretario adjunto de Comercio de la pasada administración norteamericana, William Lasb, durante su visita a Colombia a fines de abril del 2002: “El ATPA fue creado para compensar a los países en su lucha contra las drogas, pero los beneficios no pueden ser gratuitos”, señaló con claridad¹⁶.

De la misma manera, los Estados Unidos han querido integrar el Acuerdo de Libre Comercio de las Américas, ALCA, a la IRA. Por ello, la Iniciativa insiste en la necesidad de la liberalización comercial que según el gobierno estadounidense se ha desenvuelto de manera desigual en la región. Se evidencia la preocupación del gobierno porque la mayoría de sus países mantienen todavía barreras al comercio y la inversión, que retardan el crecimiento económico.

IV. La frontera entre Colombia y Ecuador: una situación crítica

El sur del país y el territorio que comprende la frontera colombo-ecuatoriana se constituyen en la zona más importante de aplicación de las estrategias antinarcóticos dirigidas por los Estados Unidos, por cuanto es uno de los territorios aptos para la siembra de cultivos ilícitos.

En este contexto, la Iniciativa Regional Andina pretende crear un muro militar de contención frente a los actores armados y los cultivos ilegales. Sin embargo, las acciones militares hasta ahora adelantadas parecen haber desembocado, no precisamente en una reducción del problema de las drogas, sino en la profundización de la crisis social y humanitaria que se expresa a través de los múltiples desplazamientos transfronterizos, y la situación de conflicto y tensión militar que se vive en la frontera.

Las estrategias militares y sociales llevadas a cabo hasta ahora en la región y más particularmente en Colombia, están incrementando el desalojo y la expropiación violenta de campesinos, comunidades indígenas y negras, así como los atropellos contra el medio ambiente y el Derecho Internacional Humanitario.

1) Las cifras del desplazamiento forzado

Las alteraciones del mapa sociodemográfico de Colombia como consecuencia de los desplazamientos por la violencia, cuyo resultado es la fragmentación, polarización y

¹⁶ “E.U. lanza ultimátum”, *El Tiempo*, abril 30 de 2002, p.1-12; “Los pasos para el ATPA”, *El Tiempo*, mayo 27 de 2002, p.2-9.

desintegración de la sociedad, tienen como muestra representativa el caso de las fronteras con Colombia. De acuerdo con Jorge Rojas, presidente de Codhes, “en las zonas de frontera se mantiene la tendencia de migraciones forzadas de carácter temporal, que responden a las dinámicas del conflicto armado y que afectan territorios de países vecinos, cuyos gobiernos insisten en medidas restrictivas que agravan la crisis humanitaria” (Rojas, 2003: 44).

En un contexto de violencia generalizada, cuyos rasgos sobresalientes han sido un incremento de las disputas territoriales entre paramilitares y guerrilleros, la amenaza contra las autoridades locales, el acentuamiento de las políticas represivas del Estado y de las fumigaciones aéreas, el problema del desplazamiento forzado de colombianos hacia los países vecinos ha aumentado de manera notoria. Siguiendo las estadísticas recogidas por Codhes, este problema se volvió especialmente agudo en los departamentos fronterizos con Ecuador, Venezuela y Panamá, países a los cuales cruzaron, sólo entre los años 2000 y 2001, alrededor de 37 mil compatriotas. Según documentos oficiales, en las naciones mencionadas cerca de 6 mil ciudadanos presentaron solicitud de refugio, de las cuales aproximadamente 1.800 fueron aceptadas, en su mayoría en Ecuador. Se estima que sólo diez de cada cien colombianos que cruzan la frontera en busca de refugio y protección presentan solicitud oficial a los gobiernos de los países vecinos, y sólo a cinco de esos diez se les otorga el estatus de refugiado, en tanto que los demás siguen indocumentados¹⁷.

En lo que respecta a Ecuador, en los últimos cuatro años los efectos de la crisis interna colombiana han venido afectando de manera negativa la frontera, aumentando los índices de delincuencia común y criminalidad en la región. Esto se debe a las acciones de los grupos colombianos al margen de la ley, guerrilla y paramilitares, que buscan esconderse de las autoridades en la selva ecuatoriana. Adicionalmente, se ha incrementado el número de personas desplazadas por la violencia hacia localidades en la frontera como Lago Agrio (hoy Nueva Loja) y Carchi, deteriorando los indicadores socioeconómicos de la zona. Este desplazamiento ha aumentado considerablemente desde la implementación del Plan Colombia en el Putumayo, a partir de diciembre del 2000. La Iglesia Católica, ACNUR y otras entidades, sostienen que la mayor cantidad de desplazados que cruzan la frontera desde Colombia procede de los departamentos de Narino y Putumayo. Este último concentra la mitad de las más de 140.000 hectáreas de cultivos de coca y amapola existentes en el país. Los campesinos colombianos se han refugiado mayoritariamente en Santo Domingo de los Colorados, Carchi, Esmeraldas y Sucumbíos.

¹⁷ *Ibid*, *La Hora*, Quito, mayo 15 de 2003.

Señalemos que las poblaciones colombianas y ecuatorianas de la frontera han tenido una relación de vieja data, pues las migraciones de Colombia a Ecuador y viceversa son tan antiguas como el comercio entre los dos países. En la provincia de Sucumbíos ha habido desplazamientos de colombianos desde el decenio de los 50, por lo que se puede creer que muchos de los actuales desplazados buscan refugio entre sus familiares. La primera oleada importante de migración de colombianos se presentó en los años 70, a raíz de las actividades de producción y exportación de petróleo en Ecuador. Esto hizo que cambiara la dinámica poblacional en Sucumbíos debido a los nuevos asentamientos de migrantes colombianos. Una segunda oleada de migrantes provenientes del sur del país se inició en 1998. Este grupo está conformado en su mayoría por población campesina que sale debido a la difícil situación económica, el abandono del Estado, la presión de los actores en conflicto y más recientemente por las fumigaciones.

El incremento del número de desplazados colombianos en el Ecuador durante los últimos tres años ha sido notorio. De acuerdo con José Euceda, representante de la ACNUR en el país, en el censo del 2001 aparecieron registrados 51.000 colombianos¹⁸. Entre el 2000 y mediados del 2003, Ecuador ha recibido 16.100 solicitudes de refugio de colombianos. Datos de esta entidad señalan que las solicitudes se incrementaron en un 50 por ciento entre agosto y septiembre de 2002, provenientes de los departamentos colombianos antes mencionados. El incremento responde a la intensificación de las fumigaciones de cultivos en el sur de Colombia, al recrudecimiento de los combates entre el Ejército y a la acción de los grupos armados. De acuerdo con distintas fuentes, entre ellas algunos líderes campesinos de tales departamentos, muchos de los labriegos huyen hacia Ecuador debido a las aspersiones y a los daños que han provocado en la salud de la población, los animales y los cultivos lícitos¹⁹.

De la misma manera, para el ministerio de Relaciones Exteriores de Ecuador el incremento del desplazamiento de colombianos es preocupante. Mientras que durante la década del noventa hubo un promedio de 60 solicitudes de refugio por año, el problema se agudizó en el 2000, cuando de golpe se recibieron 413 solicitudes de refugio, 323 de las cuales correspondían a colombianos (78.2 por ciento). En el 2002 hubo 6.270 solicitudes, de las cuales 6.244 (99.6 por ciento) correspondieron a colombianos. La distribución de esta última cifra fue: 749 solicitudes en el primer trimestre, 1.462 en el segundo trimestre, 1.563 solicitudes en el tercer trimestre y 2.496 en el cuarto. En el primer trimestre del 2003 se recibieron 5.142 solicitudes, un promedio

¹⁸ Entrevista personal con José Euceda, Quito, abril 4 de 2003

¹⁹ "Record de pedidos de refugio en octubre", *Diario Norte*, octubre 14 de 2002, p.31 ; *La Hora*, mayo 15 de 2003.

mensual de 1.285, 42 casos por día. Entre enero de 2002 y enero de 2003 se presentó un incremento del 1.100 por ciento, y entre enero del 2000, cuando se registraron 13 solicitudes y enero de 2003, el incremento fue de 12.630 por ciento²⁰. Lo más significativo es que estas personas desplazadas por la violencia no son necesariamente campesinos provenientes de zonas rurales, sino personas que están huyendo de la guerra urbana de los grupos armados colombianos²¹. Adicionalmente, por información reciente de la Cancillería se sabe que los refugiados no están en albergues de la línea de frontera sino que se establecen en casi todas las provincias del país. Cerca del 40 por ciento de las personas que han solicitado refugio está en Quito, mientras que el resto se encuentra en Guayaquil, Ibarra, Ambato y otras ciudades.

Esta situación, sumada a la evidente incapacidad institucional de los Estados para implementar la Ley 387 para la prevención del desplazamiento y protección de la población desplazada por el conflicto, y a la falta de directrices claras para atender a los desplazados por la erradicación de cultivos ilícitos, propicia el desbordamiento de la crisis humanitaria que se vive en la frontera norte.

Sin embargo, lo cierto es que la cifra de desplazados por el conflicto colombiano puede ser mucho mayor de lo que muestran las estadísticas, pues se trata de personas que no sólo no se identifican como tales, sino que ponen en riesgo su vida y la de su familia si solicitan refugio²². De acuerdo con el funcionario de alto nivel del ministerio de Relaciones Exteriores de Ecuador antes mencionado, del considerable número de desplazados procedentes de Colombia, sólo alrededor de un 5 por ciento solicita el estatus de refugiado²³.

Otros funcionarios estatales en Ecuador han considerado también como crítica la situación en la frontera norte. Francisco Javier Bonilla, Coordinador de las Organizaciones de Derechos Humanos de la Defensoría del Pueblo de Ecuador, considera que de alguna manera la guerra o la violencia de Colombia se va a trasladar a su país. Esto se confirma con la ocurrencia de actos de violencia delincuenciales en la mayoría de los cuales están involucrados lamentablemente ciudadanos colombianos. Para el funcionario, esto

²⁰ Entrevista personal a Fabián Valdivieso Eguiguren, Director General de Derechos Humanos, Asuntos Sociales y Ambientales, Ministerio de Relaciones Exteriores, Quito, abril 3 de 2003; *El Comercio*, Quito, junio 18 de 2003.

²¹ *Ibid*, *El Universo*, Guayaquil, Ecuador, 27 de mayo de 2003.

²² *El Comercio*, junio 18 de 2003.

²³ Entrevista personal a Fabián Valdivieso Eguiguren, Director General de Derechos Humanos, Asuntos Sociales y Ambientales, Ministerio de Relaciones Exteriores, Quito, abril 3 de 2003. "El colombiano que llega a Ecuador se camufla muy fácilmente, debido a las similitudes étnicas, culturales y religiosas....Definitivamente, para Ecuador este problema sí representa un conflicto y una situación anómala", señaló.

ha generado en la ciudadanía una situación de precaución. máxima, de miedo permanente y, aunque no se pueda decir xenofobia, sí hay una actitud de temor. Esta situación está relacionada con el problema del Plan Colombia²⁴. Al respecto, afirma que “muchas personas no pasan por el puesto de frontera, sino por otros lados (...) la frontera es extensa y por cualquier lado pueden pasar y lo hacen, entonces el hecho de que ellos entren sin documentos les pone en evidencia y en sospecha rápidamente”. A esto se suma que en Ecuador se conoce que el presidente Álvaro Uribe está dispuesto a combatir a la guerrilla y al narcotráfico, con las consecuencias que esto supone, incluido el traslado de la violencia a este país, “ustedes ya constataron cómo se vive en Lago Agrio, para nosotros el tema de Lago Agrio es un tema que nos asusta mucho”²⁵.

La Comisión de Buena Vecindad, conformada por los dos gobiernos para afrontar el tema del desplazamiento, determinó la existencia de tres zonas vulnerables en la frontera. La primera, que incluye las parroquias de Cannelo y Urbina, con ocho pasos ilegales, por los cuales los guerrilleros pasan los sábados, vestidos de civil, para abastecerse en el mercado ecuatoriano. La segunda zona abarca Tulcán y la parroquia Tuffio y tiene seis pasos. La tercera zona comprende el sector noroccidental, donde hay ocho caminos no permitidos, todos peatonales²⁶.

El presidente Gutiérrez advirtió que a pesar de las dificultades de orden público que mantienen militarizado el territorio norte, existe la intención de su país de eliminar las trabas que afectan las relaciones comerciales con Colombia, incluido el cierre nocturno de la frontera que empezó a regir meses atrás. Durante su entrevista con Uribe en Bogotá, Gutiérrez dijo que “vamos a seguir analizando el tema y le podría anticipar que levantaríamos esa restricción”. Asimismo, manifestó que exigir visado a los colombianos tampoco sería una solución definitiva para evitar la entrada de delincuentes a su país, “porque hay una serie de pasos clandestinos en las fronteras y porque los narcotraficantes y guerrilleros podrían pagar por obtener un visado”²⁷. En total hay 23 pasos ilegales entre Colombia y Ecuador a lo largo de la frontera, que permiten a los guerrilleros pasar a este país para abastecerse en el mercado ecuatoriano²⁸.

²⁴ Entrevista realizada el de abril del 2003, en Quito, Ecuador.

²⁵ *Ibid*

²⁶ *El Comercio*, junio 18 de 2003.

²⁷ “Lucio Gutiérrez no admitirá embajadores de las FARC en Ecuador” <http://www.co.starmedia.com/Articulo/262148.shtml>. Bogotá diciembre 2.

²⁸ *El Comercio*, Quito, Ecuador, 18 de junio de 2003.

2) Incremento militar en la frontera

En su reunión con el mandatario norte americano de comienzos de febrero del 2003, el presidente Lucio Gutiérrez aceptó el entrenamiento de los militares ecuatorianos por parte de expertos de los Estados Unidos, con el objeto de frenar la actividad de la guerrilla colombiana en la frontera. En virtud de dichos compromisos, el gobierno anunció un refuerzo de la vigilancia fronteriza, mediante la instalación de dos destacamentos, uno de la Marina y otro del Ejército, además de 1.600 efectivos en la provincia de Esmeraldas. Aunque no se conoce de manera oficial el número de militares ecuatorianos que custodian la frontera con Colombia, se estima que hay más de 10.000 a lo largo de los más de 6.000 kilómetros²⁹. El mandatario ecuatoriano informó que llegarían 18 helicópteros, 100 jeeps y 50 camiones de ayuda militar de los Estados Unidos³⁰. Lo cierto es que los gastos de defensa de Ecuador se incrementaron de 490 millones de dólares en el 2002 a 690 millones en el 2003 y ello tiene que ver de manera decisiva con la frontera norte³¹.

De otra parte, el Comando Conjunto de las Fuerzas Armadas anunció que las tres ramas de las fuerzas militares iniciaron operativos de interdicción marítima desde la base Eloy Alfaro, de Manta, en Manabí. La fase previa a la ejecución de dichos operativos se inició con la movilización desde Guayaquil hacia la base de dos aviones radares, tres aviones T-34 y tres helicópteros de la Armada. Manta fue escogida por su ubicación central estratégica y su infraestructura, que permiten un rápido despliegue hacia el sector nororiental del país³².

La utilización de esta base militar para actividades antinarcóticos por parte de los Estados Unidos, en virtud de un convenio suscrito el 12 de noviembre de 1999 por el gobierno de Jamil Mahuad, ha generado el rechazo de diversos sectores sociales y políticos del país vecino. De acuerdo con Diego Delgado Jara, se trata de un acuerdo inconstitucional, porque nunca fue aprobado por el Congreso. El acuerdo establece que Ecuador renuncia a cualquier reclamo “por concepto de daño, pérdida o destrucción de bienes gubernamentales, a consecuencia de actividades relacionadas con este acuerdo, o por concepto de lesiones o muertes sufridas por el personal”. Pero mediante el artículo 14

²⁹ “Presidente confirma que Estados Unidos cooperará a vigilar frontera con Colombia (sic)”, *La Verdad*, Ibarra, Ecuador, febrero 14 de 2003, p.3.

³⁰ *El Universo*, abril 25 de 2003, p.9A

³¹ *El Comercio*, febrero 14 de 2003, p.6A.

³² www.eluniverso.asp, febrero 27 de 2003.

se le hace una concesión adicional a las tropas extranjeras: a las naves que estén exclusivamente al servicio no comercial de los Estados Unidos y que este país posea u opere, se les otorgará en las base navales ecuatorianas el mismo trato que a las bases de la Armada Nacional del Ecuador³³.

En este contexto, el establecimiento de la base militar de Estados Unidos en Manta podría representar un riesgo para la seguridad de los Estados y una evidente pérdida de soberanía. Algunos medios de comunicación independientes ya han alertado sobre las implicaciones que podría tener la instalación de esta base militar; se afirma, por ejemplo, que Manta se ha transformado en una estrategia de Estados Unidos para intervenir militarmente en Colombia, involucrando al vecino país en la violación cotidiana de los derechos de soberanía y autodeterminación del pueblo colombiano, lo que abre el riesgo de la extensión del conflicto que desangra a Colombia³⁴.

Frente a la problemática que entrafía la estrategia militar que se está imponiendo sobre la región andina por medio de este proyecto, Alexis Ponce llama la atención sobre el nuevo papel que se le asigna a las fuerzas armadas de la región andino-amazónica y sostiene que en el acápite “Ayuda de Seguridad” se reasignan “nuevos roles” a estos ejércitos, basándose exclusivamente en los intereses nacionales de los Estados Unidos: ya no en el resguardo de la soberanía, sino en el combate a las drogas y a lo que el Departamento de Estado cataloga como “amenazas reales y actuales a la seguridad nacional”³⁵. Tal incremento de los niveles de militarización en la región constituye un factor de tensión entre los países de la región, el cual podría desestabilizar sus relaciones económicas, sociales y políticas.

Sin embargo, y acogiendo la nueva prioridad estratégica de enfrentar el terrorismo, el gobierno de Gutiérrez aceptó reformular el convenio, de manera que la base se pueda utilizar para el desarrollo de actividades relacionadas con este objetivo. Se sabe que 144 vuelos mensuales de los Estados Unidos salen de la base de Manta y se habla de que Gutiérrez estaría negociando la entrega de la Isla Baltra, en el archipiélago de las Galápagos, para el establecimiento de otra base militar al servicio del ejército del país del norte³⁶. Entre las denuncias que se han hecho en torno a las actividades norteamericanas en la

³³ Diego C. Delgado Jara, “Lo que piensa y hace Lucio Gutiérrez”, Ecuador. *Intermedia*, junio de 2003.

³⁴ <http://www.ecuador.indymedia.org/es/2002/08/31.sht1ml>.

³⁵ Ponce, Alexis., Vocero APDH y del grupo civil de monitoreo de los impactos del Plan Colombia en el Ecuador. “Iniciativa Regional Andina: una estrategia integral para tiempos de guerra global” <http://www.derechos.org/nizkor/colombia/doc/llan/ecuglob.html>, 19 de marzo de 2002. Pág. 2 de II.

³⁶ *El Comercio*, marzo 26 de 2003; *La Hora*, mayo 27 de 2003.

base de Manta, se menciona que la multinacional estadounidense DynCorp, que maneja la logística del Puesto de Avanzada de los Estados Unidos (FOL) en la base, parece dedicarse a actividades antisuversivas al servicio del gobierno de su país, mediante la contratación de mercenarios.³⁷

En abril de 2002, el Subsecretario de Estado norteamericano afirmó que los grupos terrorista Al Qaeda y Hizbula operaban en la zona fronteriza de Ecuador con Colombia y Perú, destacando que Ecuador necesitaba la ayuda estadounidense para afrontar dicha amenaza. La noticia fue percibida por analistas de ese país como una estrategia tendiente a crear las condiciones para modificar el convenio de Manta y para lograr la asignación de fondos del Plan Colombia, cuando era discutido en el Congreso de los Estados Unidos. Ante el escándalo provocado por las declaraciones, la Embajadora de ese país en Ecuador, Kristie Kenney, tuvo que rectificar, señalando que:

Estamos preocupados por la presencia de seguidores de Ramas y Rizbula en varias regiones de América del Sur, incluyendo el área fronteriza entre Paraguay, Brasil y Argentina, así como la presencia de grupos más pequeños en países como Colombia. Estamos más preocupados aún por los flujos financieros que seguidores y simpatizantes que viven en estas áreas envían a estas agrupaciones en el Medio Oriente.³⁸

En un informe reciente del Departamento de Estado, su Secretario Colin Powell afirmó que en Ecuador “los débiles controles financieros del gobierno, la inadecuada preparación del personal de seguridad y el extendido fraude documental limitan los esfuerzos contra el terrorismo”³⁹. Esa declaración permite entender por qué, en lo que respecta a la conflictiva frontera norte de Ecuador, los Estados Unidos han ratificado su intención de continuar apoyando al país vecino con la ejecución de planes de contención y la ayuda con infraestructura para el control de la violencia en la zona. La Embajadora de Washington en Quito ha insistido en la necesidad de trabajar juntos en la protección de la frontera. En mayo de 2003 inauguró la Jefatura Provincial Antinarcóticos de Sucumbíos, un cuartel construido con los mismos lineamientos castrenses de los de Estados Unidos: cinco bunkers de seguridad, una torre de vigilancia estratégica y una caseta de control vehicular. En su construcción el gobierno norteamericano invirtió dos

³⁷ “DynCorp bajo observación y las Farc no están en Ecuador”, *La Hora*, mayo 4 de 2002.

³⁸ “Estados Unidos aclaró que Al Qaeda no opera en Ecuador”, *El Comercio*, Quito, abril 20 de 2002.

³⁹ Departamento de Estado, “Pautas del terrorismo mundial 2002”, citado por Marcelo Larrea, www.llaacta.org/notic/, junio 10 de 2003.

millones de dólares. La Embajadora anunció igualmente que se construirían cuatro centros de control antidrogas en la frontera: en San Lorenzo y Mataje en la provincia de Esmeraldas, Lumbaqui en Sucumbíos y Buenos Aires en el límite entre Imbabura y Esmeraldas, en un lapso de dos años.

Lo cierto es que las provincias fronterizas con Colombia están experimentando un proceso de militarización sin precedentes. En abril del 2003 el presidente Gutiérrez suscribió el Decreto Ejecutivo de Áreas de Reserva, que establece que las zonas fronterizas se incluirán en el Plan de Guerra de las Fuerzas Armadas. Algunas de las medidas tendientes al establecimiento de esta zona de guerra son: la eliminación del libre tránsito, la realización de un censo para obtener información sobre las actividades de las personas que viven en el área y el control motorizado, con el apoyo de los suministros de los Estados Unidos. “Colombia lucha por su propia democracia y Ecuador debe ayudarla”, afirmó la Embajadora en cuestión⁴⁰. Tal como lo señala Marcelo Larrea, con ello se apunta a la supresión de derechos civiles constitucionales inalienables⁴¹.

3) La frontera norte de Ecuador: crisis social y humanitaria

En el Segundo Encuentro Internacional de Solidaridad y por la Paz en Colombia y América Latina se manifestó que, por su naturaleza de contrainsurgencia, el Plan Colombia y su complemento, la Iniciativa Regional Andina, se dirigen primordialmente contra la población civil de Colombia y tienen como objetivo inmediato destruir o neutralizar la resistencia de todo sujeto social opuesto al proyecto de reestructuración neoliberal de la economía colombiana y latinoamericana. Además se puso de relieve el hecho de que tales estrategias producen el desplazamiento masivo hacia países vecinos, de la población civil que ocupa áreas agredidas⁴². Adicionalmente, la discriminación de la mujer, la violencia intrafamiliar y el maltrato infantil hacen parte de las múltiples violaciones a los derechos humanos que ocurren en medio de la guerra y cuyos efectos inciden en el debilitamiento de la unidad familiar, la estabilidad de los hogares y del tejido social y cultural.

Por otra parte, se observa la problemática derivada del tema medioambiental y de la fumigación de cultivos ilícitos. En este sentido, son muchas las críticas que han manifestado las organizaciones de derechos humanos, la población civil, algunos académicos y los medios de comunicación en general. María Montealegre⁴³ sostiene que a pesar de la

⁴⁰ *El Universo*, mayo 15 de 2003; *Expreso de Guayaquil*, mayo 26 de 2003, p.11A.

⁴¹ Marcelo Larrea, [www.lacta.org/notic/junio 10 de 2003](http://www.lacta.org/notic/junio%2010%20de%202003).

⁴² Segundo Encuentro Internacional de Solidaridad y por la Paz en Colombia y América Latina. <http://www.geocities.com/eventopazl/convocatoria2.html>.

⁴³ María Montealegre es politóloga de Madrid y reside desde 1996 en Colombia.

defensa de las fumigaciones por parte de los gobiernos colombiano y estadounidense, recientes estudios arrojan que éstas han tenido resultados nefastos sobre la lucha antinarcóticos; así lo sustenta en una entrevista hecha a Guillermo Taborda, líder campesino de Puerto Asís, quien afirma que “ la falta de alternativas reales de sustitución de cultivos hace que los campesinos se desplacen, y desplacen con ellos los cultivos ilícitos para mantener sus rentas “. La experiencia de los pactos de erradicación voluntaria, firmados en Puerto Asís en diciembre de 2000 entre el gobierno y las comunidades para evitar la fumigación ha sido un fracaso; la ayuda gubernamental de dos millones de pesos en concepto de seguridad alimenticia prometida a los campesinos no ha llegado⁴⁴.

A pesar de que esta tesis aún no ha sido verificada, hay quienes afirman que el uso de las más modernas tecnologías de guerra, incluyendo el de armas biológicas contra las plantaciones de coca, constituye un impredecible y grave peligro para la ecología de la zona de biodiversidad más importante del mundo: la Amazonía⁴⁵. Así se manifiesta el riesgo ambiental que las fumigaciones podrían estar causando en la importante zona ecológica que comparten los países de la región andina.

Sin embargo, algunas organizaciones sociales han asegurado que las fumigaciones afectan la salud de los habitantes y el medio ambiente, acaban con economías lícitas, promueven desplazamientos y socavan derechos fundamentales, económicos, sociales y ambientales⁴⁶. Asimismo, algunos medios de comunicación ya han informado sobre el descontento de las poblaciones que habitan en zonas que son fumigadas; según un informe del diario *El Universo* de Ecuador, en la Hormiga, Putumayo, los campesinos de la zona fronteriza denunciaron que las fumigaciones indiscriminadas contra las plantaciones de coca están matando a los animales domésticos y afectan a la población⁴⁷. En Sucumbios, por ejemplo, se denunció que las fumigaciones a los cultivos de coca en el departamento del Putumayo, están causando pérdidas millonarias a las fincas ecuatorianas asentadas junto al río San Miguel⁴⁸.

⁴⁴ Montealegre, María., “Nada nuevo”, <http://www.babab.com/noI2/andes.htm>

⁴⁵ Segundo Encuentro Internacional de Solidaridad y por la Paz en Colombia y América Latina. <http://www.geocities.com/eventopaz/convocatoria2.html>.

⁴⁶ Declaración de Puerto Asís (Putumayo) del Foro “El Sur Responde al Plan Colombia “. Equipo Nizkor,

⁴⁷ Diario *El Universo*, “campesinos colombianos denuncian que son fumigados como cucarachas”, Ecuador, octubre 4 de 2002. [h://www.eluniverso.com/core/eluniverso.asp?page=noticia](http://www.eluniverso.com/core/eluniverso.asp?page=noticia)

⁴⁸ Diario *El Universo*, “Ecuador: Fumigaciones causan daño en Sucumbios”. Guayaquil, Ecuador, mayo 15 de 2001. [File://A:*Ecuadorfumigacionescausandadañoensucumbios.htm](http://www.eluniverso.com/core/eluniverso.asp?page=noticia)

Bajo estas presunciones, algunos académicos y políticos se pronunciaron en el Segundo Encuentro Internacional de Solidaridad y por la Paz en Colombia y América Latina, considerando que el Plan Colombia y la Iniciativa Regional Andina en realidad constituyen un plan militar que involucra a los países de la región, los compromete de diversas maneras en la intervención y se dirige, sin ninguna duda, al control de la cuenca amazónica, afectando la soberanía de los países que la integran⁴⁹. Al respecto, en una entrevista realizada por Julio César Postigo al economista Hugo Cabieses se habló de que el riesgo de que esta región, con inmensos recursos naturales, caiga en manos de sectores que no puedan ser controlados por los Estados Unidos pone en peligro, en la concepción de este país, su seguridad económica futura, pues hay en la región amazónica importantes recursos petroleros, mineros y madereros, agua potable y materias primas para los descubrimientos de la industria farmacéutica⁵⁰.

Es así como las estrategias propuestas por la Iniciativa Regional Andina parecen destinadas a fracasar al igual que el Plan Colombia, por cuanto ya se ha observado que este tipo de medidas no resuelven el problema del tráfico ilícito de drogas y al mismo tiempo podrían provocar la ampliación de la problemática colombiana al resto de los países vecinos. Para Alexis Ponce, referirse al Plan Colombia en los países andinos es hablar de una estrategia desprestigiada y, por lo menos hasta hoy, fracasada: “Ni los cultivos ilícitos han disminuido, ni las FARC han sido estratégicamente golpeadas, de ahí que por parte de sus artífices se necesitara consolidar y acelerar una “nueva estrategia”, más global y - por ello - más riesgosa, por su imposición vertical e inconsulta a nuestras sociedades, pero articulada a tradicionales visiones geopolíticas de los Estados Unidos para nuestra región y el continente⁵¹. Por otra parte, los resultados arrojados hasta ahora por el Plan Colombia sugieren que la Iniciativa Regional Andina no representa una solución, a pesar del tratamiento integral del problema de los cultivos ilícitos. Esto se debe a que las regiones afectadas son también regiones social y económicamente marginales, debido a la ausencia del Estado, la crisis del sector rural, y en general, por los efectos negativos de las reformas neoliberales. Mientras estas causas estructurales que agudizan la

⁴⁹ Segundo Encuentro Internacional de Solidaridad y por la Paz en Colombia y América Latina. http://www.geocities.com/eventopazl_convocatoria2.html.

⁵⁰ Cabieses, Hugo. Consultor asociado del Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura IICA en desarrollo rural y políticas de drogas. Plan Colombia o Plan Estados Unidos, <http://www.cepes.org.pe/revista/r-agra30/arti-01a.htm>.

⁵¹ Ponce, Alexis., Vocero APDH y de] grupo civil de monitoreo de los impactos del Plan Colombia en el Ecuador. “Iniciativa Regional Andina: una estrategia integral para tiempos de guerra global.” <http://www.derechos.org/nizkor/colombia/doc/plan/ecuglob.html>, 19 de marzo de 2002. Pág. 2 de 11.

violencia y la pobreza no estén contempladas para la resolución del problema del narcotráfico, cualquier estrategia militar implementada fracasará por intentar resolver tal problemática atacando infructuosamente las consecuencias que se derivan de la compleja realidad de subdesarrollo y dependencia que se vive en la región.

Conclusión

El desplazamiento forzado de colombianos hacia los países andinos es el resultado de la exacerbación de los factores de violencia y del deterioro de las relaciones económicas y sociales en el país, como consecuencia de la puesta en práctica de las tres estrategias prioritarias derivadas del Nuevo Orden Mundial: la lucha contra el narcotráfico, las políticas de liberalización económica y comercial y, más recientemente, la cruzada antiterrorista. Para Colombia y la región, estas estrategias se concretan en el Plan Colombia y en la Iniciativa Regional Andina.

Las ópticas a partir de las cuales se aborda la estrategia que propone la Iniciativa Regional Andina se encuentran ampliamente polarizadas. La versión oficial sostiene que esta estrategia solucionará el problema de las drogas ilícitas y la crisis social en el sur del país por atacarlos de manera integral, es decir, creando un muro de contención en las fronteras colombianas con los países vecinos para evitar la propagación y desplazamiento de los cultivos ilícitos hacia otros países de la región. Pero desde la óptica de quienes se oponen a ella, la Iniciativa Regional Andina es un proyecto intervencionista y militar, destinado a agravar la crisis económica y social que hoy en día se vive en las zonas de su aplicación.

En el presente trabajo se demuestra que la aplicación del Plan Colombia y de la Iniciativa Regional Andina ha tenido una incidencia negativa muy clara en la situación de los países de la región, en especial Ecuador. Políticas derivadas de estos dos planes, tales como la fumigación intensiva de cultivos ilícitos con productos químicos cuya utilización ha sido cuestionada nacional e internacionalmente, y el incremento militar en la frontera, han contribuido a exacerbar el problema del desplazamiento forzado transfronterizo hacia el país del sur. Los informes y estudios consultados de los organismos internacionales, en especial Acnur, o de las entidades nacionales y locales ecuatorianas oficiales y no oficiales, como la Defensoría del Pueblo, los ministerios de Relaciones Exteriores y del Medio Ambiente, Oipaz, Acción Ecológica, y el Episcopado ecuatoriano, coinciden en esa afirmación. Los resultados del trabajo de campo, como las entrevistas realizadas a los propios actores, también corroboran el impacto negativo del Plan Colombia y la Iniciativa Regional Andina.

La prensa y los medios del país vecino también han registrado profusamente esta problemática desde finales del 2000, cuando comenzó la aplicación del Plan Colombia.

De la misma manera, han puesto en evidencia que el problema se ha agravado como consecuencia de las políticas de Seguridad Democrática del gobierno de Uribe Vélez durante el último año. En un contexto de violencia generalizada, cuyos rasgos sobresalientes han sido un incremento de las disputas territoriales entre paramilitares y guerrilleros, la amenaza contra las autoridades locales, el acentuamiento de las políticas represivas del Estado y de las fumigaciones aéreas, el problema del desplazamiento forzado de colombianos hacia Ecuador ha aumentado de manera notoria.

Como consecuencia de esta situación, las relaciones bilaterales entre Colombia y Ecuador se han visto afectadas. Distintos sectores sociales y políticos del país vecino han venido presionando para que el Estado colombiano adopte unas medidas claras frente al problema del incremento de la violencia y del desplazamiento forzado. En diversas reuniones bilaterales que se han realizado entre los mandatarios o entre funcionarios de ambos países, el gobierno ecuatoriano ha insistido también en dos puntos: primero, que su contraparte adopte las medidas necesarias, tales como respetar la franja de diez kilómetros del lado colombiano de la frontera, como límite para que la fumigación no afecte al territorio ecuatoriano; y segundo, que se emprendan medidas claras para afrontar el problema de los desplazados colombianos.

Referencias

- ACOSTA, A. “Intervención en el foro: ‘El Plan Colombia: visiones críticas desde el Congreso, la academia y las regiones’”, In: *Revista Nueva Gaceta* n° 3, abril 18 de 2001. Bogotá: Universidad Javeriana.
- AHUMADA, C. & MORENO A. “El desplazamiento forzado de colombianos hacia la región andina y su impacto sobre la situación política regional”, In: *Comunidad Andina y Mercosur en la perspectiva del ALCA*, Centro Editorial Javeriano, 2003.
- ANDEAN “Regional Initiative (AR!): FY2002 Supplemental and FY2003” *Assistance for Colombia and Neighbors*, enero 8 de 2003.
- ARDILA, M. & CARDONA, D. *et al. Prioridades y desafíos de la política exterior colombiana*, Fescol, Introducción, 2002.
- ARDILA M. “La política exterior de Colombia hacia sus vecinos. Evolución, mecanismos y retos”, In: *Martha Ardila, Diego Cardona y Otros, op.cit.*, 2002.
- BORDA, S. “La política exterior colombiana antidrogas o cómo se reproduce el ritual realista desde el tercer mundo”, In: ARDILA, Martha, CARDONA, Diego *et al, Prioridades y Desafíos de la Política Exterior Colombiana*, Fescol, 2002.
- BUSTILLO, J. M. “La Organización de la Población Desplazada y la Reconstrucción del Tejido Social”, In: *Desplazamiento Forzado Interno en Colombia: Conflicto, Paz y Desarrollo*, ACNUR- CODEES, 2001.

- CAYCEDO, G. C. *Sin Tregua*. Bogotá: Editorial Planeta, 2003.
- CISP. “La frontera del desplazamiento”, Análisis de la Situación del Desplazamiento hacia Ecuador de la Población Afectada por la Violencia en Colombia, 2000. In: *Situación y Descripción de las Características de Desplazamiento*.
- CODHES. *Caracterización Socioeconómica y Política de las Zonas de Frontera de Colombia*, 2002.
- DEFENSORÍA “Delegada para Indígenas y Minorías Étnicas”, In: *Informe*, julio de 2001.
- FAJARDO, D. “Para Sembrar Paz hay que Aflojar la Tierra”, In: *Instituto de Estudios Ambientales, IDEA*, Universidad Nacional de Colombia, 2001.
- _____. “El Plan Colombia y la Internacionalización de la Guerra”, In: ALVAREZ, J. E. (ed.), *El Plan Colombia y la Intensificación de la Guerra*, Universidad Nacional de Colombia, 2002.
- GRUNER, S. “Desplazamiento Forzoso, Políticas Externas y Comunidad Internacional”, In: *Destierro y Desarraigos*, Memorias del II Seminario Internacional, *Desplazamiento: Implicaciones y retos para la gobernabilidad, la democracia y los derechos humanos*, Bogotá, Colombia: CODHES, OIM, 2002.
- GUTIÉRREZ, O. *Estructura de la Propiedad Rural y Sistema de Tenencia de Tierra en Santander*. Bucaramanga: Funprocep, ALOP, 1990.
- INTERNATIONAL Crisis Group. *Colombia y sus Vecinos: los Tentáculos de la Inestabilidad*, 2003.
- MACHADO, A. *La Cuestión Agraria en Colombia a Fines del Milenio*, El Áncora Editores, 1998.
- MACK, J. *International Information Programs*, Washington file, Text: State Dept. Official Reviews Goals of U .S. Policy in Andes, junio 28 de 2001.
- MOLANO, A. *Los Años del Tropol: Crónicas de la Violencia*, Bogotá: El Áncora Editores, 1985.
- _____. *Entre la Coca y el Oro*. Bogotá: El Áncora Editores, 1990.
- _____. *Desterrados. Crónicas del Desarraigo*, Bogotá: El Áncora Editores, 2001.
- NARANJO, G. & DEICY H. 2002. “El derecho a la ciudad. Migrantes y desplazados en las ciudades colombianas”, artículo derivado del proyecto de investigación: *Desplazamiento forzado y reconfiguraciones urbanas. El caso de Medellín y del área metropolitana 1992-2002*, Instituto de Estudios Políticos, Universidad de Antioquia.
- NORDGREN, R. “¿Responde realmente la cooperación internacional a lo que Colombia necesita?”, In: *Desplazamiento Forzado Interno en Colombia: Conflicto, Paz y Desarrollo*. Memorias Seminario Internacional, ACNUR-CODHES, 2000.
- OACNUDH, ACNUR, CODHES. *Compilación sobre Desplazamiento Forzado. Normas Doctrinas y Jurisprudencia Nacional e Internacional*, Bogotá, 2001.

- OIPAZ. *Testimonios de Frontera. Efectos del Plan Colombia en la Frontera Colombo-Ecuatoriana*. Quito, 2002.
- PONCE, A. “Vocero del Grupo Civil de Monitoreo de los Impactos del Plan Colombia en el Ecuador”, In: *Iniciativa Regional Andina: una Estrategia Integral para Tiempos de Guerra Global*, <http://www.derechos.org/nizkor/colombia/doc/olan/ecuglob.html>, 2002.
- PRESIDENCIA de la República. *Los Desplazados, esa Colombia que no Podemos Ignorar*, Bogotá: abril, 1998.
- RAMÍREZ, S. “La internacionalización del conflicto y de la paz en Colombia”, En: ALVARO, J. E. (ed), *Plan Colombia, Ensayos Críticos*, op.cit, 2001.
- ROMERO, M. “La Política en la Paz y la Violencia”, *Análisis Político* No.45, IEPRI, abril,2002.
- SÁNCHEZ, R. *El Neointervencionismo y la Pax Americana*, *ibid*, 2001.
- STALLINGS, B. “La Influencia Internacional en las Políticas Económicas: Deuda, Estabilización y Reforma Estructural”, In: HAGGARD, Stephan y KAUFMAN, Robert R. (compiladores). *La Política de Ajuste Económico. Las Restricciones Internacionales, los Conflictos Distributivos y el Estado*, Bogotá: Cerec, 1992.
- THOUMI, F. *El Imperio de la Droga. Narcotráfico, Economía y Sociedad en los Andes*, IEPRI-Planeta, 2002
- TICKNER, A. B.. “La Guerra contra las Drogas: las Relaciones Colombia-Estados Unidos durante la Administración Pastrana”, In: ALVAREZ, J. E. (editor), *Plan Colombia op.cit*, 2001.
- TICKNER, A. B. ““Colombia” es lo que los Actores Estatales hacen de Ella: una (Re)lectura de la Política Exterior Colombiana hacia los Estados Unidos”, In: ARDILA, Martha, *op.cit*, 2002.
- TORO, C. “Narcotráfico: lo que la Interdependencia no nos Explicó”, *La Política Exterior de México: Enfoques para su Análisis*, México: El Colegio de México, Instituto Matías Romero de Estudios Diplomáticos, 1997.
- MESA, R. V., (compilador). *Drogas, Poder y Región en Colombia, Impactos Locales y Conflictos*, Bogotá: CINEP, volumen 2, 1994.
- _____. “Drogas, Seguridad y Democracia en América Latina”, In: ALVAREZ, J. E. (compilador), *El Plan Colombia y la Intensificación de la Guerra*, Universidad Nacional de Colombia, 2002.
- VASCO, L.G. “Desplazamiento Forzado y Reconstitución Cultural” In: *Éxodo, Patrimonio e Identidad*, 5ª Cátedra de historia Ernesto Restrepo Tirado, Museo Nacional, 2000.
- ZULUAGA, J. “Guerra Prolongada, Negociación Incierta: Colombia”, In: LEÓN, R. B. (compilador), *Violencia, Sociedad y Justicia en América Latina*, Buenos Aires: FLACSO, 2002.

Autogestión de los Trabajadores, una Experiencia en Expansión para Enfrentar el Desempleo Urbano: el Caso Argentino

Dr. Alejandro Rofman*
Lic. Inés Liliana García**
Arq. María di Loreto***

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, com a necessária profundidade, a origem, o desenvolvimento, os propósitos e perspectivas de um processo de auto-gestão em pleno desenvolvimento na Argentina contemporânea: imposta pela “marcha” das empresas fechadas ou em situação judicial conflitante, que lhes impedia de funcionar, por seus antigos trabalhadores. Neste documento pretendemos descrever as distintas fases que tem atravesado as intencões de recuperação de empresas fechadas, e valorizar o novo modelo de gestão para ressaltar o diametral contraste com o que foi desenvolvido previamente.

Palavras Chave: Auto Gestão, Argentina, Desemprego Urbano

Resumen: El objetivo del trabajo consistió en analizar con la necesaria profundidad el origen, desarrollo, propósitos y perspectivas de un proceso de autogestión en pleno desarrollo en la Argentina contemporánea: la puesta en marcha por sus antiguos trabajadores de empresas cerradas o en situación judicial conflictiva, que les impedía funcionar. Pretendemos describir las distintas fases que han ido atravesando los intentos de recuperación de empresas cerradas, así como valorar el nuevo modelo de gestión para resaltar su diametral contraste con el desarrollado previamente.

Palabras-clave: Autogestión, Argentina, Desempleo Urbano

* Doutor em Ciências Econômicas - Universidad de Córdoba, Coordinador do Programa “Sustentabilidad del Desarrollo Urbano - Centro de Estudios Urbanos y Regionales - Universidad de Buenos Aires, Argentina. *E-mail:* abrofman@fibertel.com.ar

** Pesquisadora do Programa “Sustentabilidad del Desarrollo Urbano - Centro de Estudios Urbanos y Regionales - Universidad de Buenos Aires, Argentina. *E-mail:* ilgarcia@uolsinectis.com.ar

*** Pesquisadora do Programa “Sustentabilidad del Desarrollo Urbano - Centro de Estudios Urbanos y Regionales - Universidad de Buenos Aires, Argentina. *E-mail:* mdiloreto@ciudad.com.ar

Introducción general

Las experiencias económicas populares son un desafío que individuos, grupos y comunidades están desarrollando para enfrentar la tremenda exclusión social generada por el sistema económico dominante. Con ellas renacen aquellos viejos conceptos teóricos tales como “solidaridad”, “autogestión”, “autonomía” que, absolutamente opuestos al neoliberalismo padecido, ayudan a dar una respuesta creativa a las necesidades sociales y anhelar mejores condiciones de vida.

“el hecho de que miles de obreras y obreros, en diferentes lugares de Argentina y en otros países, recurran simultáneamente a los mismos métodos e ideas, demuestra la existencia de una conciencia histórica profunda, subyacente, escondida.(...) Es, por consiguiente, una idea y una práctica subversiva, que surgen siempre que el capitalismo sufre una aguda crisis, visible para todos, o cuando la dominación de una casta burocrática, que tiene métodos y valores capitalistas, pasa también por una crisis brutal que pone al desnudo su ilegitimidad”.¹

La formación de organizaciones de carácter económico asociativo responde claramente al intento de generar iniciativas y experiencias, adaptadas a las nuevas condiciones económico-políticas, a través de múltiples estrategias de sobrevivencia, innovando viejas prácticas – tal como el cooperativismo – con importantes antecedentes de larga tradición en el país. Desde el cooperativismo se quiere mostrar que una nueva sociedad puede crearse sin necesidad de que el principal protagonista sea un Estado Absoluto – como eje de todo el proceso – ni, por supuesto, el mercado funcionando de forma libre.

El citado enfoque apunta a ir estableciendo nuevas pautas organizativas en el proceso de producción y distribución de los bienes, que garanticen otro reparto de los beneficios, profundamente justo y equitativo.

“Ellos y nosotros sabemos que lo único que genera riqueza y bienestar es el trabajo. Esto justifica que nos apropiemos de las máquinas y los espacios económicos que las patronales abandonan. Es nuestro derecho al trabajo para satisfacer nuestras necesidades el que fundamenta ese primer acto clasista de autogestión que es la decisión asamblearia de tomar la planta.(...). Nosotros recuperamos nuestras fábricas mientras otros compañeros en los movimientos de desocupados reúnen sus fuerzas en los barrios, generan comedores, compras comunitarias, emprendimientos de producción de alimentos y vestido, cooperativas de vivienda, mutuales de trans-

¹ Almeyra, Guillermo. Diario *La Jornada*, México DF, 7 de diciembre de 2003

porte y compra de medicamentos. Los sindicatos combativos aportan su movilización y su estructura solidaria. Las asambleas de vecinos y barriadas se suman al apoyo”².

Frente a la cesantía y al cierre de las unidades productivas que impiden a los trabajadores conservar sus empleos, como se expresa precedentemente, surge la necesidad de que sea la misma fuerza de trabajo que se organice para recuperar espacios de producción y trabajo.

En tal sentido estas iniciativas de subsistencia son propositivas. Rompen la atomización impuesta política y económicamente, y en su funcionamiento recogen ciertas concepciones de trabajo humano, tales como la necesidad de participación, de apropiación de las propias condiciones de existencia, de desarrollo y crecimiento personal, de sociabilidad.

En el agudo contexto de la explosión del desempleo y de la desocupación de larga duración, la primera respuesta de los trabajadores ha sido de defensa de las fuentes de ocupación, tratando de mantener activa la producción, ante procesos de convocatoria de acreedores que conducían inexorablemente a la quiebra de esas unidades productivas o prestadoras de servicios, y a su desaparición como fuente de empleo. Sabían que, en el mejor de los casos, tendrían un cobro parcial – y muy a largo plazo – de salarios adeudados y una mínima indemnización que se esfumaría enseguida. Frente a esta realidad, muchos trabajadores optaron por la recuperación autogestionada de la empresa, adoptando mayoritariamente la forma jurídica de cooperativa de trabajo, reconocida por la Ley 20.337 de 1973.

“En realidad, éstas son nuevas formas de lucha, de creatividad que han encontrado los trabajadores, ante un proceso de crisis profunda que superó los métodos tradicionales, los métodos históricos de lucha... porque cuando una fábrica quiebra ¿a quién se le va a hacer paro?, a nadie. En una sociedad con tasas de desocupación moderadas del 2% o 4%, cuando una empresa quiebra, uno hace un juicio, trata de cobrar y busca otro empleo, pero con estos índices de desocupación es imposible pensar en regresar al mundo del trabajo. Entonces, lo que nos queda es la desocupación, la marginalidad social, perder la cultura del trabajo, pero además la cultura de la obra social, del salario y con todo lo que eso implica... en la medida que se empezó a instalar el modelo neoliberal en Argentina tomó al desempleo como la variable de disciplinamiento y, paralelamente, con el aumento del desempleo creció el nivel de mortalidad de empresas” José Abelli, Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas

² Mensaje de los trabajadores de empresas autogestionadas al Congreso de la CTA. Equipo de Trabajo de Empresas Recuperadas en la FETIA-CTA.

Es esta capacidad de propuesta y, por lo tanto, visión de futuro, la que está presente en las respuestas organizativas ensayadas por la población, la que le otorga sentido y relevancia a las experiencias en desarrollo de la actualidad. Al margen de las debilidades, limitaciones y de la todavía escasa presencia cuantitativa, entre la totalidad de la población pauperizada.

Nuestro trabajo estará orientado hacia el análisis de las prácticas sociales relacionadas con la recuperación de empresas por parte de los trabajadores para su autogestión, especialmente quienes han decidido – por convicción o porque entendieron que era la única “que nos quedaba” – conformar una Cooperativa de Trabajadores

Dichas experiencias no tienen un desarrollo lineal, ni armónico, dadas las dificultades y obstáculos que deben enfrentar para su desarrollo en el marco de la profunda crisis que atraviesa el país y que comprende las dimensiones económica, política y social. No obstante, en todos los casos significan un avance considerable en términos de desarrollo, teniendo en cuenta el punto de partida: exclusión económica y social de los actores comprendidos.

El avance se verifica en varios sentidos: el nivel de la organización de la comunidad, el grado de conciencia de sus participantes, los procesos de enseñanza-aprendizaje que se generan, el alcance de metas colectivas, la construcción de un espacio de representación e identidad y – lo que es central – la contribución a la subsistencia diaria de todos sus miembros. Tales experiencias requieren nuestra atención, análisis y contribución.

Se consideró que el examen de los problemas y dificultades por las que atraviesan era un ejercicio indispensable para acceder a comprender qué posibilidades efectivas tienen estas organizaciones de superarlos, a través de su propia acción o mediante algún proceso de reorientación y búsqueda de nuevas perspectivas, y quiénes pueden cumplir un importante papel como apoyo.

2. Origen y desarrollo de las empresas autogestionadas

Como suele suceder con los fenómenos sociales que responden a las necesidades del desarrollo socioeconómico en las distintas coyunturas históricas, las cooperativas de trabajo³ surgieron en la Argentina antes de que existiera una normativa legal que las ampa-

³ “Las cooperativas de trabajo configuran una opción productiva en la que la categoría de trabajo asociado ocupa un lugar especial. “Se trata de una relación económica-asociativa que se traduce en: a) una empresa autónoma en la que el poder de decisión corresponde a sus asociados; b) un capital social y un número de miembros variables; c) la condición de los asociados en tanto trabajadores que controlan con igualdad de derechos, directa o indirectamente, la organización y la gestión de la empresa; d) la asignación de los excedentes netos de la cooperativa a los asociados, en razón del trabajo prestado por los mismos; e) un interés al capital si es que existe y, f) la creación de un patrimonio común irrepartible. (...). La igualdad de derechos de los asociados, la relación de actividad, el reparto proporcional y la creación de un patrimonio común irrepartible son características específicas de cualquier

rara y encuadrara. Así, en tanto las primeras experiencias habrían surgido hacia 1884, su regulación autónoma recién ocurre con la Ley 11.388 de 1926, con cuyo marco legal se constituye la primera cooperativa de trabajo en 1931, dedicada a la construcción – “La Edilicia” de Pergamino –, una experiencia de corta vida en la provincia de Buenos Aires. En 1957 los registros dan cuenta de la existencia de 94 cooperativas de trabajo con aproximadamente 10.000 asociados. En la década del sesenta son conocidas las experiencias de las cooperativas de trabajo IMPA y CITA – actualmente con 136 y 70 trabajadores respectivamente – y la emblemática Cooperativa de Trabajo de Campo Herrera en el sector agropecuario, entre otras.

Desde los años ochenta la repercusión de la crisis económica y su secuela de desempleo origina el auge del cooperativismo de trabajo. Esta relación es bien marcada en la década del noventa, en la cual la cooperativa de trabajo aparece progresivamente como el último recurso de protección del empleo.

Un ejemplo más frecuente del origen de las cooperativas autogestionadas por trabajadores son las constituidas a partir de las ex empresas contratistas de YPF, en la destilería de La Plata y en Gral. Moscón, en Salta, organizadas como cooperativas de transporte de combustible, mantenimiento de instalaciones, etc. De todas maneras, estos casos son numéricamente reducidos, tanto en el número de cooperativas como en la cantidad de asociados.

Una cantidad más significativa de cooperativas autogestionadas se origina por la terciarización de actividades hasta ese momento realizadas por el sector público, con trabajadores en relación de dependencia. Dentro de un esquema de reducción del gasto público y achicamiento del Estado, ante la situación de cesantes estos trabajadores conforman cooperativas en actividades como mantenimiento y limpieza de instalaciones públicas -principalmente edificios municipales, hospitales, etc.-, servicios de limpieza de calles y paseos, plazas y jardines públicos.

organización cooperativa. La diferencia esencial radica en la relación que existe entre el grupo asociado y la empresa, ya que la actividad cooperativizada es el trabajo (...). La cooperativa vincula una asociación y una empresa cuyas características distintivas son la adhesión a un principio de no-dominación del capital, que consiste en dar primacía a la gestión de servicio de sus miembros y/o a la comunidad, a la actividad sobre la rentabilidad y a los derechos del individuo sobre los derechos de la propiedad. La adhesión a este principio se manifiesta en tres esferas: - la que relaciona poder y capital: cada asociado tiene el mismo poder cualquiera sea la parte del capital que detenta; - la de remuneración del capital: es voluntaria y está precisamente limitada por el estatuto de la empresa; - la de afectación de los excedentes: además de las limitaciones planteadas a la remuneración del capital, una parte de los excedentes generados está afectada a una reserva irrepartible, propiedad colectiva de la empresa y, a ese título, inalienable”. Vuotto, Mirta: “El desempeño organizacional del Cooperativismo de Trabajo”, Centro de Estudios de Sociología del Trabajo, UBA, Fac. de Ciencias Económicas., 1999.

El período 1995-99 está marcado por la “crisis del tequila”. Estudios recientes muestran que “...más que por las privatizaciones y reforma del sector público, la reducción de empleos urbanos parece haber sido principalmente consecuencia de la reestructuración y concentración de las actividades de producción y distribución que tuvieron lugar en los años noventa, particularmente en el sector industrial. Las conclusiones de este análisis destacan la importancia que ha tenido la contracción del empleo del sector industrial en la evolución de la tasa de empleo global de la economía”⁴

Ante el cierre de empresas privadas -generalmente como producto de la quiebra-, en este período se constituye un conjunto importante de cooperativas autogestionadas, la mayor parte de las cuales continúa en funcionamiento. Se constituye la Cooperativa Industrial Argentina Metalúrgica Julián Moreno (CIAM), heredera del histórico complejo industrial SIAM Di Tella (1997) y el Frigorífico Yaguané, entre un grupo de alrededor de más de medio centenar de cooperativas de trabajo constituidas en esos años.

Ya a mediados de 1999, la recuperación por parte de sus trabajadores de empresas en proceso de quiebra o cerradas aparece, progresivamente, como el último recurso de protección o, incluso, de creación de empleo.

Lo señalado hasta aquí en el ámbito del mercado de trabajo, unido a la crisis macroeconómica y, a partir de diciembre 2001, de la fenomenal crisis financiera y de gobernabilidad que conllevan al cuestionamiento generalizado por parte de la sociedad de las instituciones del régimen neoliberal existente, son elementos que deben ser considerados para precisar al conjunto de factores que dieron origen al movimiento de cooperativas autogestionadas.

“en la década del '90 estas fueron las primeras experiencias como una alternativa a la desocupación; y se encontró en la figura de la cooperativa, digamos no sólo como una figura jurídica, sino además como una alternativa de empresa de capital humano y no capital dinero... como empresas de personas y no de dinero. Y además son empresas democráticas: un socio, un voto; porque todo el mundo tiene derecho a elegir y a ser elegido y porque reparte igualitariamente las riquezas que nosotros mismos generamos... digamos, nadie puede ganar más de 4 veces del que menos gana.” José Abelli. Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas.

Los ejemplos exitosos han tenido un efecto demostrativo fundamental en la recreación de nuevas experiencias y, debemos agregar, el efecto catalizador de organizaciones

⁴ R.Frenkel y M. Rozada: “Productividad y empleo en la apertura económica”, OIT, 1999.

muy activas en el apoyo a los movimientos populares que en el último decenio reivindicaban tierras, viviendas, alimentos, empleo, derechos humanos y justicia; estas organizaciones tenían la posibilidad de aportar equipos formados por abogados, contadores y demás profesionales identificados con la lucha social, y constituyeron – y siguen brindando – un aporte fundamental tanto en las discusiones por las formas organizativas como por su potencialidad.

Más importante aún, el apoyo de estas organizaciones y profesionales comprometidos tuvo un rol fundamental en los primeros pasos a dar, una vez ocupada la empresa, en las acciones inmediatas del día siguiente a la ocupación, a fin de lograr frenar el proceso de quiebra, evitar el desalojo de la unidad, lograr que el juzgado se avenga a la posibilidad de reconvertir la empresa parada y ponerla en manos de sus trabajadores, y conseguir que los gobiernos provinciales y municipales tomen las medidas que posibiliten el resguardo de la cooperativa y la producción mediante gestión obrera.

Entre estas organizaciones que están prestando un invalorable apoyo a los trabajadores de empresas en recuperación, se destacan el equipo de la Pastoral Social de la Diócesis de Avellaneda y la cooperativa de trabajo IMPA, de larga trayectoria. Los exponentes más destacados de las mismas presiden los dos movimientos nacionales que nuclean a la mayor cantidad de empresas recuperadas. Hablamos del Movimiento Nacional de Fábricas Recuperadas por los Trabajadores, presidido por el Dr. Luis Caro, y del Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas, que conduce Eduardo Murúa.

Ambos Movimientos coinciden en que la conformación de Cooperativas de Trabajo es la mejor forma de organización para apropiarse de la fuente de producción y ponerla en funcionamiento. Tanto el MNER como el MNFRT (desprendimiento del MNER), así como la FENCOOTER enfatizan la vía cooperativa en forma amplia.

“Nuestra lucha pasa a ser una ofensiva por el bienestar de nuestro pueblo a partir de la vigencia de la justicia como valor que rige las relaciones, en reemplazo de la ganancia y la compraventa del trabajo como principios de organización económica y social.(...) La modalidad cooperativa de autogestión es para nosotros un cambio social y cultural. Esto implica la superación del pensamiento dominante y requiere un proceso de aprendizaje a partir del trabajo que cada uno realiza en el proceso productivo o de servicios y de los conocimientos que emergen del mismo”. Equipo de Trabajo de Empresas Recuperadas en la FETIA-CTA.

Sin embargo, esta vía no es excluyente. Como se afirma en el MNER: “Nosotros creemos, y esto debería ser responsabilidad del INAES (instituto Nacional de Asociativismo y Economía Social), de que hay más de 100 empresas recuperadas en todo el país. Que no necesariamente, además, tiene que ser cooperativa. Digamos que nosotros decimos

que la cooperativa es una instancia pero lo que más importa es la autogestión de los trabajadores, que puede ser por propiedad participada, que puede ser por otras formas de expresión jurídica que no necesariamente debe ser la cooperativa”⁵

Otros núcleos como el Encuentro de Empresas Ocupadas y en Lucha, tal el caso de Zanón (y otrora Bruckman, hoy constituida en Cooperativa), plantean otro tipo de salida para la recuperación de sus empresas: la estatización de los medios de producción y la organización de la producción bajo el control obrero.

Es decir, hay una gran flexibilidad en cuanto las formas jurídicas, manteniendo el componente de autogestión o participación obrera; incluso encontramos formas innovativas, sin antecedentes en el país, como es la sociedad anónima en que las acciones o parte de ellas continúan en manos de los antiguos dueños y la gestión está a cargo de los trabajadores.

El MNER tiene apoyo formal del Congreso de los Trabajadores Argentinos (CTA), de APYME y las Universidades; forma parte del Movimiento Obrero Argentino y como tal se nutre de las experiencias de lucha de la clase trabajadora. Entre sus objetivos de lucha reclama “la necesidad de desarrollar y consolidar la Industria Argentina en el marco de un Proyecto Nacional que ponga la economía al servicio de la felicidad del pueblo, teniendo al hombre como origen, actor y fin de la actividad económica”. Tanto el MNER como el MNFRT tienen como sus principales objetivos luchar, por un lado, por la modificación de la Ley de Quiebras, a fin de que el trabajo sea considerado como un bien social, y toda unidad productiva que cierra sea otorgada a sus trabajadores. Por otro lado, lograr la creación de un Fondo Fiduciario que surja del aporte de las Empresas Recuperadas que se encuentren en mejor condición económica y de aportes del Estado Nacional para constituir capital de trabajo para las empresas recuperadas que comienzan a desarrollarse.

En el caso de FENCOOTER, sobre la cual lamentablemente tenemos escasa información, es más antigua. La cooperativa que lo lidera es el Frigorífico Yaguané -con cerca de 500 asociados- recuperado por los trabajadores después de un largo proceso, en la segunda mitad de la década pasada. Con el énfasis puesto en la autogestión obrera y en la flexibilidad de las formas jurídicas, la FENCOOTER se ha desarrollado con fuerte apadrinamiento del gobierno, principalmente del de la Provincia de Buenos Aires

El Encuentro Nacional de Empresas Ocupadas y en Lucha realizó su Primer Plenario el 24 de agosto de 2002, en Grissinópolis. En el mismo establecieron sus principios y objetivos de lucha:

- Expropiación de los activos y su entrega gratuita a los trabajadores en un plazo no mayor a 30 días;

⁵ Entrevista realizada por nuestro equipo a José Abelli, 10 de septiembre de 2002.

- Las deudas deben ser asumidas por los dueños, quienes deben responder con sus bienes y patrimonio personal;
- Otorgamiento de un subsidio no reintegrable, que permita a los trabajadores contar con el capital de trabajo necesario para hacer arrancar el proceso de producción;
- Transformación de todas las fábricas en manos de los trabajadores en proveedores privilegiados del Estado, de modo que los productos elaborados en ellas sirvan para abastecer las necesidades de hospitales, escuelas, asistencia social, vivienda y otras áreas públicas.

Las propuestas de este movimiento – fuertemente ligado a las organizaciones de desocupados: Bloque Piquetero Nacional, Barrios de Pie, Coordinadora Aníbal Verón – difieren de los restantes movimientos en lo referido específicamente, como ya dijimos, a la vía de organización de la recuperación de las empresas (estatización con control obrero *versus* cooperativas de trabajo y expropiación transitoria).

De todas maneras, si bien señalamos estas diferentes perspectivas en la orientación de los procesos de recuperación del trabajo a través de nuevos modelos de solidaridad social, también se debe remarcar que no son posiciones irreconciliables y que en el andar, en el accionar ante la situación concreta de ocupación de la empresa, en las discusiones con los trabajadores de las plantas, en las distintas y acuciantes gestiones que se deben promover a fin de impulsar la quiebra, la puesta en marcha nuevamente de la unidad productiva, etc., los trabajadores y organizaciones, más allá de su tendencia, actúan solidariamente.⁶

3. Organizaciones sociales que acompañan a los trabajadores en su proceso de recuperación y autogestión

La solidaridad activa, tanto para mantener la sobrevivencia del grupo como para posibilitar la puesta en producción de la unidad, proviene básicamente, decíamos, de las cooperativas que están en una lucha similar y de los movimientos nacionales que las agrupan, principalmente el MNER, el MNFRT y otras asociaciones de trabajadores en situaciones similares: la Federación Nacional de Cooperativas de Trabajo de Empresas Reconvertidas (FENCOOTER), el Encuentro de Empresas Ocupadas y en Lucha, (Zanón) y la FENCOOTRA, contribuyen a la prosecución de estas iniciativas. Así, por ejemplo, una de las cooperativas que constituyen el MNER posibilitó, mediante un

⁶ El Segundo Encuentro del Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas, celebrado en la Cooperativa Unión y Fuerza, Avellaneda, el 2/11/2002, contó con la presencia y adhesión de los representantes de Brukman, quienes finalmente en la actualidad constituyen una Cooperativa de Trabajadores, luego de una larga lucha por la estatización de la Empresa textil.

préstamo a pagar a largo plazo, la reinstalación de los servicios eléctricos y de teléfono, de una de las empresas en lucha.

En muchísimos casos, la solidaridad proviene, también, de las organizaciones barriales o de algunas instituciones universitarias tales como la Universidad Tecnológica Nacional, la Universidad de Buenos Aires o la Universidad Nacional de Rosario, entre otras. Estas organizaciones son las que a través de asesoramiento legal en primer término, así como contable, económico-financiero, de gestión, y en algunos casos de aspectos técnicos de producción, han contribuido sin duda a la construcción de una salida solidaria ante cada situación planteada.

No es ajeno a esta movilización social a favor de los trabajadores de empresas recuperadas el apoyo recibido de las distintas corrientes de piqueteros y de la Central de Trabajadores Argentinos (CTA), del Frente Nacional Contra la Pobreza (Frenapo), presentes en distintos momentos de este proceso, apoyando a los trabajadores de las empresas recuperadas.

El sindicalismo tradicional, en poco y nada se ha comprometido con estos movimientos, salvo la UOM de La Matanza.

4. Características generales de las Empresas Recuperadas

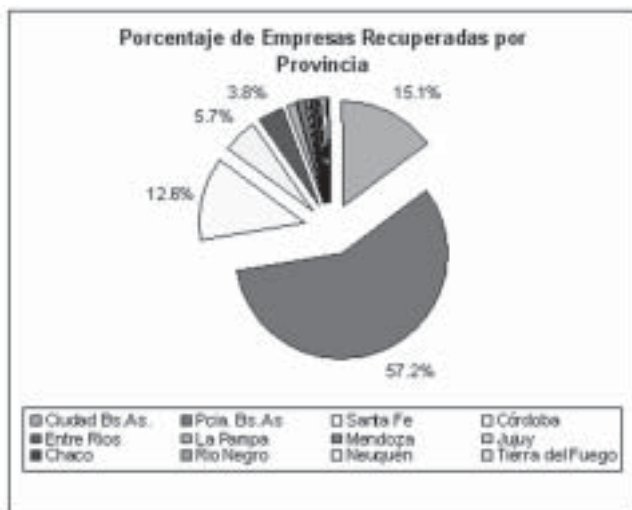
El actual movimiento de empresas autogestionadas tiene una dinámica muy grande. Si bien la información es incompleta y cuesta mantenerla al día, se puede estimar que las nuevas empresas recuperadas por los trabajadores, según nuestros registros, son unas 159 y decimos que este número va en ascenso puesto que a nadie se le escapa, sencillamente por la lectura de diarios, que cada semana aparece un nuevo fenómeno de este tipo.

Al ser cada caso un fenómeno espontáneo, que requiere de una serie de pasos que se irán suscitando según sea la realidad desde la que parte, las empresas recuperadas en realidad están siempre en recuperación. Algunas están a la espera de que se decrete la quiebra, otras que se le reconozca la constitución como cooperativa, otras de obtener materias primas para empezar a funcionar, algunas producen y otras -a pesar de los intentos- por diversas razones quedan en el camino. Ello hace que no se pueda constituir un registro exacto de casos; el transcurrir del tiempo genera cambios tan acelerados que lo que hoy podemos afirmar, mañana queda desactualizado.

Nuestra base de datos fue construida con información brindada por la Central de Trabajadores Argentinos, el Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas, el Movimiento Nacional de Fábricas Recuperadas por los Trabajadores, artículos y noticias publicadas en diferentes medios de comunicación gráficos, consultas directas a las cooperativas, y fue de mucho valor la base de datos que constantemente actualiza el Instituto del

Conurbano, dependiente de la Universidad Nacional de General Sarmiento, que nos permitió cotejar y ajustar nuestros datos.

Dado que se trata de mantener y desarrollar fuentes de trabajo que se gestaron en un anterior modelo, no debe sorprendernos que la mayor cantidad de casos estén empujados en



las provincias que concentraron la actividad económica industrial. El 79% de los casos pertenece al sector secundario de la economía, es decir, elaboración de productos manufacturados.

Sin embargo, en este último año han crecido las empresas recuperadas destinadas a brindar servicios, tales como las vinculadas al transporte, la salud o al área de la gastronomía; el sector terciario está representado, según nuestros registros, por el 14.5% de los casos. Sólo un 4.5% corresponde a actividades vinculadas con el sector primario de la economía.

Dentro del sector industrial, la rama más frecuente es la “metalmecánica” incluyendo fundición, fabricación de estructuras y caños, autopartes, etc. Es uno de los sectores productivos que ha experimentado fuertemente la crisis del decenio, lo que ha conducido a la desaparición de una buena parte de estas unidades productivas. El 46% de las fábricas recuperadas se refieren a dicho rubro. Las cooperativas destinadas a la elaboración y procesamiento de alimentos concentran un 30% dentro de dicho sector, siendo los frigoríficos grandes concentradores de puestos de trabajo y, al mismo tiempo, en la industria de alimentos también encontramos muchos casos de cooperativas pequeñas, en

cuanto a la cantidad de asociados que la componen. Por otro lado, de acuerdo a nuestros registros, la industria textil y la gráfica– imprenta concentran cada una un 10% de las cooperativas industriales conformadas.

En cuanto a la localización del total de las empresas recuperadas, hay una fuerte relación con la distribución según el tipo de actividad y, como es obvio, con la composición y radicación del modelo económico precedente. La mayor cantidad de casos están en la Provincia de Buenos Aires. Analizados según la localidad, observamos que el 78% de los mismos pertenecen a partidos del Gran Buenos Aires, mientras que el resto se distribuye en diferentes localidades del interior provincial. En la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, las empresas analizadas están básicamente en los barrios de la zonas sur y central, los más dedicados a industria y servicios

Neuquen, Río Negro, Tierra del Fuego, en la Patagonia, suman apenas el 2% sobre el total de casos. Pese a ello, los escasos establecimientos ocupan un número importante de puestos de trabajo. Tal es el caso de Zanón en Neuquen (310) o la Cooperativa Renacer Aurora Ushuaia, en Tierra del Fuego (500), que es la empresa recuperada con mayor cantidad de trabajadores.

Podemos estimar que la cantidad de trabajadores que se encuentran vinculados con el proceso de recuperación de empresas es de alrededor de 9000.

En todos los casos se inicia un largo y sacrificado proceso para los trabajadores que luchan por mantener sus fuentes de ingreso y las de otros trabajadores que, indirectamente, dependen de las anteriores – trabajadores de empresas proveedoras, distribuidoras, etc..

“Acá prácticamente nadie había tenido experiencia previa en autogestión o algo por el estilo”. Esta frase, con idénticas o similares palabras, fue repetida en todas las entrevistas realizadas.

Las fuerzas de seguridad suelen aparecer con orden de desalojo, situación que es rechazada por cuanto dicho desalojo es solicitado por la instancia judicial o por expropiarios que avizoran una nueva posibilidad de trabajo, pero que implica perder la oportunidad de recuperar el empleo por parte de los trabajadores desocupados.

La iniciativa autogestionaria surge de la confluencia de un conjunto de factores e iniciativas presentes en los análisis y discusiones que se plantean desde los primeros días de permanencia en la empresa: ¿y ahora cómo se sigue?, ¿qué alternativas jurídicas y empresariales se abren?, ¿cómo poner la planta en producción?

“Y los problemas del después es que nosotros un día nos acostamos siendo trabajadores y nos levantamos una mañana siendo desocupados, y nos levantamos a la mañana siguiente siendo trabajadores pero además teniendo que hacernos cargo de la gestión empresarial... entonces, no es fácil, nosotros no venimos de la teoría a la práctica, aquí nadie se propuso en una mesa de discusión estratégica

“hagamos la cooperativa”; en realidad surgimos de la práctica y bueno, estamos tratando de armar la teoría entre todos, lo cual es un camino difícil, que requiere de mucha discusión y de mucha paciencia”. José Abelli, MNER.

En los casos más frecuentes de empresas paradas, cerradas o en proceso de convocatoria, los trabajadores se encuentran en una nueva situación en que poner en funcionamiento nuevamente la unidad productiva; la resolución de esta problemática está exclusivamente en sus manos y, de manera inmediata, deben resolver cómo asegurar jurídicamente la apertura de la fuente de trabajo frente a una legislación adversa, que desembocaba en la quiebra de la misma.

“La empresa ni siquiera había caído en quiebra, estaba en concurso preventivo, pero estaba cerrada. De hecho el concurso no se iba a levantar y la quiebra caería en cuestión de días o meses, todos sabían el fin que iba a tener eso (...) Estamos tratando de capitalizarnos primero. Trabajamos a costos muy bajos, que son los costos que está pagando el mercado ahora. Y ya te digo, vos para hacer un servicio no podés poner un valor agregado, como cuando vos haces la inversión con la materia prima. Los precios prácticamente los fija el mercado y bueno, es la lucha entre la oferta y la demanda. Tuvimos que ir a buscar nuevos clientes que nos den el trabajo a façon”. Asociado de Nueva San Remo Cooperativa de Trabajo ex Textil San Remo Ltda.

Como decíamos, el proceso que va desde la entrada y custodia de la infraestructura productiva por parte de los trabajadores, hasta la resolución jurídico-política, la inscripción de la cooperativa autogestionada, la resolución de la problemática financiera y el inicio de la producción, es largo y colmado de dificultades. En la experiencia de los últimos años, el inicio de la producción o de la puesta a punto de la maquinaria, se logra después de 7 a 10 meses de ocupación y de negociaciones. Cada empresa tiene sus particularidades, no todas parten de una misma situación ni requieren de las mismas soluciones. Las hay que requieren sólo de materias primas para reiniciar la producción, otras necesitan reacondicionar las máquinas, otras reemplazar las instalaciones obsoletas; hay quienes tienen un nicho en el mercado y enseguida encuentran su lugar y buenos dividendos que permiten obtener a los trabajadores una retribución sustantiva –incluso muy por encima de los salarios medios del gremio– y las hay que les cuesta insertarse sin una reconversión.

Las formas organizativas que van tomando las empresas recientemente recuperadas son diversas. Unos pocos casos tienen en su origen un acuerdo con los antiguos dueños, que participan bajo distintas figuras; por ejemplo, los trabajadores autogestionados acuerdan el pago de un canon mensual a los propietarios por los inmuebles y las máquinas, como en el

caso de la Cooperativa Metal Varela. En otros, como en la Cooperativa de Trabajo Química del Sur, los gerentes se asociaron a los trabajadores acordando la cesión de facturas por cobrar por parte de la patronal y ése es su capital de trabajo inicial. También se encuentran aquí los casos de participación accionaria de los ex dueños y gestión obrera, tal como Polimex y Aldo Maronese, que jurídicamente siguen siendo una sociedad anónima.

En otros casos se trata de alianzas estratégicas, algunas temporales y otras de mayor tiempo, por ejemplo en Zanello, donde se constituyó una sociedad anónima (Pauny S.A.), en la cual los trabajadores tienen el 33% de las acciones, los concesionarios – que son los que aportaron el capital de trabajo – tienen el 33%, otro 33% lo tienen el personal jerárquico y el 1% el Municipio de Las Varillas.

Cada vez con más frecuencia, la expropiación por parte del poder público evitó la quiebra de la unidad productiva y conduce a la cooperativización de la misma. Para alcanzar esta solución, ha sido necesario un largo proceso de lucha, de movilizaciones, de presencia activa de los trabajadores de las empresas en cuestión, unidos al esfuerzo de gran parte de las cooperativas solidarias, de las apoyaturas de distintas organizaciones sociales, gestionando ante la justicia a fin de que no se concrete la quiebra y, simultáneamente, ante el poder político para lograr la expropiación y la cesión a la cooperativa que, por otra parte, se estaba constituyendo. Este proceso llevó a los trabajadores a movilizarse en la calle, frente a los juzgados, en las respectivas legislaturas y frecuentemente implica situaciones de gran tensión entre los trabajadores y el poder público que concurría a desalojar la empresa, o a retirar materias primas o insumos que reclamaban los dueños⁷

“Si nos va bien, sería lindo que cuando nuestros hijos crezcan, y racionalicen más las cosas, sepan que hubo una lucha y que esto costó, costó horas de venir a hacer guardias, de frío, de no comer en la casa, de no saber como se iba a pagar la luz, las deudas y de a poco...” Asociado Empresa Cooperativa Ghelco.

⁷ Tal es el caso de la Cooperativa Lavalán, en la cual, mientras los trabajadores y sus asesores gestionaban frenar la quiebra, se hace presente el personal del Juzgado con fuerzas de seguridad, a fin de retirar una gran cantidad de lana que estaba dispuesta para ser lavada, con el argumento que esa lana era propiedad de otra empresa: en realidad, los dueños del lavadero habían transferido dicha empresa a una nueva sociedad, seis meses antes de su presentación judicial de quiebra, para después entrar en concurso, quebrar y quedarse con la maquinaria e instalaciones del lavadero. En realidad, la nueva empresa no existía: era un galpón vacío con unas pocas máquinas, sin las mínimas instalaciones que requiere la actividad y estaba puesta a nombre de personas insolventes. Por otra parte, se demostró que la transferencia de todas las instalaciones, maquinaria, materia prima y personal a la nueva sociedad, tal como figuraba en el expediente de su constitución, nunca se había efectivizado. Este ejemplo de vaciamiento de la empresa previa a su quiebra ha sido verificado en otros casos, por ejemplo Unión y Fuerza, Metalúrgica LB, Cooperativa Vieytes, etc.

5. Las nuevas cooperativas de trabajo: su organización

Decimos que estamos ante “nuevas” cooperativas de trabajo porque sus miembros enfatizan ciertos aspectos de consolidación de lo asociativo, de lo colectivo y de lo solidario que difiere de un emprendimiento cooperativo pensado y proyectado con antelación. Nadie pensaba en convertirse en cooperativista y, en la medida que toman las riendas de la producción, también van aprendiendo las nuevas reglas de juego.

Así, por ejemplo, en la mayoría de los casos, todos sus miembros tienen el mismo ingreso; no hay diferencias salariales relacionadas con la función que se cumple en la empresa. Con frecuencia, las funciones de administración, contables, de comercialización, etc., son desempeñadas por los propios trabajadores “manuales”, debido a que los anteriores técnicos especializados no han acompañado al resto de sus ex compañeros de trabajo.

Otro aspecto a señalar es que las decisiones se toman en Asamblea General. Este es el mecanismo frecuentemente observado en todas las cooperativas consultadas; algunas de ellas ni siquiera tienen al formal “Consejo de Administración” que toma las decisiones diarias; todas las decisiones son tomadas en Asamblea y resueltas a mayoría de votos. El consejo de administración es representativo de las decisiones de la asamblea, dado que la organización es horizontal.

La inmensa mayoría de los trabajadores entrevistados, ante la posibilidad de que se desvirtúen los principios del cooperativismo sobre participación democrática y control social ve dicha situación como un riesgo real, toman reparos para que no suceda en sus ámbitos y están atentos a que la reproducción de los valores individualistas, o la imagen del patrón, no se reinstale entre ellos.

Contrarrestando lo anterior, notamos entre nuestros entrevistados otro rasgo importante que hace a la solidaridad del grupo, y es que cuando hay problemas – escasa demanda, por ejemplo – no se echa a nadie sino que disminuyen las horas de trabajo del conjunto. Asimismo, y a pesar de la limitación de capital de trabajo, estas cooperativas tienden a no endeudarse, a no tomar crédito, aún cuando éste es hasta ahora prácticamente inexistente o inaccesible, dados los requisitos que establecen: antigüedad de la empresa, propiedades en garantía, etc. Recién en el mes de diciembre del 2003, el Gobierno Nacional plantea una serie de medidas tendientes a financiar y otorgar créditos exclusivamente a empresas recuperadas. De todas maneras existe una aversión al endeudamiento que proviene del ejemplo de otras cooperativas de mayor antigüedad que tienen una alta morosidad, lo cual traba sus aspiraciones de desarrollo; terminan produciendo para pagar el crédito y no para obtener un mejor sustento para sus familias.

A pesar de todo, en todas estas experiencias se está afianzando la convicción en el trabajo asociativo. Predomina el apoyo mutuo entre los trabajadores -apoyo que a veces flaquea dadas las penurias que pasan las familias en los meses iniciales, prácticamente sin

cobrar más que un seguro de desempleo miserable o “algo para viáticos” – y la solidaridad recibida de otras cooperativas y organizaciones sociales. Todos estos elementos contribuyen a valorar la acción colectiva por sobre el “sálvese quien pueda” de la ideología neoliberal dominante en la última década y que impregnó a extensos sectores de la sociedad, incluyendo a los que experimentan los efectos más destructivos del modelo.

La tarea no es simple: se trata de acondicionar la maquinaria que ha estado parada durante un tiempo; recuperar los antiguos clientes y su confianza, muchos de los cuales han optado por otra fuente de abastecimiento ante el cierre de la unidad; de conseguir los mínimos recursos para saldar deudas de electricidad, gas, teléfono, a fin de hacer funcionar las máquinas y todo el circuito productivo; capacidad de elaborar los presupuestos y, básicamente, contar con un capital de trabajo que les permita hacer frente a la necesaria compra de insumos y otros gastos previos a la venta de su producción inicial.

En algunos casos, la posibilidad de poner la empresa en funcionamiento provino de la existencia de *stock* o de la terminación y entrega de un pedido que la patronal tenía pendiente. Estos pequeños fondos han servido para poner en movimiento a la cooperativa.

De todas maneras, la falta de capital de trabajo es una limitante que incluye a todas las cooperativas de trabajadores recientemente formadas; una solución transitoria ante esta situación es el trabajo “a façon”, en que la demanda adelanta a la cooperativa el valor de la materia prima que ésta necesita para producir el bien, es decir, venden su capacidad de producción a quien aporta las materias primas. Esto les permite obtener un primer capital, que luego utilizan para comprar “per se” las materias primas y adueñarse de todo el proceso productivo y comercial.

La experiencia está demostrando que, con dificultades, los trabajadores van adquiriendo la capacidad de gestionar, de administrar su propia cooperativa; claro está, no es algo que exista desde el principio, pero se adquiere con cierta rapidez.

La evidencia de que es posible la gestión obrera está en el hecho de que varias de las empresas autogestionadas están en condiciones de incorporar nuevos asociados, generalmente también ex trabajadores que no se incorporaron inicialmente y que no creyeron en las posibilidades cooperativas, como en el caso de las C. de T. Unión y Fuerza, Unión Papelera Platense, entre otras. Muchos trabajadores han logrado más que cuadruplicar sus retiros mensuales originales -en Química del Sur están retirando (según datos de año 2002) \$ 500 mensuales más alimentos, en Unión y Fuerza, más de \$ 1000-, y están prácticamente en condiciones de comprar la quiebra y pasar a ser dueños definitivos de las instalaciones.

Otro dato que es preciso evaluar es las edades de los socios. En su mayoría superan los 40 años, es decir, que de haberse suprimido sus fuentes de trabajo difícilmente hubieran podido insertarse en el mercado de trabajo formal.

6. La participación del sector público

Tanto la Constitución Nacional como las provinciales y de la Ciudad de Buenos Aires tienen distintos articulados coincidentes en la defensa de las fuentes de trabajo y se atienen a los convenios internacionales ratificados, considerando las recomendaciones de la OIT de “generar políticas y emprendimientos destinados a la creación de empleo...”

A pesar de toda esta legislación, en la década pasada cerraron miles de empresas y miles de trabajadores se transformaron en desocupados. Durante toda la década del '90, el Estado se marginó de cualquier acción que permitiera el salvataje de las unidades productivas y el mantenimiento de las fuentes de trabajo, aun teniendo las herramientas legales para hacerlo

Recién ante la caída del gobierno de De La Rúa, y ante fuertes movilizaciones populares, algunas jurisdicciones reaccionan desempolvando leyes existentes -nunca aplicadas- que les permitían utilizar la causalidad de utilidad pública o de protección al trabajo, para intervenir en procesos de quiebra y posibilitar la continuación productiva en manos de los trabajadores. No caben dudas de que en la actitud favorable a este tipo de resoluciones influyeron los fenómenos políticos, financieros y de conflictividad social que se aceleraron a partir de diciembre de 2001. Sin embargo, a pesar de la existencia de programas dentro las Secretarías de la Producción, Empleo y Desarrollo Económico – existentes en el gobierno nacional y en prácticamente todos los gobiernos provinciales y municipales –, éstas no contaban (y siguen del mismo modo) con más que un escasísimo presupuesto, migajas dentro del presupuesto global. Como sostienen muchos trabajadores cooperativizados: “obtenés apoyo moral, asesoramiento, cursos...pero no se ve un peso”.

En las provincias donde no se aplica la ley de expropiación, la situación es mucho más difícil. Por ejemplo, los trabajadores del frigorífico Fricader -de Gral. Roca, provincia de Río Negro- hace 18 meses que tienen tomadas las instalaciones. Es el único frigorífico lanar a 300 Km a la redonda y por artilugios legales no es entregado a los trabajadores. Sostienen que como el Banco Nación es el principal acreedor hipotecario, el gobierno provincial no se anima a expropiar.

Con respecto al sector cooperativo tradicional, se encuentran desmanteladas las unidades públicas que tienen su accionar dirigido al sector. “Acá el Instituto Nacional de Asociativismo y Economía Social es una caja vacía que sólo da matrículas o que la Secretaría de la Pequeña y Mediana Empresa no disponga de créditos para bancar la producción...Eso quiere decir que el Estado no tiene políticas de empleo”⁸. El IPAC (ex

⁸ Entrevista al Sr. Abelli, *Página/12*, 13 de septiembre de 2002.

Instituto Provincial de Acción Cooperativa) de la Provincia de Buenos Aires ha sido desmantelado, eliminados sus programas de apoyo a las cooperativas, reducido a una Dirección Provincial, con acciones exclusivas de matrícula.

En el ámbito de las actuales empresas autogestionadas – en particular, entre las adherentes al Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas y al Movimiento Nacional de Fábrica Recuperadas por los Trabajadores – existe la actitud de trabajar en conjunto con las administraciones públicas.

“Las cooperativas de trabajadores somos los socios ideales en la pelea del Estado por la empleabilidad. La gran ventaja de las cooperativas es que, asociadas con el Estado, privilegian la creación de empleo por sobre la acumulación de ganancias de los privados (...) En América Latina, y en particular en la Argentina, con el fracaso del fundamentalismo de mercado, han quedado en evidencia lo que en otras economías es una insinuación. Con ello quiero decir que están equivocados los que piensan que la autogestión de los trabajadores es un “fenómeno” de la crisis en Argentina. Lo que sucede en Argentina es el preanuncio de las nuevas formas de luchas y organización de los trabajadores que se darán, inexorablemente, en el capitalismo. En la Argentina, los trabajadores de autogestión podemos constituir un 10% de la población económicamente activa. Si tenemos en cuenta que en hay 5 millones de desocupados y más de 100.000 establecimientos fabriles cerrados, como consecuencia de la ley de quiebras, hay posibilidad de recuperar en forma inmediata 500.000 puestos de trabajo en forma directa y 300.000 en forma indirecta, lo que significaría inclusión, con base producción y trabajo, para 3 millones de argentinos. Si realizamos este análisis, la política de expropiación es absolutamente insuficiente. Pero para nosotros significa una gran conquista conseguida con **la movilización y la lucha**”. José Abelli, Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas.

También, dentro del ámbito Nacional, en la segunda quincena de diciembre de 2003 fueron noticia diferentes políticas dirigidas al sector. Una tiene que ver con el crédito, dado que bajo el esquema vigente el sector asociativo se encuentra excluido del financiamiento.

A nuestro entender, los anuncios no son más que políticas adecuadas al sector de cooperativas ya en marcha; pero no incentivan la formación de nuevas cooperativas ni sostienen a las más débiles

“Esta aparición por primera vez de líneas de crédito para las empresas recuperadas marca la clara institucionalización y el claro reconocimiento al esfuerzo, al trabajo, a la lucha desigual por recuperar del derrumbe a cientos de empresas que fueron en muchos casos vaciadas y con los métodos más viles fueron absolutamente descapitalizadas, dejando a cientos de trabajadores en la calle”.

Con estas palabras abrió el discurso el Presidente de la Nación tras ser anunciadas las tres políticas de crédito:

- La creación del Fondo de Asistencia a Empresas Recuperadas (Foempre), de seis millones de pesos, coordinado por el BNA y las carteras de Trabajo y Desarrollo Social. Los créditos de este fondo fiduciario serán de hasta 200 mil pesos, tendrán una tasa de 7 por ciento anual y serán sólo para capital de trabajo y activos fijos. Lo que resulta novedoso y positivo es que, para acceder a ellos, será suficiente con que las cooperativas presenten como garantía su proyecto de trabajo.
- Se crea una línea de Créditos del Banco Nación para empresas que estén en condiciones de acceder al crédito bancario. Préstamos para capital de trabajo, que se otorgarán por 50 mil pesos como máximo, con una tasa bonificada en un 30 por ciento y un plazo de devolución de hasta un año. Por último,
- El Banco Nación cederá en forma de *leasing* (alquiler con opción a compra) los créditos e hipotecas sobre maquinarias e inmuebles de fábricas que no estén en uso, para que puedan ser reflatados por trabajadores. Sobre este punto, al menos para nuestras posibilidades, no hay demasiada información puesto que aún, nos indican, deben terminar de cuadrar las normativas que lo pongan en funcionamiento.

El sector liderado por el Dr. Luis Caro – Movimiento Nacional de Fábricas Recuperadas por los Trabajadores – dio pleno apoyo a las medidas del Presidente Kirchner. No sucedió así con el Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas, su titular Eduardo Murúa decidió no participar del acto por considerar que “las medidas presentadas por el Gobierno son insuficientes y no representan una política pública clara para la recuperación del empleo”; pide “políticas más audaces” y advierte que “si hubiera políticas de Estado apoyando a los trabajadores en una Argentina que tiene 65 por ciento de la capacidad instalada improductiva, se podría reactivar sin la famosa inversión extranjera, y así impedir firmar acuerdos espurios con el FMI”⁹. El MNER pide una ley de expropiación de unidades productivas – que garantice el acceso directo de los obreros a las empresas quebradas – y la cesión de créditos de todos los bancos oficiales.

El Ministerio de Desarrollo Social, a través de la Dirección de Economía Solidaria, ha lanzado el Programa de Emprendimientos Productivos Solidarios cuyos principales destinatarios son grupos de personas con iniciativas originadas en la autogestión, que formen parte de un proyecto comunitario vinculado a la producción de bienes y que

⁹Diario *Página 12*, 15 de diciembre de 2003

presenten necesidades de apoyo en términos de asistencia financiera. A ellos se les brinda un subsidio no reintegrable de un monto no superior a los \$ 5.000. Como contraparte, deberán donar un porcentaje de lo producido a entidades intermedias que prestan servicios sociales en la comunidad.

Pero, tal vez, el programa que mayor trascendencia ha cobrado para el sector de empresas recuperadas es el Plan Nacional “Manos a la Obra” que cuenta, entre sus objetivos el de “implementar un sistema masivo de apoyo a iniciativas de economía social”, y entre sus prestaciones de encuentra la de otorgar apoyo económico-financiero para la compra de insumos, materiales y equipamiento que se constituyan como capital de trabajo para los pequeños emprendimientos productivos. En el marco de dicho Plan – por medio de un subsidio de \$157.000 –, los 62 trabajadores de la Cooperativa Periodística y Gráfica de Trabajo, Consumo y Vivienda Limitada COPEGRAF Ltda. adquieren en forma definitiva, dado que ganan la licitación, el periódico cordobés *Comercio y Justicia*. Se transforman así, en el primer caso en que una cooperativa queda en posesión de la empresa que se ha propuesto recuperar. Los trabajadores tuvieron que competir con un emprendimiento privado; sin embargo, las instalaciones fueron pagadas con los derechos que, como acreedores, tenían como personal de la firma en quiebra. Con el subsidio se podrá mantener en funcionamiento la impresión y distribución de dicho periódico y de otros editados por el mismo grupo.

Por otro lado, el Instituto Nacional de Asociativismo y Economía Social (INAES), también dependiente del Ministerio de Desarrollo Social, está trabajando en un borrador que permita gestar las bases de un Programa Nacional de Recuperación de Empresas, cuyo instrumento central será el aporte para un Proyecto de Ley que permita cubrir las actuales falencias en los aspectos legales, tecnológicos y de financiamiento.

En el Congreso de la Nación se han presentado dos proyectos de ley -aún no tratados- que beneficiarían en gran medida a las empresas recuperadas: uno de ellos, precisamente, es el Proyecto de Ley de Fomento y Asistencia para la Recuperación de Empresas por los Trabajadores, presentado por los diputados Carlos Raimundi, Alberto Piccinini y Marcela Bordenave. En el artículo propone, 1º: “la presente ley tiene por objeto la instrumentación de políticas de Estado tendientes a viabilizar normativa, técnica y financieramente los procesos de recuperación de empresas en crisis, en quiebra o concursadas por parte de sus trabajadores”. Para ello se establece la creación del Fondo Nacional para la Recuperación de Empresas (FONARE), cuyas finalidades abarcarían la cesión de créditos, otorgar apoyo técnico amplio y alentar acciones tendientes a impulsar la competitividad de las actividades productivas.

El presente proyecto de ley es sostenido por todos los movimientos de empresas y fábricas recuperadas y sus argumentos devienen de sus objetivos de lucha; pero su

tratamiento quedó relegado frente a un año de recambio electoral que antepuso la actividad particular o partidaria frente a la responsabilidad social de la mayoría de los congresistas. Igual suerte corre el Proyecto de Ley de Protección del Patrimonio Tecnológico, que presentaran los legisladores Francisco Gutiérrez, Fernando Melillo, Marcela Bordenave, María Ocaña y Alicia Gutiérrez, en el cual se daría respuesta definitiva a la serie de problemáticas que aquejan al desarrollo de recuperación de empresas.

Con el mismo espíritu, en noviembre de 2003 Eduardo Mondino, el defensor del Pueblo de la Nación, presentó ante el Congreso de la Nación y ante el Ejecutivo un proyecto de reforma de la Ley de Concursos y Quiebras que busca favorecer la continuidad laboral de las empresas fallidas en manos de sus trabajadores. La propuesta toma la experiencia de 21 fábricas recuperadas y numerosos fallos judiciales en causas relacionadas con el cierre de empresas, de los cuales se recoge una serie de limitaciones de la legislación actual para que los magistrados puedan facilitar el mantenimiento de los puestos de trabajo y la actividad de las empresas.

En resumidas cuentas, si se busca un marco legal (en algo se ha avanzado en este último año) hay proyectos que responden a las necesidades de las empresas recuperadas, proyectos que fueron forjados por los mismos trabajadores asociados y sus representantes. Pero hasta que no estén aprobados el vacío legal o el quedar a la espera de la interpretación de cada juez, juega en contra del proceso de autogestión

Acaso, frente a la crisis coyuntural y al planteo de una respuesta soberana de reconstrucción de la economía ¿no sería mejor sancionar dichos proyectos antes que continuar emparchando un modelo que – haciendo agua por todos los sectores – posterga un desarrollo social genuino de mejor generación y distribución de la riqueza? El desafío es político y, también, cultural. ¿Estarán dadas – en el presente gobierno (y en sus tres poderes) – las condiciones para optar por una alternativa diferente de construcción económico-social? ¿será ésta su voluntad o simplemente la de declamar y poner algunas cuotas de progresismo dentro de un capitalismo decadente? Aquí están planteadas las diferencias de opinión que hoy guían a los movimientos de empresas o fábricas recuperadas. Más allá de los liderazgos, la diferencia está en la cuota de esperanza que se tenga: total, parcial o nula.

Si nos adentramos en la Ciudad de Buenos Aires, nada resulta diferente a lo acontecido en el ámbito nacional. La Legislatura de la Ciudad de Buenos Aires, en la sesión del 1 de octubre de 2003, aprobó la ley por la cual se establece que, en caso de tratarse de bienes de empresas fallidas sobre las cuales recaiga ley de declaración de Utilidad Pública, se entiende como valor objetivo el precio de venta posible en remate judicial. Es decir, no se debe tener en cuenta el valor de mercado.

En esa misma sesión, se aprueba el Proyecto de Ley presentado por el Legislador Argüello, que transfiere a las fábricas recuperadas las habilitaciones necesarias para la

comercialización de sus productos. Se trata de los certificados y permisos que otorga la Dirección General de Higiene y Seguridad Alimentaria a distintos productos para que puedan ser comercializados en forma legal y se propone que, para todos los casos, los trámites para las habilitaciones se realicen sin costo alguno en sus sellados, timbrados, tasas o impuestos.

7. Perspectivas y limitantes

Debe tenerse presente que la constitución de cooperativas autogestionadas por los propios trabajadores ante situaciones de quiebra/cierre de la unidad productiva constituye un proceso largo, jurídicamente complejo en que los trabajadores deben enfrentarse normalmente a poderosos intereses económicos. La defensa de su fuente de trabajo -que está garantizada por el artículo 14 y 14 *bis* de la Constitución Nacional- es mediante la permanencia en el lugar de trabajo a fin de asegurar el traspaso de todas las instalaciones y maquinarias existentes a la cooperativa, particularmente ante los frecuentes procesos de quiebra, donde los anteriores dueños pugnan por la liquidación en remate de la empresa, lo cual ha implicado frecuentes enfrentamientos con las fuerzas de seguridad.

“No sólo el contexto social y económico que da pie a la magnitud del fenómeno, sino el contexto político en el que las empresas recuperadas se insertan, tienen un papel protagónico y deben plantearse necesariamente la continuidad de su desarrollo..”¹⁰

Interesa señalar, aunque este punto requiere de un mayor desarrollo, el impacto que la nueva situación macroeconómica tendría sobre la potenciación productiva-económica de las empresas recuperadas. Se advierte que con la devaluación, automáticamente aparece un conjunto muy importante de actividades que, gracias a la nueva paridad, se encuentran en condiciones de sustituir importaciones y/o exportar. Pero a medida que se avanza en dicho proceso se advierte que, más allá de un conjunto casi obvio de productos donde la devaluación les ha ampliado sus ventajas naturales, en el resto se ponen de manifiesto limitaciones muy importantes para materializar sus potencialidades y que, hasta el momento, el Estado no ha tomado cabal partido por las empresas autogestionadas.

“Nosotros estamos tratando de instalar, en la agenda política, políticas públicas – políticas activas y proactivas – que tengan que ver con que el Estado, que en lugar de financiar al sector de la especulación financiera – porque acá no hay

¹⁰ Informe del Relevamiento entre Empresas Recuperadas por los Trabajadores. Facultad de Filosofía y Letras. U. B. A.

ninguna posibilidad de inversión del sector formal, digamos: no vamos a tener un Plan Marshall, no van a venir los US\$ 120.000.000.000 que están en el extranjero y sabiendo que ningún capitalista va a invertir en producción en la Argentina en los próximos años- busque el camino por donde recuperar los activos productivos y recuperar los puestos de trabajo; levantar las persianas de las fábricas -que hay muchas que han sido destruidas por la apertura indiscriminada de la economía- y nosotros creemos que por ese camino podemos llegar a recuperar hasta 1.000.000 de puestos de trabajo en todo el país... si el Estado decide tener políticas sobre el sector.” José Abelli, MNER.

Entre las limitaciones comunes a todo tipo de empresa hemos encontrado: la restricción financiera, la no disponibilidad de capital de trabajo y la ausencia de prefinanciación para las exportaciones que acotan severamente la capacidad de reactivar sectores en condiciones de dar una respuesta rápida al incentivo cambiario; por otra parte, el esquema de convertibilidad amplió la sustitución negativa de importaciones. Dado el tiempo transcurrido, esta capacidad productiva que se desactivó en los '90 se encuentra desmantelada u obsoleta. También hay que tener en cuenta la desarticulación verificada en la estructura industrial, lo que implica, entre otras limitantes, que una gran cantidad de insumos y bienes intermedios deben ser ahora importados y son impactados negativamente sobre la devaluación.

Este conjunto de limitantes, ante un contexto macroeconómico potencialmente oportuno para la reconversión productiva y el crecimiento impacta en forma más negativa en las nuevas cooperativas de trabajo, debido a que se encuentran sin capital de trabajo y en desventaja – frente al resto de empresas privadas – de conseguir crédito; vienen de un proceso de paralización productiva y, frecuentemente, experimentan obsolescencia tecnológica y afrontan un fuerte proceso de reorganización empresarial al transformarse en cooperativas de trabajo.

Sin embargo, también a fines del presente año – más allá de las políticas públicas de crédito anunciadas por el ejecutivo – el Diputado Nacional Héctor Polino logra que se apruebe su proyecto de Ley sobre Cajas de Créditos Cooperativas, que presentara año tras año desde el 2000. Esta Ley abre una enorme posibilidad de obtener créditos, independientemente de las políticas de estado. El cooperativismo de crédito es un movimiento económico y social que surgió para dar acceso al crédito a los sectores populares habitualmente marginados del circuito bancario y tiene una larga trayectoria en todo el mundo. En nuestro país, las diversas dictaduras militares se han ocupado de desmantelarlo.

“El predominio de las doctrinas económicas del liberalismo, ha impedido desde la restauración de la democracia desarmar la herencia financiera de la última dictadura militar y permitir el refloreamiento del cooperativismo de crédito. (...)

Hoy resulta imprescindible la caja de crédito local, manejada por los vecinos en cada pueblo del país, que haga accesible el crédito al pequeño industrial, comerciante, agricultor o asalariado. (...) Impulsando su creación haremos realidad el progreso y el desarrollo independiente de nuestro país, al poner los dineros de los argentinos al servicio de la producción y del trabajo”. Diputado H. Polino, gacetilla de prensa.

La Ley propone restaurar la forma asociativa y, para ello, deja sentado que se exige la mutualidad rigurosa: todos los usuarios deberán ser asociados y sólo se permite la casa única; no permite la apertura de filiales en otras localidades en donde se pierde el contacto directo entre vecinos. Las experiencias de autogestión pueden encontrar en dichas cajas de créditos el lugar ideal para financiar sus proyectos o ampliar sus horizontes.

El proceso de recuperación de empresas es más que la mera acción de reactivar empresas cerradas o en vías de serlo; el trabajador toma contacto con otra forma de relaciones sociales, tanto dentro de la producción como en su vinculación con el afuera, cuestionándose a diario las desventajas que encerraban para él las relaciones capitalistas de producción.

“No sólo estamos manteniendo los puestos de trabajo sino contratando gente y superando los salarios establecidos en los convenios en la mayoría de las 15 empresas recuperadas [se refiere a las de la Ciudad de Buenos Aires]. (...) Obviamente reconozco que nos falta, pero estamos tratando de llevar el conocimiento de las universidades a las empresas recuperadas. El proceso no es fácil y más cuando se hace tan difícil podernos hacer cargo de las fábricas sin apoyo del Estado. De todas maneras, no tengo dudas que una empresa recuperada va a resistir cualquier crisis mejor que una PyMe”. Eduardo Murúa, Presidente del MNER, diciembre de 2003.

8. Conclusiones y demandas inmediatas

El salvataje de fuentes de trabajo mediante la autogestión de los trabajadores constituye un proceso muy dinámico. Las demandas inmediatas se han concentrado en dos aspectos: la modificación de la actual Ley de Concursos y Quiebras, a fin de viabilizar jurídicamente un proceso que permita el mantenimiento del patrimonio y los derechos de propiedad con sentido social para los trabajadores y no quedar a criterio del juez y de la provincia de turno. Y, luego, la necesaria consolidación del proyecto cooperativo mediante el apoyo crediticio y el reconocimiento como motor dinamizador de una nueva economía.

Con respecto a lo primero, “La solución sería que no se liquiden los activos de las fábricas quebradas. Para esto pedimos una modificación a la Ley de Quiebras 24.552”, sostiene Luis Caro, abogado y presidente del Movimiento Nacional de Fábricas Recuperadas por los Trabajadores.

La propuesta es suspender por dos años la liquidación de la fábrica y cederla en comodato a los trabajadores en cooperativa. “paralelamente se deberían iniciar procesos individuales de expropiación. Con el pago de la indemnización cobrarían los acreedores. El valor sería mayor que si se va a remate y no se destruye el aparato productivo”¹¹. “Si por la quiebra hubiéramos dejado que cerrara la fábrica de tractores Zanella hoy no tendríamos tractores en un país que produce alimentos para 300 millones de personas”, acota Abelli, del MNER. “¿Por qué no dictar una ley de emergencia que contemple salvar a las empresas en quiebra y transferir patrimonio a los trabajadores sobre la base de la deuda acumulada? El problema hoy es el privilegio de los bancos a través de la hipoteca y la prenda. Pero ni a ellos les sirve un clavo, porque se convierten en inmobiliarias, a pérdida”.¹²

El otro aspecto se refiere a la necesidad de consolidar las nuevas empresas autogestionadas “...no queremos sólo hechos puntuales sino políticas públicas que contemplen el problema del desempleo” y, como un ejemplo de éstas, el Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas propone “crear un fondo de capital de trabajo. Los trabajadores tenemos el capital humano. Sabemos producir y administrar pero no tenemos dinero ni somos sujetos de crédito. Sin embargo quedó acreditado a través de 100 empresas y 10.000 puestos de trabajo que somos los únicos capaces de sostener empleo... Por eso, así como el Estado invierte en salud pública y educación, debe invertir en trabajo”¹³

¿Qué posibilidades de profundizarse tienen estas experiencias? Parecería que la profunda crisis global en que se encuentra nuestro país está dando lugar a la emergencia de procesos innovadores antes que a repetir experiencias pasadas que llevaron a la actual situación.

En este sentido, la experiencia de las cooperativas autogestionadas, de las formas asociativas de producción, distribución y consumo – como otros exponentes de la economía social –, aún con sus dificultades iniciales y la falta de apoyo global por parte del estado, están no sólo cuestionando el mal funcionamiento de lo existente, sino que están planteando una economía alternativa, con carácter social.

“Los trabajadores luego de haber sido financistas de los empleadores comienzan una nueva etapa que se maneja con una lógica económica distinta a la anterior. La lógica actual nos dice que para comenzar un proceso económico se debe tener capital, luego invertir, producir, vender, luego pagar los servicios, insumos, impuestos, materia prima, retirar las utilidades, pagar los altos sueldos gerenciales y luego, de lo que

¹¹ “Las cooperativas de trabajadores piden modificar la Ley de Quiebras”. Diario *El Cronista Comercial*, 25 de septiembre de 2002.

¹² Entrevista al Sr. J. Abelli, *Página/12*, 13 de septiembre de 2002

¹³ Entrevista al Sr. J. Abelli, *Página/12*, 13 de septiembre de 2002

queda, se pagan salarios. Si no alcanza entonces comienza la etapa de reducción de salarios, suspensiones y cierre de la empresa. En las fábricas que recuperan los trabajadores la lógica es otra. Se funda en una economía básica de subsistencia. Por un lado, se obtiene el uso y goce de las instalaciones, maquinarias y herramientas, es decir, los Medios de Producción; por el otro, tenemos a los trabajadores que tienen la experiencia de producir con esas mismas maquinarias por más de 20 o 30 años. Este es un factor clave, ya que son ellos los únicos con posibilidades de hacerlo. Aquí se redescubre la importancia del trabajo y del trabajador en la etapa productiva. Ya no representa sólo un ínfimo salario, sino que adquiere su verdadero valor como sujeto del trabajo, como actor principal”. Luis Caro, Presidente del MNFRT

Tanto es así, que las empresas recuperadas quieren mejorar sus políticas productivas, su tecnología, sus costos y generar más y nuevos productos. Están en plan de diseñar estrategias “para fortalecer el desarrollo y la competitividad de las empresas recuperadas, algo de lo que carecen aunque estén produciendo”, señaló José Abelli en la apertura del Encuentro celebrado en Rosario en diciembre de 2003, con la presencia de 500 delegados de empresas recuperadas, y representantes de universidades públicas y organismos de ciencia y técnica.

El principal objetivo de dicho encuentro fue que del intercambio entre obreros, académicos e investigadores surjan proyectos de trabajo conjunto que tengan aplicación concreta, y presionar entre todos por la implementación de políticas públicas que garanticen la continuidad y el crecimiento de las experiencias de autogestión, como forma de recuperar puestos de trabajo y aportar a la producción nacional. Fruto de este debate son los proyectos de lanzar una marca propia que unifique a las fábricas autogestionadas, mejorar la conexión entre sí para bajar costos y la mantener la política de reclamos al Estado, pero manteniendo su autonomía.

La instalación pública de la problemática y su relación con el plano de la política es, entendemos, el aspecto que más debemos reforzar. Las universidades deberían dar un enfoque interdisciplinario, el marco teórico, e involucrarse en las acciones.

“Ya no alcanza con parches, ya no alcanza con acciones reactivas, ya no alcanza con estrategias de sobrevivencia, éstas pueden tener éxito en algunos casos y no tenerlo en otras, pero lo que es fundamental es que asumamos que la economía dejó de ser un hecho natural, o naturalizado, y que es posible construir otra economía, y que parte de ese proceso de construcción de otra economía implica comprender estas experiencias, conceptualizarlas y sobre todo conceptualizar qué es la economía”.¹⁴

¹⁴ Coraggio, J.L. exposición. Encuentro sobre aportes universitarios a las Empresas Recuperadas, UNGS, 12 de septiembre de 2003.

Romper con la perspectiva de ver estas experiencias como una manera de mantener puestos de trabajo, para tomarla como una alternativa de economía social que puede reemplazar al sistema capitalista mismo, tal como se viene planteando en los diferentes encuentros del Foro Social Mundial.

“planteamos (...) que hay que expandir el sistema de relaciones, y en particular del mercado de la economía social, ampliar la complejidad del sector de la economía social, generando más economía social y no viendo cómo se resuelve necesariamente el problema con el sector capitalista”¹⁵.

“Las empresas no son exclusivamente de propiedad privada, sino bienes sociales. Se construyen con mucho capital humano y el esfuerzo de los trabajadores”, agrega Eduardo Murúa, Presidente del MNER. Este es el centro del debate, la reproducción y discusión en todo ámbito social, ayudará a generar la conciencia de que otra alternativa puede ser posible.

Sobre esta alternativa parecería abrirse un consenso cada vez más amplio. Así, por ejemplo, en uno de los últimos encuentros del Plan Fénix, orientado a propuestas más específicas y concretas de acción, se observa:

“En un segundo eje, se acordó que este programa redistributivo debe ir acompañado de la acción sistemática, desde Estado y Sociedad, para dar organicidad, calidad y competitividad a un sector de economía social, con un régimen impositivo diferenciado, declarado de bien público, centrado en el trabajo, capaz de dar autonomía a los trabajadores al insertarse no sólo como consumidores sino como productores, y de poner otras condiciones al intercambio con los subsistemas de la economía pública y de la economía empresarial. La lógica de ese sector es la reproducción ampliada de la vida de todos y su desarrollo incluye introyectar los valores de equidad y de democracia participativa en el sector de la economía pública, a través de mecanismos de presupuesto participativo y de otras formas de corresponsabilidad por lo público entre Estado y Sociedad, y en el sector privado impulsando la cogestión y otros acuerdos más equitativos entre el trabajo y capital en lo que hace a los salarios y las condiciones de trabajo. Aquí se advirtió la oportunidad que abren los procesos de crisis de empresas que pueden ser reactivadas en base a estos acuerdos, de lo cual ya hay ejemplos importantes. Este eje implica pasar de políticas sociales asistencialistas, complemento de la política neoliberal, a políticas socioeconómicas y enmarcarlas en procesos de desarrollo local incluyentes de todos los ciudadanos”.¹⁶ Plan Fénix, Comisión Nº 5: Políticas sociales, laborales y de distribución. Facultad de Ciencias Económicas, UBA, mayo 2002.

¹⁵ Coraggio, J.L. exposición. Encuentro sobre aportes universitarios a las Empresas Recuperadas, UNGS, 12 de septiembre de 2003.

¹⁶ Plan Fénix, Comisión Nº 5: Políticas sociales, laborales y de distribución. Facultad de Ciencias Económicas, UBA, mayo 2002.

Bibliografía

- ALMEYRA, G. *Diario La Jornada*, México: 7 de diciembre de 2003.
- BASUALDO, E. *Sistema Político y Modelos de Acumulación*. Universidad Nacional de Quilmes/FLACSO, 2001.
- BATTISTINI, O *et alli*. *La Atmosfera Incandescente. Escritos Políticos sobre la Argentina Mobilizada*, CEILPIETTE, noviembre de 2002.
- Centro de Estudios para el Desarrollo Metropolitano (CEDEM). *La Industria Manufacturera*. Secretaría de Desarrollo Económico. Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires.
- CORAGGIO, J.L. *Las Empresas Recuperadas en el Marco de la Economía Social*. Encuentro sobre aportes universitarios a las Empresas Recuperadas. Universidad Nacional Gral. Sarmiento, septiembre de 2003.
- CORAGGIO, J.L. “Una Alternativa Socioeconómica Necesaria: la Economía Social”. Ponencia presentada en el Seminario *El Estado de las Relaciones Laborales en la Argentina, Nueva Realidad Emergente en el Contexto del MERCOSUR*, abril de 2003.
- Equipo de Trabajo de Empresas Recuperadas en la FETIA-CTA. *Mensaje de los Trabajadores de Empresas Autogestionadas al Congreso de la CTA*. 2003.
- Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad de Buenos Aires. *Plan Fénix, Comisión n° 5: Políticas Sociales, Laborales y de Distribución*. Mayo de 2002.
- Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. *Informe del Relevamiento entre Empresas Recuperadas por los Trabajadores* Programa Facultad Abierta, 2003.
- FRENKEL, R y ROZADA, M. *Productividad y Empleo en la Apertura Económica*. OIT, 1999.
- KOROL, C. “Dilemas del Cooperativismo en la Perspectiva de Creación de Poder Popular”. Centro Cultural de la Cooperación. *Cuaderno de Trabajo n° 20*, junio de 2003.
- KOSACOFF, B y RAMOS, A. *Cambios contemporáneos en la estructura industrial argentina (1975-2000)*. Universidad Nacional de Quilmes.
- NEFFA, J. C. *et alli*. *Exclusión Social en el Mercado de Trabajo: el Caso de Argentina* OIT-Fundación Ford, Documento de Trabajo n° 109, 1999.
- OGANDO, A. “Autogestión Obrera y Cooperativismo. Algunos Apuntes sobre el Caso de las Fábricas Ocupadas en Argentina”, In: *Revistas Trabajadores*, 2003.
- OIT. *Argentina, una Década de Convertibilidad, un Análisis del Crecimiento, el Empleo y la Distribución del Ingreso*. 2002.
- PALOMINO, H. “Colapso Institucional y Reconstrucción Social en la Argentina”, In: *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, Año 7, n° 14, 2001.

- PALOMINO, H. "Las Experiencias Actuales de Autogestión en Argentina. Entre la Informalidad y la Economía Social", In: *Revista Nueva Sociedad*, n° 184, 2003.
- Revista en Marcha. Dossier *Empresas Conducidas por sus Trabajadores. Abierto por Quiebra*. Año V, n° 29, diciembre de 2002.
- Revista en Marcha. Dossier *La Conquista del Espacio*. Año VI, n° 32, junio de 2003.
- REZZÓNICO, A. "Empresas Recuperadas. Aspectos Doctrinarios, Económicos y Legales". Centro Cultural de la Cooperación. *Cuaderno de Trabajo n° 16*, marzo de 2003.
- SANCHA, J. *Recuperación de Fuentes de Trabajo a partir de la Autogestión de los Trabajadores*. Instituto de Estudios y Formación Espacio de Economía Social, CTA., julio 2003.
- VALLE, R. *Autogestão o que fazer Quando as Fábricas Fecham?* Rio de Janeiro: Sage/ Finep, 2002.
- Vários Autores. *Economia dos Setores Populares: entre a Realidade e a Utopia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2000.
- VUOTTO, M. *El Desempeño Organizacional del Cooperativismo de Trabajo*. Centro de Estudios de Sociología del Trabajo, UBA, Fac. de Ciencias Económicas, 1999.

O Gesto da Arte como Consciência da Paisagem e da Existência Humana na América Latina

Ângela Maria Pimenta*

Resumo: O artigo mostra o indivíduo artista na sua relação com o meio social e ambiental. Os artistas, poetas da vida cotidiana, são as pessoas que podem estar, e freqüentemente estão, conscientes do curso que a existência humana está seguindo. Sua busca é representar o mundo, dimensionar e encontrar-se na paisagem, percebendo-se capaz de interpretar o Outro, indivíduo e coletivo, nas suas relações de trabalho, na sua não inserção social e no seu isolamento caótico (violência e loucura) face à modernidade das grandes cidades na América Latina, como São Paulo, Quito e outras. Tomou-se como representação e testemunho dois artistas latino-americanos: a brasileira Renina Katz e o equatoriano Oswaldo Guayasamín, cujas obras escolhidas proporcionam leituras do gesto ativo da arte e do testemunho do *humano ser*, das paisagens interior e exterior, do ser social e a sustentabilidade do *ser-mundo* no lugar, na cidade e na região.

Palavras-chave: Consciência, Indivíduo, Coletivo, Natureza, Paisagem, Lugar, Gesto, Arte.

Resumen: El artículo muestra al individuo, artista en su relación con el medio social y ambiental. Los artistas poetas de la vida cotidiana, son las personas que pueden estar y frecuentemente están conscientes del curso que está siguiendo la existencia humana. Su búsqueda es representar el mundo, dimensionarla y encontrarla en el paisaje, capaz de percibirse y de interpretar a Otro, al individuo y al colectivo en sus relaciones de trabajo, en su no integración social y en su aislamiento caótico (violencia y locura), frente a la modernidad de las grandes ciudades de América Latina, como São Paulo, Quito y otras. Se tomó como testigos y representantes a tres grandes artistas Latinoamericanos: la brasileña Regina Katz y al ecuatoriano Oswaldo Guayasamín, cuyas obras escogidas proporcionan lecturas de gesto activo del arte y testigos del *humano ser*, sus paisajes interior y exterior, su ser social y su sustentabilidad de *ser-mundo* en el lugar, ciudad y región.

Palabras-clave: Conciencia, Individuo, Colectivo, Naturaleza, Paisaje, Lugar, Gesto, Arte.

* Doutora em Integração da América Latina do Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina – **PROLAM/USP**. E-mail: angeluspr@yahoo.com.br

1. Apresentação

A busca de situar a relação indivíduo-natureza no contexto urbano latino-americano, durante a pesquisa-ação do mestrado¹ e pesquisa atual para o doutoramento², me conduziu a vários fragmentos, retalhos de uma enorme colcha transdisciplinar. Apresento-lhes um desses retalhos nesse artigo em que trilhei por interfaces da produção, crítica e biografia artístico-sócio-cultural, geografia da paisagem, sociologia do trabalho, psicologia da percepção e do social, modernidade e modernização, urbanização e industrialização, globalização e integração latino-americana.

Essas interfaces circularam num abraço e foram representadas nessa leitura reflexiva das biografias de dois artistas latino-americanos: Renina Katz e Oswaldo Guayasamín, tangenciadas por três obras artísticas significativas e expressivas do mundo psico-social: “Cárceres”, “Lugar” e “Lágrima de Sangue”, numa tentativa de unificação do nosso presente relacional, social, emocional, científico, tecnológico na evocação da utopia da relação Arte e Ciência.

Não tenho aqui a intenção de esgotar essa leitura. Entendo a transdisciplinaridade como uma metodologia que, com base em novos *níveis de realidade*, trabalha no espaço vazio *entre* as disciplinas e *além* delas³. O que me entusiasma, ao percorrer as biografias dos artistas latino-americanos, é essa possibilidade de conhecer e aprofundar a tipologia da América Latina, que segundo propôs o antropólogo Darcy Ribeiro, podemos reconhecer três configurações importantes desta tipologia: *Povo-testemunho*, *Povo-novo*, *Povo-transplantado*⁴, tornar mais consciente a identidade latino-americana por meio da reflexão da forma na qual vivemos, existimos e da escolha do tipo de *humano ser* que nos tornamos.

De acordo com o biólogo chileno Humberto Maturana, a nossa *identidade humana* é tanto constituída quanto conservada numa dinâmica sistêmica definida pela *rede de*

¹ Dissertação: *Aprendendo a “Olhar” a Paisagem Latino-americana: Arte e Ambiência na Relação Indivíduo-Natureza (Pesquisa-ação em São Paulo e Santiago do Chile)*, São Paulo, PROLAM, maio de 1999. Encontra-se exemplar para consulta na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH/USP.

² Tese: *Sustentabilidade: Ressonância de Vida na América Latina – Reflexão, Transcendência e Crítica de Programas em Desenvolvimento para Sociedades Sustentáveis (Peru: PRODESA/CARITAS e Brasil: PDSA/GEA e IDA-CEFLURIS)*, defendida em março de 2004.

³ BARRETO, Francisco César de Sá. “A instabilidade como condição para mudanças institucionais qualitativas”, in DOMINGUES, Ivan (org.) *Conhecimento e Transdisciplinaridade* (2001: 29).

⁴ RIBEIRO, Darcy. “A América Latina no mundo de hoje”, in Cattani (org.) *Anais Congresso da SOLAR* (1998: 43). Em 1996 tive a oportunidade de estar com Darcy Ribeiro, vê-lo e ouvi-lo em uma de suas últimas conferências e homenageá-lo no V Congresso SOLAR - Sociedade Latino-americana de Estudos sobre América Latina e Caribe, organizado pelo PROLAM, no Anfiteatro da História da FFLCH/USP.

conversações da cultura que vivemos; desse modo, podemos ser *Homo sapiens sapiens*, *Homo sapiens amans*, *Homo sapiens aggressans* ou *Homo sapiens arrogans*⁵.

2. A dimensão da técnica, dos instrumentos de trabalho, da eficácia paisagística e da percepção artística

O desenvolvimento de uma consciência crítica permite ao ser humano transformar a realidade.

Paulo Freire

Cada dia, com mais velocidade temporal e espacial, o homem, este *fazedor* de paisagens, somente existe porque é membro de um grupo que em si mesmo é um *tecido de técnicas*. De acordo com o geógrafo francês Pierre Gourou (1973:17), os fatos humanos do espaço teriam de ser examinados em função de um conjunto de técnicas⁶.

Para esse autor, essa soma de ligações e de técnicas é a civilização e o nível de civilização seria medido pelo nível de técnicas. Em suma, todo grupo humano é sustentado por técnicas que fazem de seus membros seres “civilizados”, o que significa não existirem “selvagens”. Também, Gourou (1973:30-31) introduz a noção de “eficácia paisagística” ao afirmar que a civilização moderna tem um enorme poder de ação paisagista; dispõe de técnicas de exploração muito eficazes, porém, limitadas pelas exigências dos homens e pelas condições de funcionamento das máquinas, e de técnicas de enquadramento irresistíveis como transporte, telefone, rádio, televisão, publicidade comercial e propaganda política, que podem controlar vastos espaços, numerosas populações, cidades enormes.

Maximilien Sorre (1948), o primeiro geógrafo a propor e considerar o *fenômeno técnico*, em toda a sua amplitude, torna a noção de técnica abrangente, na qual essa palavra *técnica* deve ser considerada no seu sentido mais largo, e não o contrário, ou seja,

⁵ MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana* (2001: 181). Na 1ª etapa da minha pesquisa de campo para o mestrado (1996), em Santiago do Chile, busquei Maturana em sua sala na Faculdade de Ciências Biológicas na Universidade do Chile, em las Ensinas, para uma entrevista. Desisti não somente porque não o encontrei pessoalmente (realizava uma série de palestras e conferências fora do país), mas quando seu colega me mostrou a pilha de correspondência que recebera somente naquela semana de pessoas de diversas partes do mundo que certamente respondê-las era impossível para ele.

⁶ As *técnicas de produção* são aquelas técnicas das explorações da natureza, técnicas de subsistência, técnicas da matéria. As *técnicas de enquadramento* são técnicas das relações entre os homens, técnicas de organização do espaço. Nos dois casos, de acordo com Santos (1996: 29) trata-se efetivamente de analisar, localizar, explicar, responder a uma pergunta que é sempre a mesma: Como os fatos humanos do espaço estudado se justificam?

limitado às aplicações mecânicas. Para Sorre (in Santos 1996: 29-30), a *noção de técnica* estende-se a tudo o que pertence à indústria e à arte, em todos os *domínios da atividade humana* e a idéia da *técnica como sistema* já lhe era presente da mesma forma, a noção de seu auto-crescimento e rápida difusão.

Sorre estava convencido de que o entendimento da relação entre *mudança técnica e mudança geográfica* era fundamental e sugere então que os estudos geográficos levassem em conta, simultaneamente, as *técnicas da vida social*, as *técnicas de energia*, as *técnicas da conquista do espaço e da vida de relações* e as *técnicas da produção e da transformação das matérias-primas*. Mas, segundo Santos este foi pouco reconhecido pelos geógrafos franceses, que tenderam a vê-lo como ortodoxo, talvez inclinado a confundir ciência com filosofia.

Assim, buscando justamente um encontro da temática a partir de um enfoque filosófico, cheguei em Ernst Fischer (1981) que propôs o estudo das *técnicas* a partir dos *instrumentos de trabalho*. Este autor afirma que na relação ser humano – natureza – instrumento – trabalho a antecipação de um resultado, a inclusão de um propósito no processo de trabalho, só ocorre, para os primeiros seres humanos, depois de se adquirir uma experiência manual concentrada, resultante de um *constante retorno ao produto natural* e de inúmeras experimentações, algumas melhor sucedidas do que outras.

Afirma que não é o olhar para adiante e sim o olhar para trás que cria a idéia de um propósito. O *fazer* consciente e o *ser* consciente se desenvolveram no trabalho, com o trabalho, e só num estágio posterior é que surgiu um propósito claramente reconhecido a dar uma *forma* específica e um *caráter* próprio a cada instrumento.

Levou tempo para que o homem se pusesse acima da natureza e se defrontasse com ela como um criador. Quando o fez, analisa Fischer, a diferença conquistada era a que seu cérebro não *refletia* mais as coisas de maneira meramente literal. Por força da *experiência* adquirida no trabalho, podia agora refletir leis naturais e servir-se delas para calcular *relações causais*, como, por exemplo, podia reconhecer que o atrito produz calor.

Deste modo, o ser humano tomava o lugar da natureza. Não esperava mais para ver o que ela lhe oferecia, forçava-a cada vez mais a dar-lhe aquilo que ele queria, tornava-a cada vez mais a sua serva, além de incrementar a utilidade e de realizar a crescente diferenciação do caráter específico dos instrumentos. A adaptação cada vez mais bem sucedida dos *objetos* tornava-se à mão do homem, de acordo com as leis da natureza; além da crescente *humanização* dos objetos, criavam-se objetos que não existiam na natureza.

Pouco a pouco, os instrumentos perdiam a semelhança com quaisquer objetos naturais. Isto faz com que Fischer avance em sua análise e conclua que a função do instrumento e a substituição e distanciamento de sua semelhança original com um objeto da natureza, conseqüência do desenvolvimento da *eficácia*, torna-se cada vez mais importante o propósito consubstanciado no instrumento e a antecipação intelectual daquilo

que ele podia fazer. Esta transformação da natureza do trabalho só se pôde realizar quando o trabalho já alcançara um estágio relativamente desenvolvido, o que exigia um sistema de novos meios de expressão e comunicação que ultrapassaria, de maneira muito significativa, os poucos sinais conhecidos pelo mundo animal⁷. Somente no trabalho e através dele é que os seres vivos passam a ter muito que dizer uns aos outros.

Portanto, conforme Fischer a linguagem surgiu juntamente com os instrumentos e jamais é a simples vestimenta de um pensamento que se possuiria ele mesmo em toda sua clareza. Na representação plástica, no aspecto artístico das cores, formas e composição, associando-o com os aspectos afetivos e sociais da vida, há um movimento expressivo do ser, que na sua interpretação dada pelo pensamento e a linguagem verbal concretiza-se na fenomenologia da percepção.

Refleti [Pimenta (1999:205)] sobre a representação e interpretação do ser no pensamento e na linguagem, que na fenomenologia, mostra que o *cuidado* é o modo essencial da *pre-sença no ser-mundo* que integra o *gesto*, a *linguagem*, os *instrumentos de trabalho* e as *técnicas*, e tem a tarefa de preparar o *sentido de ser* e a verdade é entendida como *desocultamento*.

Entretanto, nos primórdios da existência humana, um meio de expressão – um gesto, uma imagem, um sim, uma palavra – era tão instrumento como um machado ou uma faca, sendo outro modo de estabelecer o poder do homem sobre a natureza. É desta maneira, por meio da utilização de instrumentos e do processo coletivo de trabalho, que o ser humano nos primórdios da humanidade, como coletor e caçador integrava-se com a natureza, porém, há cerca de dez mil anos, como agricultor cresceu fora da natureza.

O ser *humano* foi o primeiro a chegar a se defrontar com o conjunto da natureza como um *sujeito ativo*. Mas, antes dele ter-se tornado sujeito para si mesmo, a natureza havia se tornado um *objeto* para ele. Uma *coisa* na natureza só se torna *objeto* ao se tornar objeto ou instrumento do trabalho. Com isso, este autor afirma que “uma relação sujeito-objeto só ocorre por meio do trabalho”.

A separação gradual do ser humano em relação à natureza, da qual ele continua a ser uma criatura, ainda que se defronte cada vez mais com ela como um criador, deu origem

⁷ No *Discurso sobre a Desigualdade*, Rousseau mostra que não é tanto pelo entendimento que os homens se distinguem dos animais, senão pela sua qualidade específica de ser humano: a capacidade de se aperfeiçoar tanto individualmente quanto como espécie. Fiel à lição de Montaigne, Rousseau opõe-se à unanimidade dos seus contemporâneos, para os quais o homem se caracteriza como um “animal racional” e se a faculdade da palavra é apontada como traço distintivo, logo se patenteará sua pequena importância, para tornar mais evidente a função da linguagem que trata de um dos aperfeiçoamentos típicos do homem.

a um dos problemas mais profundos da existência humana: a “dupla natureza” do ser humano, conquanto não deixando de pertencer à natureza, ele criou uma “contra natureza” ou “supra natureza”. Por intermédio do seu trabalho, deu origem a um novo tipo de realidade: uma realidade que é ao mesmo tempo sensorial e supra-sensorial.

As novas relações estabelecidas pelo homem com os demais homens penetraram nesse fragmento de matéria e deram-lhe um novo conteúdo e uma qualidade que não tinha antes, ou seja, o ser humano que trabalha, veio a criar uma nova realidade, uma supra-natureza, cujo produto mais extraordinário é a mente humana. O pensamento – isto é, a mente que pensa – é o resultado necessário do *metabolismo mediatizado* que é a relação do ser humano, homem e mulher, com a natureza.

A estimulante descoberta do ser humano da qual os objetos naturais podiam ser transformados em instrumentos naturais, em instrumentos capazes de agir sobre o mundo exterior e alterá-lo, levou-o a ter outra idéia de que o impossível também poderia ser conseguido com instrumentos mágicos, isto é, a idéia de que a natureza poderia ser magicamente transformada sem o esforço do trabalho.

Fischer conclui que o homem se torna deslumbrado pela imensa importância da semelhança e da imitação. Desde que, todas as coisas semelhantes eram idênticas, o poder sobre a natureza que lhe podia ser proporcionado pelo *tornar semelhante* poderia ser ilimitado. Assim, o poder adquirido de individualizar e dominar objetos, de desenvolver uma *atividade social* e de dar conta de acontecimentos por meio de signos, imagens, palavras, conduziu-o a esperar que o *poder mágico da linguagem* fosse infinito. A mágica do fazer instrumentos levou o ser humano inevitavelmente à tentativa de estender a magia ao infinito.

A arte, portanto, era um instrumento mágico e servia ao homem na dominação da natureza e no desenvolvimento das relações sociais. Um elemento essencial nas artes é a capacidade da arte de inspirar medo, fazer-se reverenciar, a sua pretensa capacidade de conferir poder sobre o inimigo. A função decisiva da arte nos seus primórdios foi, inequivocamente, a de conferir poder sobre a natureza, poder sobre os inimigos, poder sobre o parceiro de relações sexuais, poder sobre a realidade, poder exercido no sentido de um fortalecimento da comunidade humana. Nos alvares da humanidade, a arte pouco tinha a ver com a “beleza” e nada tinha a ver com a “contemplação estética”, com o desfrute estético, pois tratava-se de um instrumento mágico, uma arma do coletivo humano em sua luta pela sobrevivência.

A *percepção artística* não ocorria individualmente. Na sua concepção e produção, a arte não era individual, e sim coletiva, apesar dos feiticeiros manifestarem características de individualidade, a separação do indivíduo em relação ao grupo significava morte. O coletivo significava a vida e o conteúdo da vida. A arte em todas as suas formas: a linguagem, a

dança, os cantos rítmicos, as cerimônias mágicas, era a atividade social *por excellence*, comum a todos e elevando todos os seres humanos acima da natureza, acima do mundo animal.

Concomitantemente, ocorre uma visível descoberta do espaço territorial indicada pela sensibilidade às transformações e à nova orientação deste espaço, sobretudo com o advento da agricultura. As mudanças fazem com que os *conceitos de paisagem e de natureza* se modifiquem com conseqüências em suas concepções básicas, a partir das transformações da imagem e do sentido no qual o artista busca restaurar a unidade perdida e a perda da harmonia com o mundo exterior. E quais seriam estes novos conceitos?

Meus estudos [Pimenta (1999:202)] teóricos e práticos analisaram e confirmaram quais ambientes, objetos e composições são associados às paisagens de interiores e de exteriores dos seres humanos em relação à natureza, aos seus elementos essenciais, tanto com relação às transformações espontâneas quanto aquelas provocadas pelo próprio ser humano. Quando se imagina a paisagem como lugar físico se encontra uma gama infundável de relações existentes entre o meio ambiente e os seres que habitam e formam esse lugar e essa paisagem. Estão relacionados com os elementos essenciais da natureza: a terra, a água, o fogo, o ar, entre outros, em interação direta e essencial com o ser humano.

Levando-se em conta as partes do todo que é a paisagem, também interação, subjetivamente ao homem, os movimentos, os sons, as cores, os odores, o equilíbrio, o desequilíbrio, a harmonia, a desarmonia, o bem estar, o mal estar, e outros elementos.

A *dimensão da paisagem* é a *dimensão da percepção humana*. O que chega da natureza aos sentidos principais do tocar, olhar, ouvir, falar, cheirar. O que é abstraído pelos outros sentidos faz com que o aparelho cognitivo dos seres humanos tenha importância crucial nessa apreensão da paisagem, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva: pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato.

Há uma distinção entre os dois conceitos: *paisagem* e *região*, devido à modernização da agricultura e à dispersão industrial que introduziram formas novas de organização espacial. Daí a idéia de que a paisagem, criada em função de um modo produtivo duradouro, confundia-se com a região, que é a área de ação do grupo interessado. Na Europa, a personalidade de cada região foi se constituindo como resultado de um longo caminho de crescimento, os traços do passado se cristalizaram e as atividades criadas se mantiveram durante um longo período dando a impressão de imobilidade.

Com a Revolução Industrial, a produção humana incrementa a produção do espaço, e a marca do ser humano sobre a natureza chamada de *socialização* por Marx, passa a diminuir o trabalho manual e a maquinaria foi sendo cada vez mais usada, até se chegar à automação. Assim, a produção do espaço é resultado da ação dos seres humanos agindo sobre o próprio espaço, por meio dos objetos, naturais e artificiais, instrumentos de trabalho, novas tecnologias atuam mais diretamente na formação das paisagens.

Santos (1991:64) relaciona cada tipo de paisagem como sendo a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais. O conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas, o que conduz a uma nova concepção de natureza que marca o advento da modernidade. “Conhecer é nos tornarmos senhores e dominadores da natureza”, frase de Descartes que sintetiza este tempo moderno, que trouxe consigo uma radical separação entre *espírito* exclusivamente humano e *cogito cartesiano* e *matéria*, ou objeto, que resulta na coisa sem alma e consciência, cujas *leis* devem ser compreendidas como forma de instrumentalizá-la, entre o social e o natural.

3. A cidade: melhor exemplo de interferência no mundo natural e no “outro”

El encuentro con el otro con elle ou ella,
que no son como tu ou yo.
Carlos Fuentes

Toda a ciência moderna, inclusive a geografia, no final do século XIX, reproduziu uma dicotomia ocidental e capitalista, entre o ser humano, o *produtor*, o *criador*, o *transformador* e a natureza, *domínio a ser conquistado*, *explorado*, submetido ao ritmo do trabalho e da produção, especialmente industrial: a fábrica viria a ser o protótipo das relações capitalistas.

Com isso a paisagem tornou-se um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um *lugar* não é fisicamente tocado pela força do ser humano, ele é, todavia, objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas.

A cidade é o melhor exemplo de interferência no mundo natural. As relações entre linguagem, técnica, espaço, paisagem, região apresentadas neste artigo, nas páginas anteriores, são complementadas por Santos (1991:66) quando nos explica que a *paisagem* não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições: a lógica pela qual se fez um *objeto* no passado era a lógica da *produção* daquele momento.

Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um *conjunto de objetos* que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. Daí vem à anarquia das cidades capitalistas. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais. Desta maneira, a cidade é heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global.

Pela estruturação do seu território e do seu mercado – uno e múltiplo - as cidades atuais, sobretudo as metrópoles, abertas a todos os ventos do mundo, não são menos individualizadas. Esses lugares, com a sua gama infinita de situações, são a fábrica de relações numerosas, freqüentes e densas. A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e

mais encontros. A anarquia atual da cidade grande lhe assegura um maior número de deslocamentos, enquanto a geração de relações interpessoais é ainda mais intensa. O que se chama *desordem* é apenas *a ordem do possível*, já que nada é desordenado, pois parte das paisagens e dos objetos geográficos não mais atende aos fins de quando foi constituída.

A paisagem sendo uma herança de muitos momentos já passados, *a grande cidade é uma herança do capitalismo*, e veio para ficar. Os planejadores do futuro devem levar em conta essa realidade⁸.

Nos países subdesenvolvidos, emergentes, em desenvolvimento, do Terceiro Mundo, do Hemisfério Sol⁹, o movimento econômico é potencializado graças à enorme gama de situações pessoais de renda, ao tamanho desmesurado das metrópoles e ao menor coeficiente de “racionalidade” na operação da máquina urbana.

Santos (1996:256) explica que nestes países do Hemisfério Sol, a *co-presença* e o *intercâmbio* são condicionados pelas infra-estruturas presentes e suas normas de utilização, pelo mercado territorialmente delimitado e pelas possibilidades de vida cultural, localmente oferecida pelo equipamento existente. A divisão do trabalho dentro dessas cidades é o resultado da “conjugação de todos esses fatores”, não apenas do fator econômico. Quando citei [Pimenta (1999:68)] o psicólogo Hillman (1993: 11) autor do livro *Cidade & Alma*, dialoguei sobre o “viver” nas grandes cidades. Ao discorrer a respeito da palavra “crise” no seu uso contemporâneo, este autor mostra que se a crise se estende a todos os componentes da vida urbana, é porque a vida urbana é agora uma vida construída. Não vivemos mais um mundo biológico onde a decomposição, a fermentação, a

⁸ Os Presidentes de quase todos os países do Planeta, as Ongs., a sociedade civil estiveram reunidos na Cúpula da Terra – RIO 92, para discutirem os problemas essenciais que destroem a integridade do Planeta, enquanto *habitat* único de todos os seres, dominados pelo poder dos homens, transformou o espaço das grandes cidades em paisagens desumanas, fedorentas, doentes, artificiais e esteticamente muito desprovidas de belezas naturais. De um modo geral, pôr *ordem ao caos*, requer ações conjuntas integradas entre países de todo Planeta, regional e localmente. A *Agenda 21* é o documento elaborado na Rio 92, que condensa propostas e ações no sentido de organizar o *caos*. O Presidente da República lançou em julho de 2002, pelo Ministério do Meio Ambiente, em Brasília, a *Agenda 21 Brasileira – Ações Prioritárias e Resultado da Consulta Nacional*. Conjuntamente, em São Paulo, 9 de agosto, foi apresentado um Relatório tido por cientistas quase que “completo” sobre dados de meio ambiente reunidos nos dez últimos anos. O documento – produzido a toque de caixa para ser apresentado na África do Sul entre 26 de agosto a 4 de setembro de 2002, na Cúpula de Johannesburgo, ou Rio+10, e nos Fóruns Sociais Mundiais, realizados em 2000/2001/2002.

⁹ As diversidades cultural e biológica desses países criam condições favoráveis para a *invenção dos futuros*, que não caem na trilha das civilizações de consumo excessiva do Norte. Esses países serão confrontados no duplo desafio da interpretação criadora de suas culturas e da produção de uma nova cultura informada por visões plurais da modernidade, conforme Medina (1997).

metamorfose e o catabolismo são equivalentes para o colapso das coisas construídas. Assim, estas coisas não deveriam ser encaradas como *não almadaz*, destituídas de subjetividade, pois não as conhecemos plenamente.

No ensaio “Narrativas do Humano Ser”, Medina (1998) apresenta elementos e conceitos com relação ao ser humano, na sua posição de indivíduo e cidadão, formador desta paisagem urbana, quanto à sua participação no *caos organizado*, tais que, a tradição teórico-prática, ora se debruça sobre as explicações sociológicas, ora analisa criticamente as implicações ideológicas da “produção de sentidos da contemporaneidade”. Isto é o que caracteriza a narrativa da comunicação individual, extensiva a se tornar uma comunicação coletiva. Para esta autora, “o *gesto da arte* em muito se afina com o *gesto coletivo* e, assim como a literatura, a oratura traduz o *humano ser*”.

4. No fluxo da percepção do artista à paisagem urbana na complexidade do ser que a constrói – RENINA KATZ

Os artistas são algumas dessas pessoas que podem estar conscientes do curso que a existência humana está seguindo.

Humberto Maturana

Não só no Brasil, mas também nos outros países da América Latina, e ainda no mundo, de um modo geral, os artistas podem estar, e freqüentemente estão conscientes daquilo que falta em nossas relações humanas atuais, tais como o amor, a honestidade, a responsabilidade social e o respeito mútuo, fruto de uma cultura centrada em dominação e na submissão, na desconfiança e no controle, na desonestidade, no comércio e na ganância, na apropriação e na manipulação mútua.

De acordo com Maturana (2001:181), a menos que nosso *emocionar* mude, tudo o que não irá mudar em nossas vidas será o modo pelo qual continuaremos a viver em guerras, na ganância, na desconfiança, na desonestidade, e no abuso dos outros e da natureza. Assim sendo, neste artigo, proponho inter-relacionar obras e artistas, obras e pensadores, criadores e *fazedores* de gestos de arte e de paisagem dão testemunhos do *humano ser*, no coletivo, na troca de *ambiências*¹⁰ de si e das paisagens, como facilitadores da revelação da consciência da existência humana.

¹⁰ Trabalhei [Pimenta (2000:281)] para construir uma metodologia que favorecesse a leitura *subjetiva* e *fenomenológica* da paisagem e do *humano ser* que a maneja, junto à natureza. Vê-se acompanhada do *conhecimento físico* pela teoria geográfica da paisagem, o que se caracteriza pela percepção de sua *ambiência*. *Ambiência*, sinônimo de meio, ambiente, designa o conjunto de fatores externos – materiais, orgânicos, culturais e históricos – que agem sobre um indivíduo ou grupo. Em Pimenta (1999:93) estende o conceito de *ambiência*

Neste sentido, o texto vai ao encontro de mostrar como a tradução do social pelo gesto da arte está sendo realizada pelas artes plásticas. Assim é a artista Renina Katz. Carioca, e paulista por adoção, tem uma trajetória de vida bastante engajada no fluxo de perceber a paisagem urbana na complexidade de seu tempo, no conhecimento sensível da paisagem pelo gestual tanto individual quanto coletivo.

Alia certa abstração, e jogos expressionistas, com uma vocação construtiva e as preocupações sociais, apresentadas em suas obras, com propriedade acadêmica em sua tese de *PhD*. As imagens escolhidas mostram a profundidade expressiva da artista em leituras da modernidade, e pós-modernidade, em um olhar no futuro com as vistas para o passado, em uma *polícenia* cujas formas enriquecem o conteúdo.

A litogravura escolhida da série “Cárceres”, de 1978 [Lâmina 1, anexos] representa a opressão, o aprisionamento da *liberdade de humano ser*, nas prisões e cárceres. A figura do pássaro no primeiro plano e as grades em segundo, mas também, é uma metáfora da clausura interior que na leitura da paisagem da cidade grande, da metrópole, mostra a barreira, cada vez mais evidente, que separa o indivíduo de sua *liberdade de humano ser* - sua essência maior - tolhido no afeto mais natural do seu coração de humano.

Katz criou esta imagem na década de 70, época na qual os latino-americanos, os brasileiros, principalmente, das grandes cidades, das capitais, viveram os terrores do regime da Ditadura Militar. Em São Paulo, os porões do DOPS, encarceraram, torturaram várias pessoas, intelectuais, trabalhadores, presos políticos que tiveram a sua liberdade de ser completamente comprometida, ameaçada pela censura, pelo arbítrio dos militares. Este regime político deixava as pessoas como pássaro engaiolado, como mostra a imagem: tem espaço para abrir suas asas, porém com a postura curvada para baixo para a paisagem árida da terra sentindo-se tolhido para alçar o vôo maior, o vôo da revolução, da democracia, da justiça e da paz, obrigado a estar voando perto à aridez do solo que parece tão distante, ao mesmo tempo, da vida natural.

Nesta ocasião, Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, conjuntamente com alguns intelectuais como o jurista José Carlos Dias, os jornalistas Clóvis Rossi e

como *umwelt*, que significa o universo característico de cada espécie tal como esta percebe o universo em seu meio vital e graças ao qual esta pode agir com eficácia. Trata-se do universo como “o meio material ou moral onde se vive; meio ambiente. É o espaço, arquitetonicamente *organizado e animado*, que constitui um meio físico, e, ao mesmo tempo, meio estético, ou psicológico, especialmente preparado para atividades humanas; ambiente. A partir disso, criei o procedimento do *workshop* “Arte e Ambiência da Paisagem na relação Indivíduo-Natureza” que trata de um conjunto de atividades propostas e coordenadas para integrar os participantes, com sensibilizações/estimulações e reflexões sobre o *desvelar da consciência ambiental* e a preparação para o *exercício da cidadania*. As atividades interdisciplinares são fundamentadas em diferentes vertentes do campos: Ciências Humanas, Educação, Comunicação, Artes, Ecologia.

Ricardo Kitoscho, alçaram o vôo maior, criaram a *Comissão de Justiça e Paz*, cujo objetivo principal era ter e manter um lugar de encontro para discutir as questões relevantes deste processo ditatorial.

Este processo se intensificou face às injustiças de aprisionamento seguido de morte, daqueles que ousavam ser revolucionários, e iniciarem um processo de continuidade à revolução, na organização da redemocratização do Brasil, contra a ditadura, contra a tortura, contra o arbítrio, contra a censura e dá início assim a formação de uma coisa chamada *sociedade civil*.

Dom Paulo Evaristo ARNS¹¹, em 1976, faz um pronunciamento bastante significativo, principalmente depois da prisão e tortura seguida da morte (1975) de Vladimir Herzog, diretor da TV Cultura:

O importante é haver alternativa para os intelectuais, para ter uma interpretação cristã para a sociedade, para a dignidade do homem e o sentido da existência. Eu acredito que os intelectuais de hoje queiram o confronto das idéias; e não há nenhum outro meio de vencer uma idéia senão vencendo por uma idéia mais forte.

O educador Paulo Freire quando foi Secretário de Educação de São Paulo, no governo de Eloísa Erundina, fez uma homenagem ao arcebispo e no seu discurso fala que: “Dom Paulo representa exatamente este gosto de sonhar, esse gosto indomável de mudar o mundo, esse gosto de voar nas asas da justiça para quem vêm sendo injustiçado e também justiça aos que vêm injustiçando”.

O espaço dos porões do DOPS foi aberto em 1998, no governo de Mário Covas, maneira de mostrar ao mundo os horrores da ditadura, à juventude uma coisa que aconteceu e que não deve acontecer mais: o aprisionamento do *livre arbítrio* do ser humano por outro ser humano. Segundo Maturana (2001: 197) “se a dinâmica sistêmica de constituição e conservação de uma cultura é quebrada, fragmentada, a cultura se acaba. Podemos escolher, e é aí que nosso comportamento como seres humanos socialmente conscientes importa”.

Associo, também, essa imagem “Cárceres” ao indivíduo que nas cidades atuais, sobretudo as metrópoles, abertas a todos os ventos do mundo, são muito individualizadas, transformando-no em cidadão individualizado como consequência.

¹¹ Documentário sobre a vida do arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo ARNS, elaborado pela TV Cultura – Rede Pública de Televisão e TV PUC/SP, 2001. Este documentário conta a vida de Dom Paulo Evaristo Arns, principalmente, seu trabalho quando era arcebispo de São Paulo, no Regime militar; foi um dos criadores da Comissão de Justiça e Paz. Ele também foi um dos organizadores e autor do prefácio do livro *Brasil Nunca Mais – Relato para a história*, publicado em 1982.

O número de viagens internas em si que o indivíduo *cidadino* faz é muitas vezes superior ao de deslocamentos para subespaços externos, apesar da cidade ser o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros.

Ocorre que, muitas vezes, mesmo o indivíduo não estando aprisionado literalmente, não é o que ele faz, mas a emoção sob a qual ele faz o que faz, ele pode se aprisionar. De acordo com Maturana, “não é a tecnologia que guia a vida moderna, mas as emoções, os desejos de poder, riqueza ou fama, em nome dos quais a usamos ou inventamos”.

Santos (1996: 251-273) apresenta uma leitura intensa sobre A Força do Lugar: O lugar e o cotidiano e a Ordem Universal, Ordem Local, que contribui para outras interpretações dessa imagem “Cárceres” e toda a série, e também à próxima imagem “Lugar” [Lâmina 2], e toda série “Lugares”, da qual faz parte. Trata-se de um chamamento para a leitura reflexiva da inter-relação intrínseca na contemporaneidade: técnica/tempo x razão/emoção, e destaco quando Santos cita o filósofo Michel SERRES¹² que disse: “[...] nossa relação do mundo mudou. Antes, ela era local-local; agora é local-global[...], e com argumento aproximadamente geográfico, acrescenta que “hoje, temos uma nova relação com o mundo, porque o vemos por inteiro. Através dos satélites, temos imagens da terra absolutamente inteira”.

Isto reforça o papel da vizinhança, da proximidade na produção da consciência, quando Santos cita Divignaud (1997:20) identifica a essa percepção global, “holista” do mundo e dos homens, a “densidade social” produzida pela fermentação dos seres humanos em um mesmo espaço fechado, uma acumulação que provoca uma mudança surpreendente movida pela afetividade e pela paixão. A globalização faz “redescobrir a corporeidade”. Faço minhas as palavras de Santos (1996: 251) e também as palavras deste filósofo francês, que ama o Brasil, Edgar Morin (1990:44) quando diz: “um de nós é como o ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém o todo planetário que o contém”.

De certa forma, ainda, o espaço é a prisão dada ao homem, a cidade é a prisão que o homem escolheu e criou sua imagem paisagística, algumas com eficácia, outras não. A litogravura “Lugar” da série *Lugares: um gráfico sensível da paisagem*, de 1982 [Lâmina 2, anexos] mostra que o conhecimento sensível da paisagem se faz por meio da memória representada pelos indivíduos *fazedorese* pelo seu trabalho na modernização, por meio das indústrias, nas grandes cidades. Com a destruição dos modos de produção feudal na Europa, sendo a Inglaterra a primeira nação a poder fazer a transição para o capitalismo que culmina com a revolução industrial, tornando-a grande beneficiária de toda espoliação realizada no Hemisfério Sol.

¹² Em entrevista a Bernardo Carvalho, na *Folha de S. Paulo*, de 21/04/1990, em Santos (1996: 251).

Marx chegou a afirmar que o descobrimento das jazidas de ouro e prata da América, a cruzada de extermínio, escravização e sepultamento nas minas de população aborígene, o começo da conquista e o saque das Índias Orientais, a conversão do continente africano em local de caça de escravos negros são todos feitos que assinalam os alvares da era de produção capitalista.

De acordo com Rampinelli (1998:40): “Com a revolução industrial dava-se início, então, ao primeiro grande processo de globalização”.

Esta obra configura as presenças humanas com propriedade, enfatizadas em conjunto, colocado em segundo plano na obra, e de forma a sobrepor as indústrias. Este conjunto de *massa humana* pode representar, primeiramente, a *ambiência poluída*, gerada pela operacionalidade das máquinas na produção, pelo trabalho de seus operários, que saem do interior das chaminés em rostos, corpos, seres humanos, homens e mulheres, trabalhadores e construtores do que é hoje, em sua forma capitalista, a segunda maior cidade latino-americana: São Paulo, que está comemorando 450 anos.

“Da feia fumaça que cobre apagando as estrelas”, canta o poeta baiano Caetano Veloso, em *Sampa*, a fumaça gerada das indústrias que sujam e se condensa no céu azul, o cinza e a química da poluição do ar, da contaminação da atmosfera. Esta poluição contribui para o Efeito Estufa, conduz à degeneração da qualidade da vida no Planeta Terra, devido a um desenvolvimento centrado na acumulação de bens, no capital econômico, no transporte movido a gasolina e óleo diesel, sem levar em conta os danos causados, alguns tantos, de forma irreversível, sem salvaguardas de qualidade de vida para as gerações futuras¹³.

Em uma segunda interpretação da policenia da obra “Lugar” vejo os indivíduos, trabalhadores *diversificados*, *plurais* com fisionomias que traduzem culturas diversas nos interiores de seus seres que na pintura aparecem interligados por fios que podem representar a condução da eletricidade, da alta tensão da tecnologia e da repercussão da poluição no mundo natural, no céu da figura que estampa contrastes de tons de intenso azul, como blocos de nuvens, tempestades, relâmpagos, trovões. Estes fios que parecem segurar todo conjunto dos sujeitos migrantes e imigrantes, massificados, em bloco, para

¹³ Na “Declaração Conjunta das Cidades e Autoridades Locais”, de junho de 1992, ECO-92, reforçada e ampliada nos I, II e III Fóruns Sociais Mundiais, em que os líderes de governos locais e autoridades de cidades e áreas metropolitanas do mundo, comprometeram-se a: *promover*; através das cidades, autoridades locais e metropolitanas, a implantação de medidas necessárias para assegurar o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e o meio ambiente, para proteger os espaços naturais e o ambiente urbano. Estas medidas deverão incluir *ações* visando racionalizar a utilização de recursos naturais e o consumo da produção e o destino dos resíduos sólidos, o tratamento *in situ* de todas formas de poluição produzidas pela atividade urbana, e, de forma geral, o uso de recursos renováveis.

que não se soltem, não caiam na mobilidade da cidade grande, onde o movimento sobrepõe ao repouso e tudo é produção.

Os homens mudam de lugar, como imigrantes e migrantes, mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as idéias, em que Santos (1996:262) destaca a partir disso, a idéia de *desterritorialização*, palavra para significar estranhamento, e também, *desculturização*. vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra.

Essa imagem da *pluralidade cultural*, expressão da realidade e densidade social do trabalho e da urbanidade, revela a artista Renina Katz, revestida de uma simplicidade e flexibilidade, que, conforme conclui [Pimenta (1999:202-203)] são qualidades que torna o sujeito capaz de lidar e coordenar grandes projetos humanitários, apresentar exposições de obras plásticas com temáticas sociais, ou escrever com bastante fluência sobre suas experiências vividas.

Mário Schenberg, físico e crítico de arte, era um desses sujeitos, que, em seu livro *Pensando a Arte*, de 1988, escreveu:

Vejo na arte uma importância vital na ajuda e na descoberta da necessidade premente para a humanidade, de uma nova aproximação com a natureza, pois o ciclo *racionalista* e *tecnologista*, iniciado durante a Renascença, chegou ao fim com a sociedade de consumo, na mortífera robotização e poluição. É questão de sobrevivência, não meramente de estética, o reencontro do homem com a natureza.

Schenberg completa e diz que são muitos os caminhos deste reencontro. Talvez, o mais fundamental seja o da “vivência poética espontânea das coisas mais simples”. É o que leva as pessoas às coisas mais básicas e essenciais, portanto, as mais elevadas.

5. A medida do processo de mostrar, ou denunciar, a dinâmica da miséria

A partir do momento em que o homem não conhece mais limite para seu poder ele próprio acaba por destruir-se.

Claude Levi-Strauss

Ao contrário dos outros seres, o homem teve de aprender muito. Às vezes era arrogante e tinha de aprender a humildade, às vezes era covarde e era preciso aprender a ser valente. Algumas vezes sofria porque não entendia os enigmas da mãe Terra. Outras vezes sofria porque não entendia a alma dos seus semelhantes. Mas, para suportar tudo isso e tornar-se melhor pela sua própria sabedoria, o homem inventou uma ferramenta, a *linguagem*. Linguagens que se tornaram inseparáveis do homem para ele penetrar na floresta sombria das coisas do mundo e desvelar para si bosques de realidade, desvelo da

consciência de viver e existir. Linguagens inventoras de mundos do brincante homem criador de signos. Dentre elas uma linguagem se fez especial, a *linguagem da arte*. Feita para o homem mergulhar dentro de si mesmo trazendo para fora e para dentro dos outros homens as emoções do próprio homem. Sabe o homem que as emoções é que são o sal da vida. Por isso é que quando um homem quer falar ao coração dos outros homens ele o faz pela linguagem da arte. Quando isso acontece, naquele homem sente e age o artista¹⁴.

Fischer (1981:23) cita que S. Tomás de Aquino estava ciente desta significação do artista, única e pela mão (*organum organorum* - órgãos dos órgãos) e expressou-o na sua definição: *Habet homo rationem et manum* (O homem possui razão e mão). Foi a mão que libertou a razão humana e produziu a consciência própria do *humano ser*.

Na medida em que as mãos se tornavam mais finamente articuladas, o mesmo ia ocorrendo com os órgãos vocais, até que o aparecimento da consciência levou à elaboração dessas ações reflexas num sistema de comunicação. Essa teoria enfatiza a “significação do processo coletivo de trabalho”, sem o qual a linguagem sistemática jamais se poderia ter formado a partir dos primeiros sinais, dos gritos de medo e sexo, que constituíam o material cru da linguagem em formação.

Esta teoria conduziu-me a escolha de uma obra latino-americana, última obra de arte de nosso artigo, a pintura “Lágrima de Sangue”, [Lâmina 3, anexos], da série “A Idade da Ira”, composta de 250 óleos do pintor equatoriano Oswaldo Guayasamín. A contemplação desta pintura remeteu-me ao fato de estarmos no início de um novo século, um novo milênio, o que impulsiona à reflexão sobre as atitudes do *humano ser* perante as adversidades da contemporaneidade do mundo e das possibilidades de atuação como cidadãos deste mundo, principalmente, acerca da existência humana na América Latina. Nesta obra nota-se como a figura humana se coloca por detrás das mãos, onde está um rosto, uma fisionomia, na qual, Guayasamín, seu criador, reforça o sinal de uma mudança no mundo circundante, há um retrocesso ao sinal do animal, em que o trabalho linguístico está pouco desenvolvido, há uma passagem da transformação ativa da natureza humana para uma adaptação ao medo, à ira, à angústia.

Atualmente, nos grandes centros urbanos, porém, também nas cidades do interior, tem acontecido com maior frequência a desintegração social, principalmente, com os

¹⁴ Texto extraído da abertura do livro de MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa e GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do Ensino da Arte – A LÍNGUA DO MUNDO: Poetizar, fruir e conhecer arte*, em cuja fonte bebemos da Educadora querida, que nos abriu as portas da autoria e da ponte Educação/Arte/Ciência, a nossa querida Mariazinha Fusari, mestra estimada e saudosa da Faculdade de Educação da USP.

jovens, que na busca de organizar o *caos*no encontro de uma *cosmovisão*¹⁵ da identidade do *ser pre-sença* na localidade, devido à expansão dos meios de comunicação, e da fragilidade da estrutura familiar, se perdem na conjuntura e na precariedade da educação formal que incorre no processo de baixa auto estima, que muitas vezes, leva ao uso extremado da violência como única saída ao não diálogo.

Schultz (1991:25) mostra que está incrustado neste ser latino-americano, mesmo nos grandes centros urbanos:

La fluidez de las identidades, y la metáfora vive de esa fluidez, en la cual es pródigo el mito americano. El mito americano metáfora viviente, nombramiento que recoge el instante de la parición de las cosas, impulso, sentir acesante. Esta *cosmovisión* que se ilumina, así, el nacimiento de la realidad ante la mirada humana, instancia de creación en que apenas se organiza el *caos*. Por eso la identidad de las cosas no se ha asentado todavía, están en el confin del ser, en los umbrales. No se definen sus perfiles, se tocan e ínter penetran, conviven y se recubren en los mismos territorios.

Creio que em “Lágrimas de Sangue”, Guayasamín faz este encontro com o instante de criação, organiza o seu *caos*interior. Conforme Margarita Schultz, professora de Epistemologia de História, Estética e Semiótica da Faculdade de Artes na Universidade de Chile, trata-se de um lugar no *ser artista*, em que o fluxo do mito americano, os fenômenos compartilham o *sera* partir de diversas perspectivas e dão origem a essências complexas.

A autora explica que o espírito dos humanos se procede da mesma maneira que o espírito dos animais e das forças da natureza (torrente, vulcão, o mar interminável, a selva) em uma metáfora impressionista, como as lágrimas de sangue, quase que no mesmo plano de vista das mãos e dos olhos da figura pintada. Oswaldo Guayasamín é artista plástico impressionista e *impressor* do seu tempo e do coletivo social do seu povo. Seu processo de trabalho tem similitudes com a trajetória de vida de Cândido Portinari, amigo de Renina Katz, quanto ao realce pela sua vasta produção, catalogada por seu filho João Cândido Portinari, criador do *Projeto Portinari*, que chegou a levantar quase seis mil obras.

Aproximadamente, a mesma vastidão de obras são apresentadas por esse pintor equatoriano, com ancestralidade indígena e que um dia disse: “Yo pinto más o menos

¹⁵ *Cosmovisión- ver a ordem, ver o COSMOS*, é um estado de ser que nos coloca, seres humanos, nessa atitude de ver a porta, que é uma abertura para essa ordem, de nos colocarmos frente a essa ordem. E o *homem originário* e a *mulher originária*, a chamada *mulher ou o homem indígena*, não tem essa prática de se colocar frente a realidade desse modo. Seus ancestrais, e ele mesmo, não fazem essa leitura de *ver a realidade* chamada *ordem*, ou *COSMOS*, do lado de fora. Não se colocou nessa condição de “somente” ver. *O fundamental nessas culturas é o ato de viver as vivências, as experiências e de ser parte dessa realidade, e não se colocar fora dela.* (Palestra do filósofo e médico peruano Jose Illescas, Santiago do Chile, 1996).

hace tres mil o cinco mil años!”. Conforme o crítico espanhol José Camón Aznar, autor da monografia mais importante sobre Guayasamín, esclarece:

Nosotros al principio creen que su forma de hablar es una metáfora exagerada de su obra, pero no, Guayasamín realizó unas ciento y noventa exposiciones individuales en casi todo el mundo, y para ellas pintó por lo menos cinco mil cuadros. Guayasamín hablaba de cuatro mil y seiscientas obras en 1976. Pueden sumarse unas cincuenta esculturas monumentales, como “La Patria Joven”, en el Centro Cívico de Guayaquil, de doce metros de altura, y sus murales de cien a doscientos metros cuadrados cada uno, sus bosquejos (según él hay unos doscientos, o trescientos, a lápiz, tinta o acuarela) y mas de veinte mil dibujos. Para la serie “La Edad de la Ira”, serie de doscientos y cincuenta oleos pintados en veinte y cinco años, en la cual continúa pintando hasta ahora, realizó por lo menos cinco mil a seis mil dibujos.

7. GUAYASAMÍN - Testemunha de seu tempo

Aos que morreram lutando por sua terra, aos que morreram por injustiça,
aos que lutam contra ela onde quer que estejam aos que padecem fome e miséria.

Josefina Coli

Esses dados e imagens de algumas de suas obras foram extraídos de “Guayasamín - Todas as cores da Ira”, de Jorge Enrique ADOUM (1992) e para melhor entender Guayasamín é preciso recordar sua concepção de pintura:

Yo soy como un clavo en un mismo lugar. Como se alguien estuviera golpeando ese clavo con indeclinable tortura, estoy ahondándome cada vez más y más dentro de mí, dentro de mi grupo humano, dentro de este continente, dentro de esta tradición, de ocho mil o diez mil años de cultura que tenemos. Esta es la raíz de donde nace el árbol. Estoy contra los que quieren limitar su obra a las formas europeas, como el abstraccionismo. Delante de un paisaje tan brutal, como es posible excluir el hombre que trabaja en esta tierra, que la araña y muerde? En América del Sur, el hombre y la naturaleza tienen en poder tan extraordinario, que el artista no puede ignorar esa fuerza. Quien es abstracto en América del Sur no es sincero.

Em seu livro *El tiempo que me ha tocado vivir*, o pintor recorda seu primeiro encontro com a morte, depois de uma manifestação popular, onde na rua do cemitério em Quito eram amontoados cadáveres e um desses era seu amigo Manjarrés. Passou muito tempo e Guayasamín pintou essa memória, chamou a pintura *Los Niños Muertos* e começou a compreender que a morte fosse isso, esse “montão de carne simples e humilde, feita em

pedaços”. Para Odoum, Guayasamín é na América um dos raros pintores “testemunha de seu tempo” em cuja obra permanece registrado o que acontece no mundo: pintou a Guerra Civil da Espanha, os campos nazistas de extermínio; Hiroshima, a luta pela esperança em Cuba, e a primeira derrota do Império em Playa Girón; Vietnã, Nicaragua, Granada, El Salvador, o Chile de *El Río de Sangre*, a morte do Che, as mães da Praça de Mayo, a invasão ianque do Panamá, a dor desnecessária, a maldição de ser criança diante da miséria, a angústia de ser vivo diante da morte, esse friso interminável ou inexorável de Guayasamín, que recordando Goya, nos traz os “horrores da guerra”.

Desta sua série “Idades da Ira”, escolhi esta obra por sentir nesta imagem a condensação de todas as manifestações do *humano ser* diante do distanciamento cada vez maior da natureza. Fischer (1981:49) coloca que a ordem do mundo encontrava correspondência na ordem social, e na medida em que as sociedades dos povos originários se vão separando cada vez mais da natureza, na medida em que a unidade das etnias vai sendo, gradualmente, destruída pela divisão do trabalho e pela propriedade privada, o equilíbrio entre o indivíduo e o mundo exterior, também vai sendo cada vez mais perturbado¹⁶.

Acrescenta este autor, que a falta de harmonia com o mundo exterior conduz à histeria, aos tranSES, aos acessos de loucura. Isto se apresenta, por exemplo, na postura característica das *mênades* ou *bacantes* – o corpo arqueado, a cabeça jogada para trás é a postura clássica da histeria. “Lágrimas de Sangue” traduz uma sociedade de classes, com uma reduzida categoria de dirigentes e com suas massas de “humilhados e ofendidos”, vivendo uma das épocas de crise. Há tempos de crise em que os contrastes entre o presente e o passado assumem formas extremas¹⁷.

Este termo, “humilhados e ofendidos” foi empregado por Antonio Gramsci, que numa de suas cartas da prisão (15/02/1932), falava sobre o *método psicanalítico*. Entende que o mesmo só poderia ser fecundamente aplicado para aquele grupo de pessoas que a literatura romântica descreveu como os *humilhados e ofendidos* e que é muito mais

¹⁶ Conforme Galdames (1994) e entrevista em 1998, na Universidade do Chile, “é chegada a hora de reconhecer as realidades que encerram as variabilidades ecológicas dos continentes”, e “chegou o momento de reencontrar-nos com todos os povos originários”. Acrescenta Espinosa (1995: 2) que nossos ancestrais eram parte da Natureza. Em nossas raízes comuns existiam valores, princípios, filosofias, e avanços profundos. Queremos recuperar essa sabedoria, pois é a melhor solução para os problemas que sofreremos nesta época, em que se verifica uma decadência na sociedade atual. Isso chama à reflexão que é tempo de retornar e fortalecer os valores de nossas raízes culturais. Com tantos males da presente sociedade, é coisa de ‘olhar’ o nosso passado e dar-nos conta do muito que podemos aprender com ele.

¹⁷ “O colonialismo não é compreendido sem a possibilidade de torturar, de violar e de matar” (Franz Fanon), “O índio ia chorando em sua lamentação a angústia de que os homens tivessem se transformado em lobos”. (José Martí), in Coll (1986:118) “os indígenas espoliados morreram todos de fome e de tristeza por não suportarem o engano a que foram submetidos, quando haviam acreditado na amizade”.

numeroso e variado do que se crê tradicionalmente. Ele referia-se a essas pessoas que colhidas pelas rígidas contradições da vida *moderna*, para falar apenas da atualidade - ainda que em todos os tempos tenha existido sempre uma modernidade em oposição a um passado -, não podem, por meios próprios, chegar a uma compreensão dessas contradições e superá-las para alcançar uma nova serenidade, uma nova tranquilidade moral, um perfeito equilíbrio entre os ditames da vontade e as metas a serem atingidas.

Em 1998, em São Paulo foram abertos os porões do DOPS e Dom Paulo Evaristo Arns pronunciou-se:

Que esta casa seja para todos os paulistanos, paulistas, brasileiros, e latino-americanos, sempre lembrança de que depois da lágrima vem o sorriso, nem que seja o sorriso da eternidade. A gente sabe quando começa a revolução, foi em 1964, porém, a gente nunca sabe quando acaba; ela ainda não acabou!

“São Paulo recebe a benção dos índios”, o *Jornal da Tarde*, em agosto último, divulga em reportagem de Maira Liguori, que nove índios da Amazônia percorreram São Paulo, para abençoar alguns pontos da cidade. O ar sereno dos pajés, a lentidão nos movimentos e nenhuma pressa parecem não combinar com o ar agitado da capital. Por isso, a idéia era mandar energias boas, dentro da terra, e eles escolheram o metrô para realizar a missão. Era uma madrugada, as autoridades xamânicas viajaram nos vagões, evocando deuses e rezando. Os índios pediram para que as estações ficassem vazias, mas tiveram de contar com um guia para não se perderem. O pajé tucano Manoel Moura explica que: “O Metrô significa o movimento interior do homem branco, refletindo-o, mais ou menos, para o seu corpo, com muita tensão e agitação, além disso, é muito complicado. Veja o Rio Tietê, que com indignação e, incomodados com o cheiro da sua água, recebeu as bênçãos”, porém ele diz que: “O rio só poderá se recuperar no dia em que a consciência dos não-índios mudar. O rio está podre e sujo como a mente deles¹⁸.”

Em suma, essa imagem de Guayasamín mostra que a condição de “ficar fora de si mesmo”, em histeria, em ira, também pode ser interpretada como sendo um gesto de um enérgico esforço de recriação do coletivo, da unidade do mundo. Com o progresso da diferenciação social, ocorreram, por um lado, períodos de possessão demoníaca da coletividade e, por outro, surgiram indivíduos, freqüentemente constituídos em *guias*, cuja função social era a de serem possuídos ou “inspirados”. Portanto, Fischer (1981:50) reafirma que a tarefa desses indivíduos ‘possuídos’, profetas, sibilas, cantores, pintores é restaurar a unidade perdida e a perdida harmonia com o mundo exterior.

¹⁸ De São Paulo, o grupo seguiu para o Rio de Janeiro, onde participou de um encontro que reuniu pajés de toda América Latina

8. Considerações finais para reflexão

Quando a gente olha para as árvores
a gente não vê só as árvores, mas também o espaço entre elas.
Oscar Niemeyer

As imagens selecionadas de Katz e Guayasamín se aproximam desta temática do espaço, da paisagem, do lugar, da cidade, da região, do trabalhador, ser de luta do pão e da indignação, do humilhado e ofendido, frente às misérias da vida com as injustiças e as desigualdades sociais. Abrem-se leituras para o conhecimento e as possibilidades de mudanças no mundo latino-americano no Hemisfério Sul, ou melhor, Sol, como Cremilda Medina recomenda a troca de palavras, e de conceitos - do geográfico para o cultural – nas suas aulas sobre as teorias da comunicação na América Latina.

As três imagens remetem o apreciador à interpretação de um grande número de artistas latino-americanos que dão testemunhos da existência humana e de seus tempos, como Katz e Guayasamín comunicam sobre o ser trabalhador que se sente injustiçado com o seu salário insuficiente para cobrir déficits, dívidas pessoais que rolam e acumulam progressivamente em tempo de crise. Através de uma leitura associativa, considerando a escala, que no pessoal é reduzida e no coletivo social amplia-se para a Dívida Externa Brasileira, e de outros países latino-americanos, o teatrólogo, Augusto Boal, fundador do Teatro do Oprimido, apresenta uma solução para esta Dívida quando escreve no artigo “As três teses de Porto Alegre”, na *Folha de S. Paulo*, em fevereiro de 2002, após o término do II Fórum Social Mundial:

Sabemos que toda dívida impagável se converte em vínculo escravatício. Na Grécia Antiga, os escravos eram os bárbaros – estrangeiros reduzidos, pela guerra, ao cativo. Existiam poucos gregos escravizados: os que não podiam pagar as suas dívidas. Homens livres não podem aceitar condição de gregos escravos. A própria Bíblia reconhece o caráter desumano da *Dívida Eterna* quando recomenda que, a cada 50 anos, todas as dívidas sejam consideradas quitadas. Jubilee now, EUA!

Portanto, essas imagens concorrem com sobras de crédito e garantias no aprendizado da nova ordem mundial a competências como de Santos (1996: 273,252) que favorece um entendimento de que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. Cada lugar é a sua maneira o mundo”, como Souza (1995:5) “todos os lugares são virtualmente mundiais.” Mas, também cada lugar irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. É a esse fenômeno que Georges Benko¹⁹ (1990:65) denomina “glocalidade” e chama a atenção para as dificuldades do seu tratamento teórico:

“Para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um *tratamento localista*, já que o mundo se encontra em toda parte”. E, deve-se evitar “o risco de nos perder em uma simplificação cega, a partir de uma noção de particularidade que apenas leve em conta os fenômenos gerais dominados pelas forças sociais globais”.

Assim, este artigo propõe a redescobrir a dimensão local, revisitar o lugar no mundo atual e encontrar os seus novos significados através da consideração do cotidiano e ressaltar que o caráter humano do tempo da ação é *intersubjetivo* e que a arquitetura concreta do mundo atual dos atos são realizados tem três momentos básicos: 1) o Eu para-mim mesmo; 2) o Outro-para-mim; e 3) o Eu-para-o outro.

É desse modo que se constroem e refazem os valores, por meio de um processo incessante de interação. Nesta interação e no caráter intersubjetivo do tempo da ação estão a informação e a comunicação. No entanto, Santos (1996:253) estabelece uma clara distinção entre *informação* e *comunicação*. Ele lembra que “podemos nos comunicar com o mundo que nos rodeia, com os outros, e até mesmo conosco, sem procedermos à transmissão de quaisquer informações, tal como podemos transmitir informações sem criarmos ou alimentarmos quaisquer laços sociais”. Na *experiência comunicacional* intervem processos de interlocução e de interação que criam, alimentam e restabelecem os laços sociais e a “sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais que partilham os mesmos quadros de experiência e identificam as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum”²⁰.

Comunicar, etimologicamente significa *pôr em comum*. Santos explica que esse processo no qual entram em jogo diversas interpretações do existente, isto é, das situações objetivas, resulta de uma verdadeira negociação social, de que participam preocupações

¹⁹ As últimas palavras que ouvi do Geógrafo e Professor Milton Santos, foram de reforço à uma proximidade necessária da informação e da comunicação do conhecimento, através do debate, do simpósio, do uso devido e da valorização da Universidade como lugar de encontro das idéias. Isto era numa Palestra/Debate sobre a Geografia e a Globalização, com seu amigo, o geógrafo francês Georges Benko: ele nos apresentou BENKO, traduzindo-o do francês, e, emocionalmente, sorrindo, ele conduziu um debate humoroso e de pleno aproveitamento técnico para todos os presentes. Foi no Anfiteatro de Geografia da FFLCH/USP, julho 2001.

²⁰ Esse conceito de *experiência comunicacional* contribui com os antropólogos quando para justificar a preferência de seus estudos pelo mundo indígena e camponês, lembram que continuam a existir na América Latina trinta milhões de índios, com territórios diferenciados, línguas próprias (cujos falantes aumentam em algumas regiões), histórias iniciadas antes da conquista, hábitos de trabalho e consumo que os distinguem. Conforme Bonfil (1981) in Canclini (1997:247), sua resistência de cinco séculos à opressão e à aculturação continua expressando-se em organizações sociais e políticas autônomas: não é possível pensar que se trata de “um fenômeno residual, um anacronismo inexplicável nem um traço de cor folclórica sem maior transcendência”. É preciso reconhecer que “os grupos étnicos são ‘nações em potencial’: unidades capazes de ser o campo social da história concreta”.

pragmáticas e valores simbólicos, “pontos de vista mais ou menos compartilhados, em proporções variáveis”. Nessa construção, além do próprio sujeito, entram as coisas e os outros homens; assim podemos dizer que “a idéia dos outros implica na idéia de um mundo” e os “esboços simbólicos” providos pelo movimento de cooperação, prolongam a atividade própria do sujeito e abarcam a totalidade da tarefa comum, que leva cada sujeito a tomar consciência de que a universalidade é o verdadeiro sentido de sua existência singular.

Para uma reflexão final, reforço que a arte dá um sentido crítico para a sociedade e incrementa a cultura “na importância do conhecimento e da sua práxis para que se revele também como totalidade” [Lefebvre (1958: 238)], e por isso “a análise da vida cotidiana envolve concepções e apreciações na escala da experiência social em geral [Lefebvre (1971:28)]”, o que inclui, paralelamente “uma apropriação profunda e uma compreensão imediata [Sartre (1960:207)]”.

Isso garante o acesso à informação de maneira mais democrática, mesmo porque, concordo com a afirmativa do jornalista Ricardo Kitoscho (2001: Documentário): “Nós ainda não vivemos numa democracia plena, em que todos tenham as mesmas oportunidades e ninguém mais precisa ter medo”.

Dom Paulo Evaristo Arns finaliza este artigo com suas palavras, as quais também finalizam o documentário sobre a sua vida e a formação da Comissão de Justiça e Paz. Suas palavras fluem em meu ser e germinam otimismo e esperança, quando Dom Paulo questionado sobre o medo, durante os anos “de chumbo” do regime militar, suas atitudes assumidas de confronto com a ditadura, e suas conseqüências, sua vontade e condição de continuar no país, ele responde:

O medo? A gente vence trabalhando, quer dizer, sempre se ocupando com coisas com seriedade, enfrentando as coisas sempre. Fora disto, Deus que tinha que me proteger, ou eu tinha que ter a mesma sorte de tantos brasileiros, latino-americanos, que sacrificaram suas vidas pela democracia. Na minha sala, no meu escudo coloquei a frase: “*Ex spe in spem* – De esperança em esperança”. Eu tenho sempre esperança de que o Brasil vá melhor, com cada geração vá melhorar. O Brasil tem possibilidades como nenhuma nação do mundo. Eu visitei trinta e tantos países viajei todo mundo, fiz oitenta viagens para o exterior e posso dizer que: “Sempre voltava mais brasileiro”.

Bibliografia

- BENKO, G. B. “Local versus global in social analysis: some reflexions”, In: KUKLINSKI, A. *Globality versus locality*. Institute of Space Economy. University of Warsaw, 1990, pp. 63-66
- BOAL, A. “A três teses de Porto Alegre”, In: *Folha de S. Paulo*, p. A3, 02 de março 2002, Opinião
- BONFIL BATALLA, G. (comp.). *Utopía y Revolución: El Pensamiento Político Contemporáneo de los Indios en América Latina*. México: Nueva Imagen, 1981
- CANCLINI, N. G. *Cultura Híbrida*. São Paulo: EDUSP, 1997
- “Capítulo 40 – Informação para a tomada de decisões”, *Agenda 21 – Resumo*, 1993
- COLI, J.O. de. *A Resistência Indígena: Do México à Patagônia, a história da luta dos índios contra os conquistadores*. Porto Alegre: L&PM, 1986. (Visão dos Vencidos, 3)
- Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional. *Agenda 21 Brasileira – Ações Prioritárias e Resultado da Consulta Nacional*, 2002 (a partir do D.P. em 26/02/1997)
- DIVIGNAUD, J. *Lieux et non lieux*. Paris: Galilée, 1977
- DOMINGUES, I. (org.) *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares - IEAT/UFMG, 2001
- FISCHER, E. *A Necessidade da Arte*. 9ª ed..Rio de Janeiro: Zahar, 1981
- GALDAMES, O. S. “Hacia una definición de la sociedad Mapuche en el Siglo XVI”, In: *Revista História del Chile* V.14, 1994, 7-19p
- GOUROU, P. *Pour une géographie humaine*. Paris: Flammarion, 1973
- HILLMAN, J. *Cidade & Alma*. São Paulo: Estudio Nobel, 1993 (Cidade Aberta)
- ILLESCAS, J. *Palestra “Cosmovisión Andina de los Pueblos Originários”*, Museo de Bellas Artes, Santiago do Chile, 1996 (em VHS, transcrição e mimeo)
- KATZ, R. *Série Artistas da USP*. São Paulo: EDUSP, 1997
- KITOSCHO, R. *Documentário sobre Dom Paulo Evaristo Airns*, TV Cultura – TV PUC, 2001
- LEFEBVRE, H. *Critique de la vie quotidienne*, vol. I: Introduction. Paris: Éditions L’Arche, 1958
- _____. *Vers le cybernanthrope, contre les technocrates*. Paris: Denoel-Gonthier, 1971
- LIGUORI, M.. “São Paulo recebe a bênção dos índios”, In: *Jornal da Tarde*, 19/08/2002, p. 18, Caderno A
- MARTINS, M. C., PICOSQUE, G., GUERRA, M. T. T. *Didática do Ensino da Arte – A LÍNGUA DO MUNDO: Poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998

- MATOS, O. C. F. "Ethos e Amizade: A Morada do Homem", In: DOMINGOS, I. (org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade*. BH: IEA Transdisciplinares - IEAT/UFMG, 2001, pp. 59-72
- MEDINA, C. C.. "Narrativas do *humano.ser*," In: MEDINA, C. C., GRECO, M. (orgs.). *Planeta Inquieto*. São Paulo: ECA/USP, 1998 (Série Novo Pacto da Ciência, 6)
- MERLEAU-PONTY, M.. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- MIGUEL, S. "São Paulo apresenta sua Agenda 21", In: *Jornal da USP*, agosto/2002, p. 8, (Universidade)
- MORIN, E. "L'homme domine-t-il as planète?" , In: *La pensée, aujourd'hui*, Le Nouvel Observateur, Collection Dossiers, nº 2, 1990, pp. 44-45
- ODOUM, J. E. "GUAYASAMÍN - Todas as Cores da Ira", In: *Revista Nossa América*, Memorial da América Latina, 3, 1992: (42-53)
- PIMENTA, A. M. "Educação Ambiental através da Arte: Reaprendendo a olhar a paisagem", In: *Anais do Seminário "Ciência e Desenvolvimento Sustentável"*, Comissão de Estudos em Proteção Ambiental – CEPA/USP, Instituto de Estudos Avançados – IEA/USP, 1997, pp. 198-201
- _____. "Fisionomia da Terra e do Povo", In: *Anais do Solar – Congresso da Sociedade Latino-americana de Estudos sobre América Latina e Caribe (5: 1996, São Paulo), América Latina e Caribe e os desafios da nova ordem mundial*, CATANI, Afrânio M. (org.). São Paulo: PROLAM/USP, 1998, pp. 605-613
- _____. *APRENDENDO A "OLHAR" A PAISAGEM LATINO-AMERICANA: Arte e Ambiência na Relação Indivíduo - Natureza (Pesquisa - ação em São Paulo e Santiago do Chile)*. Dissertação de Mestrado, PROLAM/USP, 1999
- _____. "Hora de repensar o ensinar", In: *Jornal da USP*, p. 6, maio de 1999, Pesquisa/Educação
- _____. "Educação Ambiental por Meio da Arte: Arte e Ambiência da Paisagem". In: PHILIPPI Jr., Arlindo, PELICIONI, Maria Cecília F. (orgs.). *Educação Ambiental: Desenvolvimento de Cursos e Projetos*. São Paulo: Signus/Núcleo de Informações em Saúde Ambiental – Faculdade de Saúde Pública – FSP/USP, 2000, pp. 279-290
- _____. *Sustentabilidade: Ressonância de Vida na América Latina – Reflexão, Transcendência e Crítica de Programas em Desenvolvimento para Sociedades Sustentáveis (Peru: PRODESA/CARITAS e Brasil: PDSA/GEA e IDA-CEFLURIS)*, Tese de doutorado, PROLAM/USP, março de 2004.
- RAMPINELLI, W. J. "Brasil/Portugal: a falácia do V centenário", In: *Revista Universidade e Sociedade*, Ano VII, nº 16, junho de 1998, Arte e Cultura, pp. 35-40
- RIBEIRO, D. "A América Latina no mundo de hoje", In: *Anais do V Congresso Solar*, CATANI, Afrânio M. (org.). São Paulo: PROLAM/USP, 1998, pp. 41-50

- ROLLEMBERG, M. “Reportagem Renina KATZ”, In: *Jornal da USP*, fevereiro de 1997.
- ROUSSEAU, J. *Do contrato social; Ensaios sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo: Nova Cultural, 1987
- SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1991
- _____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996
- _____. *Por uma geografia nova (1978)*. São Paulo: HUCITEC, 1996
- SARTRE, J. *Critique de la raison dialectique (precedida pelas Questions de methode)*. Tom. I. Théorie des ensembles pratiques. Paris: NRF-Gallimard, 1960.
- São Paulo (Estado). *Coordenadoria de Educação Ambiental. Meio Ambiente e Desenvolvimento: documentos oficiais, Organizações das Nações Unidas, Organizações não governamentais*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, Coordenadoria de Educação Ambiental, 1993 (Série Documentos) .
- SCHENBERG, M. *Pensando a Arte*. São Paulo: Nova Stella, 1988.
- SCHULTZ, M. “América y la comunión de los reinos”, In: *Revista Arte e Cultura da América Latina*, n.2, v.2, 1991, São Paulo, pp. 25-34.
- SERRES, M. Entrevista a Bernardo Carvalho, *Folha de S. Paulo*, 21 abril de 1990
- SORRE, M. “La notion de gente de vie et as valeur actuelle”, In: *Annales de géographie*, anné LVII, 1948, pp.97-108 e 193-204. (In: Wagner, P. e M. Mikesell (eds.), *Readings in cultural geography*. University of Chicago Press, pp. 399-415).
- SOUZA, M. A de. “Razão global / razão local / razão clandestina / razão migrante, reflexões sobre a cidadania e o migrante. Relendo (sempre) e homenageando Milton Santos”, In: *Boletim Gaúcho de Geografia*, nº 20, 1995, pp. 64-67



Lâmina 1 - “Cárceres” – 1978 (Renina Katz)



Lâmina 2 - “Lugar” - 1982 (Renina Katz)



**Lâmina 3 – “Lágrima de Sangue” - 1966 -
pintura a óleo (Oswaldo Guayasamín)**

ENSAIO: “Operación Masacre”: Relato de una Conversión Recordando a Rodolfo Walsh o el Elogio de la Vergüenza

Silvia Beatriz Adoue*

Todos los libros que había dado a la estampa le
infundían un complejo arrepentimiento.

Jorge Luis Borges (1995)

No te avergüences de tener vergüenza. Decía Engels
que es el sentimiento más progresivo que existe.

Silvia Levenson (1975).

Su conciencia lo seguía a todas partes.

Oswaldo Bayer (2000)

Resumo: No contexto histórico da resistência ao golpe militar que derrubou o governo peronista em 1955 e as lutas políticas que levaram ao retorno do peronismo ao governo, depois derrocado pelo golpe militar de 1976, este artigo estuda o processo de reescrita do romance-reportagem de investigação de Rodolfo Walsh *Operación Masacre* enquanto registro da modificação do posicionamento do autor perante o peronismo e do processo interior que o leva ao compromisso militante. Pretende-se identificar a vergonha operando como motor e fonte de energia para o desenvolvimento do seu projeto literário-militante.

Palavras-chave: Rodolfo Walsh. Argentina. Literatura Argentina. Peronismo.

Resumen: En el contexto histórico de la resistencia al golpe militar que derribó al gobierno peronista en 1955 y las luchas políticas que llevaron al retorno del peronismo al gobierno, después derrocado por el golpe militar de 1976, este artículo estudia el proceso de reescritura de la novela-reportaje de Rodolfo Walsh *Operación Masacre*, como registro de la modificación de la posición del autor frente al peronismo y del proceso interior que lo lleva al compromiso militante. El mismo tiende a identificar la vergüenza como motor y fuente de energía para el desarrollo de su proyecto literario/militante.

Palabras clave: Rodolfo Walsh. Argentina. Literatura Argentina. Peronismo.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – **PROLAM/USP**. Professora do Curso de Letras do Centro Universitário Claretiano de Batatais. E-mail: sbadou@hotmail.com

25 de marzo de 2003. A 26 años de su desaparición y en una época en que se nos muestra diariamente y a toda hora por la TV el espectáculo obsceno de la guerra sin que nos sonrjemos, tal vez valga la pena pensar en Walsh y la vergüenza.

Retrocedamos al 9 de junio del '56. Un hombre muere del otro lado de la persiana. Afuera hay una refriega. El dueño de casa consiguió llegar a la “seguridad del hogar” y dejó las luces apagadas. Permanece junto a la ventana, tratando de entender lo que está pasando. Unas horas antes estaba en el club jugando al ajedrez, que lo apasiona, cuando lo sorprendió el barullo de un tiroteo. Los parroquianos se dispersaron, cada uno a su casa. Le costó llegar a la suya. Pero ahora, del otro lado de la ventana, un conscripto muere y él, Rodolfo Jorge Walsh, 30 años - periodista o algo así, publicó algunos cuentos, traductor eventual de novelas policiales escritas en inglés, casado, con dos hijas pequeñas, partidario de los que gobiernan el país hace menos de un año, después de voltear a Perón, escribió dos artículos exaltando a los “héroes” del golpe - es el único testigo. No vio el rostro del soldado que se atrincheró junto a la persiana defendiendo las posiciones “leales” contra el *putch* de los generales Valle y Tanco (que quieren restituir a Perón). Tampoco sabe su nombre, puede apenas adivinarle la edad. Oye su voz: “¡No me dejen solo, hijos de puta!”. Es un susurro, el reproche no es oído por sus compañeros. Es casi un monólogo interior, pero el monólogo interior de alguien que está muriendo, la conciencia de un hombre en el momento de la verdad ¿Qué siente Walsh? Probablemente lamentará haberse mudado para cerca de un cuartel. ¿Quién le mandó a escoger ese barrio? Pero hay algo más, que lo incomoda. ¿Esa intimidad con el soldado? El acaso lo transformó en *voyeur* involuntario. ¿Eso le avergüenza? ¿Le avergüenza saber que ese conscripto es, sobre todo, alguien que está ahí sin querer estar, apenas porque lo convocaron, y que no es partidario de nada, es alguien que murió porque estaba ahí? Pero, más que nada, le molesta ser testigo de esa desnudez, de esa conciencia en carne viva que es el momento de la muerte. La muerte de un “inocente” es una muerte inútil, sin sentido. No quiere pensar más.

“Después no quiero recordar más, ni la voz del locutor en la madrugada anunciando que dieciocho civiles han sido ejecutados en Lanús, ni la ola de sangre que anega al país hasta la muerte de Valle. Tengo demasiado para una sola noche. Valle no me interesa. Perón no me interesa, la revolución no me interesa. ¿Puedo volver al ajedrez? Puedo. Al ajedrez y a la literatura fantástica que leo, a los cuentos policiales que escribo, a la novela ‘seria’ que planeo para dentro de algunos años, y a otras cosas que hago para ganarme la vida y que llamo periodismo, aunque no es periodismo”. (WALSH, 2000: p.18.)

Vuelve a su vida tranquila. Sin embargo, algo, como una larva, se le instala en un lugar indefinido entre el vientre y el pecho. Se pone a averiguar más datos sobre la muerte del soldado. Se llamaba Bernardino Rodríguez, tenía 21 años. Sus camaradas no lo

abandonaron, fueron a buscar ayuda médica, pero él murió sin saberlo. Después, Walsh registrará en el epílogo de la primera edición (1957) de *Operación Masacre*: “Y eso me dolió entonces y me sigue doliendo ahora, como tantas cosas inútiles” (2002).

Seis meses más tarde, un amigo del club le dice: “Hay un fusilado que vive”. No hubo sobrevivientes de los fusilamientos de militantes (partidarios del levantamiento sofocado) en Lanús, durante la madrugada del 10 de junio, amparados en la Ley Marcial. Se trata de fusilamientos clandestinos realizados esa misma noche en otro suburbio, José León Suárez. Walsh quiere ver a ese hombre: “No sé qué es lo que consigue atraerme en esa historia difusa, lejana, erizada de improbabilidades. No sé por qué pido hablar con ese hombre, por qué estoy hablando con Juan Livraga” (WALSH, 2000b, p. 19.)

El oximorón lo lleva hasta quien ha visto los ojos de la Gorgona. Por segunda vez será testigo del misterio de esa intimidad con la muerte. ¿Qué interés lo lleva a revisitar esa noche del 9 al 10 de junio?

El 20 de marzo de 1952, Walsh había publicado en la revista *Vea y Lea* el cuento “Los ojos del traidor”, después compilado en *Cuento para tahúres y otros relatos policiales* (1999). Una narración de estilo borgeano, en que un hombre recibe en transplante los ojos de un traidor fusilado y no puede dejar de ver la escena del “propio” fusilamiento. ¿Ver con los ojos de Livraga? ¿Es eso lo que quiere Walsh? ¿Recuperar la conciencia desnuda del conscripto Bernardino Rodríguez por el testimonio de Livraga? Después, edición tras edición de *Operación Masacre*, la crónica de los fusilamientos llevará como ilustración de tapa *Los fusilamientos de Moncloa* (GOYA, 1814), donde se destaca, en el centro de la escena, el gesto de una de las víctimas, de brazos y ojos desmesuradamente abiertos, mirando para sus verdugos con perplejidad y espanto, contrastando con el gesto de los testigos, que se niegan a ver la escena, con ademán avergonzado (PESCE In: LAFFORGUE et al., 2000, p. 39- 41).

“Livraga me cuenta una historia increíble: la creo en el acto” (WALSH, 2000b, p. 19). ¿Por qué un periodista de oficio daría crédito a una “historia increíble”? Tal vez para honrar la “deuda” con el soldado Rodríguez, tan próximo y tan desamparado del otro lado de la persiana. Hay una diferencia: el conscripto murió defendiendo las posiciones de los leales y los de José León Suárez, en cambio, aunque “inofensivos”, fueron muertos como sospechosos, si no de subversivos, por lo menos de peronistas. Tal vez le cree porque Livraga acompaña su relato con el ademán de desnudarse para mostrar la marca de uno de los balazos. Y ese gesto del “muerto”, una vez más, lo avergüenza, por su poder real y metafórico.

Pero Walsh es un periodista profesional. Oye la historia y piensa que debe escribirla inmediatamente antes que otro lo haga. Sobre los fusilamientos de José León Suárez nadie ha publicado nada. En 1973, en una conferencia en la Universidad de Buenos Aires, ante la pregunta de una alumna, Walsh hablará de sus razones, en 1957, para

realizar las investigaciones de la masacre: “- Dígame Walsh... ¿qué ideales lo llevaron a escribir Operación Masacre?” “- ¿Ideales? Yo quería ser famoso... ganar el Pulitzer... tener dinero...” (FORD In: LAFFORGUE et al., 2000, p. 11).

Entonces es eso. Fama, prestigio, dinero... Después de encontrar a Livraga, ¿jugaría al 48 en la quiniela?¹ Es posible. ¡A escribir!, que los editores se pelearán para publicar el reportaje y, después, ¡a otra cosa! El trabajo consiste en la investigación sobre excesos de la policía provincial. Detuvieron a 13 personas que se habían reunido para oír la transmisión radiofónica de una lucha de boxeo. Excepto uno de ellos, que se retiró antes del allanamiento, nadie tenía conexión directa con el *putch* cívico-militar. Fueron llevados a un basural y allí los fusilaron. Antes de la divulgación de la Ley Marcial (es decir, cuando la pena de muerte no había sido decretada). De 13, algunos consiguieron huir, heridos (aún no sabe cuántos). Pueden contar lo que pasó. Los policías culpables serán llevados a juicio y condenados. Walsh quiere que sean condenados, en primer lugar por los crímenes cometidos y en segundo, porque la acción ensucia los ideales del gobierno, que vino para acabar con los desmanes del peronismo. En la introducción a la primera edición (de marzo de 1957), escribe: “[...] Y todo esto bajo el régimen de una revolución libertadora que muchos argentinos recibieron esperanzados porque creyeron que iba a terminar con los abusos de la represión policíaca” (2000b, p. 187).

Él, Walsh, está entre esos “muchos argentinos” que “recibieron esperanzados” la “revolución libertadora”. Y ahora tiene una buena historia, que le rendirá reconocimiento profesional y el mérito político de librar a esa “revolución” del desprestigio de los fusilamientos ilegales. Sin embargo, ningún gran diario se interesa por sus artículos. Consigue publicarlos en periódicos de la prensa sindical peronista que, como consecuencia de ello, son víctimas de amenazas y prisiones. La divulgación del material de la investigación toma el aspecto de una novela por entregas, donde cada nuevo artículo agrega nuevos datos; los lectores acompañan al periodista/detective y los avatares de los procesos judiciales. Leyendo los grandes diarios, siguen las escaramuzas de una batalla por imponer una versión oficial de los hechos, ya inocultables, que los verdugos libran desde la prensa “seria”. La serie de reportajes adquiere la forma de un *work in progress*, donde el autor no tiene una opinión previa: la lucha ocurre en su propia conciencia. Los lectores, a diferencia de Walsh, en su gran mayoría son peronistas. Se identifican con las víctimas: lo que les pasó a ellas podría haberle pasado a cualquiera. Desean ardientemente que el autor se persuada de la veracidad de la versión de los sobrevivientes. Lo saben “neutral”. Peor: él es un “contrera”². El texto los involucra a todos; es el registro y, al mismo tiempo, el campo de batalla.

¹ En la *quiniela*, lotería clandestina, muy popular en Argentina y Uruguay, el 48 es “*il morto que parla*”.

² Antiperonista.

A partir del material del caso Livraga, Walsh lleva a cabo un conjunto de operaciones de puesta en discurso que producen una situación comunicativa en la que el enunciador apunta a implicar a los lectores en una actividad de participación frente a los sucesos, dirigiéndose, asimismo, a las víctimas, los agresores y los jueces, envolviéndolos a todos como destinatarios (FERRO In: LAFFORGUE et al., 2000, p. 150).

El rasgo dominante de inacabado, de provisional del saber que la investigación va desplegando, en el que toda certeza necesita ser confirmada o modificada, proyecta sobre el pacto de lectura abierto en ‘Yo también fui fusilado’ [uno de los primeros artículos de la serie] la exigencia insoslayable de que el recorrido de saber sea compartido; que sea asumido como un gesto común (FERRO In: LAFFORGUE et al., 2000, p. 152).

Sin embargo, para Walsh los peronistas son aún aquel otro que, aunque equivocado, es preciso saber oír: “La mayoría de los periodistas y escritores llegamos, en la última década, a considerar al peronismo como un enemigo personal. Y con sobrada razón. Pero algo tendríamos que haber advertido: no se puede vencer a un enemigo sin antes comprenderlo”.

En los últimos meses he debido ponerme por primera vez en contacto con esos temibles seres – los peronistas – que inquietan los titulares de los diarios. Y he llegado a la conclusión (tan trivial que me asombra no verla compartida) de que, por muy equivocados que estén, son seres humanos y debe tratárselos como tales. Sobre todo no debe dárseles motivos para que persistan en el error. Los fusilamientos, las torturas y las persecuciones son motivos tan fuertes que en determinado momento pueden convertir el error en verdad.

Más que nada temo el momento en que humillados y ofendidos empiecen a tener razón. Razón doctrinaria, amén de la razón sentimental o humana que ya les asiste. Y que en último término es la base de aquélla. Y ese momento está próximo y llegará fatalmente, si se insiste en la desatinada política de revancha que se ha dirigido sobre todo contra los sectores obreros. La represión del peronismo, tal como ha sido encarada, no hace más que justificarlo a posteriori. Y esto no sólo es lamentable: es idiota.

Reitero que esta obra no persigue un objetivo político ni mucho menos pretende avivar odios completamente estériles. Persigue – una entre muchas – un objetivo social: el aniquilamiento a corto o largo plazo de los asesinos impunes, de los torturadores, de los ‘técnicos’ de la picana que permanecen a pesar de los cambios de gobierno, del hampa armada y uniformada (WALSH, 2000b, p. 187).

Y esto lo escribe después de realizar la investigación, en marzo de 1957, cuando logra publicarla completa, en forma de libro. No denuncia los fusilamientos de Lanús ni el del general Valle, que fueron realizados dentro de la “legalidad revolucionaria”. No se refiere

a ellos, sino a la muerte de “inocentes” de subversión, apenas culpables de la acusación de ser trabajadores peronistas. Aún confía en la “justicia”. A pesar de la complicidad de la gran prensa con los verdugos, a pesar de la “claudicación” del poder judicial: “Este caso está en pie, y seguirá en pie todo el tiempo que sea necesario, meses o años”, escribe en 1957 (WALSH, 2000b, p. 221).

Las investigaciones, sin embargo, y también el fracaso de las vías legales, lo han aproximado irremediablemente a las víctimas mucho más de lo que está dispuesto a admitir. Él ha hecho un registro del efecto que los testimonios de los sobrevivientes han tenido sobre su conciencia. Y el discurso argumentativo de *Operación Masacre* consiste en plasmarlos en un palimpsesto. Esos fragmentos de voces lo han convencido, en primer lugar, a él mismo, su autor.

[...] Como resultado de los avances de su investigación, Rodolfo Walsh realiza recortes, amplía, da entrada a otras voces y al mismo tiempo propone nuevos pactos de lectura a su auditorio. En estas operaciones se revela con claridad el doble carácter polifónico del prólogo: por una parte, existe un juego entre dos actantes: el propio Walsh, encargado de una tarea persuasiva, y el auditorio, que realizará una tarea interpretativa adhiriendo o no a las tesis que se le presenten. Por otra parte, la explícita enunciación de los nuevos datos, las pruebas y los testimonios subrayan la ya presente multiplicidad de las voces en la configuración discursiva (PAMPILLO; URTASUN In: LAFFORGUE et al., 2000, p. 167).

A partir del encuentro con Livraga (el primer fusilado que hablaba) Walsh vive en un estado de permanente angustia. No es el clima de amenazas, la necesidad de abandonar el domicilio y usar un nombre falso. Más bien, esas son consecuencias de las decisiones que toma impulsado por ese gusano instalado en algún lugar entre el vientre y el pecho que no deja de molestarlo. Quien ha cometido los crímenes ha sido gente que actuó en nombre de la *Revolución Libertadora* que, aunque pasivamente, él ha apoyado. Cada nuevo dato es una vuelta de tuerca que le comprime un resorte interior. Cada vez siente más necesidad de apartarse de sí mismo, de sus convicciones. Es el sentimiento que prefiero llamar vergüenza.

Sobre la vergüenza, Emmanuel Levinas trazó en 1935 un esbozo ejemplar. Según el filósofo, la vergüenza no deriva, como en la doctrina de los moralistas, de la conciencia de una imperfección o de una carencia de nuestro ser, frente a la que establecemos distancias. Se funda, por el contrario, en la imposibilidad de nuestro ser para desolidarizarse de sí mismo, en su absoluta incapacidad para romper consigo mismo (AGAMBEN, 2000, p. 109).

El resorte de la vergüenza lo ha hecho "animarse". Ese mismo resorte guarda energía para que prosiga la misma investigación que lo realimenta con más y más vergüenza. Porque, si "el caso sigue en pie", no es como Walsh pensaba en marzo de 1957: porque "se haría justicia", sino porque la conversión que la investigación operaría en él lo llevaría a resignificar hechos que inicialmente veía como "desbordes" o "distorciones". En 1964, en el epílogo de la segunda edición, él escribirá a propósito de aquella afirmación ("el caso sigue en pie"): "De esa frase culpable pido retractarme. Este caso ya no está en pie, es apenas un fragmento de historia, este caso está muerto". En 1964, ve los fusilamientos de José León Suárez, ya no como un caso excepcional, sino como la lógica del régimen. El libro es reescrito en 1964, en 1969 y en 1972. Se eliminan trechos, se agregan otros, algunos se desplazan. En el epílogo de la tercera edición escribe: "La clase de esos gobiernos se solidariza con aquel asesinato, lo acepta como hechura suya y no lo castiga simplemente porque no está dispuesta a castigarse a sí misma" (*apud* FERRO In: LAFFORGUE et al., 2000, p. 165). "Dentro del sistema, no hay justicia" (WALSH, 2000b, p. 224).

Pero, mejor, sigamos las transformaciones paso a paso. ¿Qué acontecimientos median entre la primera y la segunda edición de *Operación Masacre*?

En 1958, siguiendo el método de trabajo con que había realizado esa primera investigación, Walsh lleva adelante otra, sobre la muerte de un abogado de renombre, aparentemente un caso policial. Descubre que se trata de un crimen de Estado, que involucra altas patentes de la Marina. El resultado es publicado con el nombre de *El caso Satanoswsky* (1973).

En 1959 se traslada a Cuba, donde participa de la fundación de la agencia Prensa Latina, junto a otro argentino, uno de los hombres más próximos al Che Guevara: Jorge Ricardo Masetti, quien desaparecerá en Salta, como comandante "Segundo", en la primera tentativa del Che de implantar un foco de guerrillas en Argentina. Después, Walsh, prologará su libro *Los que luchan y los que lloran* (WALSH In: BASCHETTI, 1994c, p. 272-278). Desde allí también escribe colaboraciones para publicaciones de Argentina. Durante su trabajo en la agencia de noticias, el azar lo hace interceptar en la máquina de telexmensajes en clave de la Central de Inteligencia de Estados Unidos (CIA), los descifra e informa al gobierno cubano: el mensaje incluye el día y el lugar de desembarque de la invasión a Bahía de Cochinos. Es un partidario de la Revolución cubana.

La edición de 1964 de *Operación Masacre* es un reflejo aun bastante indirecto de las transformaciones sufridas por su autor. En el epílogo hace una lista de los fracasos de su investigación y se pregunta si valió la pena hacerla. Se autocritica por su ingenuidad al creer que se haría justicia.

Desde su regreso de Cuba publica dos piezas teatrales y dos volúmenes de cuentos. Entre estos: *Ese oscuro día de justicia* (WALSH In WALSH, 1993) y *Esa mujer* (WALSH In WALSH, 2000a). En ambos problematiza la tensión entre la literatura y la acción

política (en una procura por la forma adecuada para el contenido, en la que el contenido es también la forma). La problematiza, no la resuelve (PESCE In: LAFFORGUE et al., 2000, p. 43). El gusano opera su labor.

En 1968 viaja nuevamente a Cuba, para el Congreso Cultural de La Habana. Allí entra en contacto con los principales exponentes de la narrativa latinoamericana. En el mismo año, Perón le presenta a Raimundo Ongaro, el dirigente de la CGTA³, quien lo invita a dirigir el periódico de la organización. Con el equipo de periodistas de esa publicación lleva adelante una investigación sobre el asesinato de un sindicalista colaboracionista (involucrado con la contravención), Rosendo García, por el cuadro emergente más importante de la CGT, Augusto Timoteo Vandor, en un episodio confuso en el que los acusados, tanto por los compañeros de la víctima (incluyendo al asesino) como por la policía, son cuadros sindicales combativos. Desde la actividad de prensa en la CGTA milita como periodista en un proyecto que pretende tener un corresponsal en cada local de trabajo. Así teje una red de información que será modelo para su *Cadena Informativa*, durante la dictadura de '76. *¿Quién mató a Rosendo?* (1997) es publicado en 1969 cerrando su "trilogía de investigación", casi simultáneamente con la tercera edición de *Operación Masacre* que, ahora sí, recoge los cambios operados en el autor. (El resorte se había comprimido demasiado.) En el epílogo ubica la masacre de José León Suárez como un episodio de la lucha prolongada entre la oligarquía que volteó a Perón en 1955, y los trabajadores peronistas.

Desde el encuentro con el "fusilado que habla", en el que "[...] Livraga trepa esa ardua colina detrás de la cual sólo queda el llanto, y hace ademán de desnudarse para que le vean el otro balazo. Entonces estamos todos avergonzados [...]" (WALSH, 2000b, p. 20), y 1970 pasaron 13 años. Walsh ahora es un militante peronista, encuadrado orgánicamente en las FAP⁴. Ya en 1965 había escrito: "*Operación Masacre* cambió mi vida. Haciéndola comprendí que, además de mis perplejidades íntimas, existía un amenazante mundo exterior" (In: BASCHETTIa, 1994, p. 31).

Ese "mundo exterior", más allá de la persiana, que había amenazado la seguridad de su casa y su vida tranquila (el ajedrez, los cuentos policiales, la novela "seria" que pensaba escribir, el periodismo), se había instalado en la forma de un malestar que llamo vergüenza. Vergüenza provocada por una intimidad que el acaso le había impuesto haciéndole presenciar la muerte

³ Confederación General del Trabajo de los Argentinos: central sindical combativa, concurrente de la CGT, colaboracionista.

⁴ Fuerzas Armadas Peronistas.

del otro. Primo Levi describe ese sentimiento relatando la llegada de la primera patrulla rusa al campo de Auschwitz, abandonado por los alemanes, el 27 de enero de 1945:

Eran cuatro soldados jóvenes a caballo que avanzaban cautelosamente, metralleta en mano, a lo largo de la carretera que limitaba el campo. Cuando llegaron a las alambradas, se pararon a mirar intercambiando palabras breves y tímidas, y dirigiendo miradas llenas de un extraño embarazo a los cadáveres descompuestos, a los barracones destruidos y a los pocos vivos que allí estábamos... No nos saludaban, no sonreían; parecían oprimidos, más aún que por la compasión, por una timidez confusa que les sellaba la boca y clavaba su mirada sobre aquel fúnebre espectáculo. Era la misma vergüenza que conocíamos tan bien, la que nos invadía después de las selecciones, y cada vez que nos tocaba asistir a un ultraje o soportarlo: la vergüenza que los alemanes no conocían, la que siente el justo ante la culpa cometida por otro, que le pesa por su propia existencia, porque ha sido introducida irrevocablemente en el mundo de las cosas que existen, y porque su buena voluntad ha sido nula o insuficiente, y no ha sido capaz de contrarrestarla (In AGAMBEN, 2000, p. 91-92).

Debe añadirse que Walsh era el único testigo de las últimas palabras del conscripto y, por lo tanto, único portador de un testimonio que no le pertenecía. Se sentía responsable por una verdad que había sido enunciada pero que él no comprendía: el soldado había muerto sintiéndose abandonado por un gobierno en el cual no tenía por qué confiar, pero en defensa del cual moría. Walsh adhería a ese gobierno, lo creía encarnación de valores que él defendía. Le debía una respuesta a ese muchacho que, cara a cara con la Gorgona, había visto la inutilidad de su muerte. Livraga también vio a la Medusa y había vuelto: podía contar, dar la respuesta. Su testimonio confirmaba la sospecha generada por el soldado. Cada nuevo testimonio alejaba a Walsh de sí mismo y lo empujaba para el lado de los vencidos. Pero el “acto de oír” y registrar ese acto (no apenas el testimonio, sino el eco que éste producía en su conciencia) lo convertía. El escritor que recogía las voces de los vencidos es con-vencido por ellas. Y entonces registra no sólo los discursos, sino su propia conversión. No es un simple cambio de opinión sobre un asunto u otro. Es un cambio de sentido para el conjunto de los hechos. Y el escritor, en el acto de escribir, toma partido.

En 1971, clandestinamente, Jorge “Tigre” Cedrón comienza a filmar *Operación Masacre* con la participación de uno de los sobrevivientes, Julio Troxler, ya convertido en un militante, quien se interpreta a sí mismo. Es a él a quien autor y director encomiendan la locución de la secuencia final, que hace un resumen de la historia de la resistencia peronista. El guión de esa secuencia es incluido en el apéndice de la edición de 1972. En ella se intercalan imágenes extraídas de la película y escenas de lucha callejera, titulares de periódicos sobre ejecuciones de torturadores, pintadas firmadas por “comandos” que

homenajean a los muertos de José León Suárez. Así, hechos que en una primera instancia habían sido presentados como una masacre de “inocentes” que nada tenían que ver con el *putch* peronista, pasan a dar a los actores de ese *putch* una representatividad mayor. Los verdugos no distinguieron entre militantes activos y simples peronistas. Entonces, la resistencia se consolidó a partir de esa identidad dibujada por la mirada del verdugo: todo peronista se transformó en un resistente. Ese es el resumen que aparece en la secuencia final de la película y no está lejos del efecto que la difusión de los hechos de José León Suárez a través de *Operación Masacre* tuvo sobre los lectores de las sucesivas ediciones, peronistas o no, con diferentes grados de militancia.

Durante todos esos años, *Operación Masacre* fue a la vez registro, herramienta de acción política y terreno de batalla. La lucha era una lucha por el establecimiento de sentido para los hechos narrados. Las diferentes versiones plasman los sucesivos momentos de ese cambio de sentido que se operó en la conciencia de los protagonistas: parte de los sobrevivientes, no pocos lectores y el propio autor se transformaron en militantes. El *putch* de los generales Valle y Tanco, iniciativa que en su momento no tuvo apoyo activo masivo, en perspectiva, y por la reflexión (política, social, moral) sobre la reacción “desmesurada” del gobierno de la después llamada *Revolución Fusiladora* que el texto de Walsh promovió, es visto en 1972 como el gran acto inaugural de la resistencia peronista. No porque no hubiera habido acciones de resistencia antes del *putch*, las hubo. Pero ellas sólo fueron recuperadas después por la historiografía y no hubo posibilidad de reflexión inmediata y generalizada sobre las mismas. Para la gran mayoría de los proletarios peronistas, dispersos, sin dirección unificada, sin ámbito donde pensar su praxis después del golpe, la “novela por entregas” (cuya duración podemos estimar en 15 años, si consideramos el tiempo desde la publicación de los primeros artículos y todas las modificaciones del texto hasta la edición de 1972) fue una oportunidad para la reflexión colectiva en que la acción de masas dialogaba con el autor (ya acogido para siempre por ellas, como parte de esa misma acción) y resignificaba los acontecimientos fundantes de junio de 1956.

Si en *Operación Masacre* observamos la transformación de pobres victimizados por la represión en militantes, un movimiento semejante, pero a contramano, puede ser observado en otra obra de investigación: *Nunca Más – Informe de la comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP, 1984). En ésta, militantes desaparecidos son transformados en simples víctimas: “perejiles”⁵. La verdad del texto sustenta la versión

⁵ “Inocentes útiles”.

hegemónica que el Estado construía en los primeros años '80, asociada a la “teoría de los dos demonios”⁶, mucho menos por lo que registra que por lo que calla: poco y nada nos dice sobre la actividad militante de los desaparecidos. Así, fijados por un levantamiento de datos, que tiende más a poner límite a la discusión que a abrirla, ellos, los ausentes, por medio de ese texto no pueden decirnos nada más. Quedan reducidos a la condición de objeto de la violencia de Estado. Se pone una piedra sobre el asunto. Los fusilados de *Operación Masacre*, en cambio, encontraron vías para transformarse en algo más que carne destrozada: desde el “Comando Lizaso”⁷ hasta Julio Troxler⁸, incluyendo el efecto movilizador que sus testimonios tuvieron sobre los actores que se fueron sumando a la acción política desde el '56. Eso se debe a esa condición de obra no acabada de dicho texto, que hizo de él un permanente diálogo entre un acontecimiento y los hechos que lo siguieron. Los testimonios comprimieron los resortes de las conciencias de los lectores, en un círculo virtuoso, un motu perpetuo: una cierta vergüenza retroalimentada que los ponía en movimiento, los alejaba de lo que habían sido, de la condición de hombres y mujeres “tranquilos” para ser, en lugar de héroes, hombres y mujeres “que se animan”.

En 1973, Walsh y muchos miembros de las FAP entran a la organización Montoneros. En ese mismo año instaura en las villas miseria una escuela de periodismo, de la que resulta el *Semanario Villero*. Participa del diario *Noticias*, emprendimiento de los Montoneros.

Después del golpe de 1976, crea la agencia ANCLA⁹, desde donde realiza una labor de inteligencia y contrainteligencia, y funda la Cadena Informativa. Discute con la dirección de Montoneros, proponiendo un cambio en la táctica: es necesario replegarse a la retaguardia, volver a las prácticas de la resistencia (1955-1972), no despegarse del conjunto del pueblo: “Las masas no se repliegan hacia el vacío, sino al terreno malo pero conocido, hacia relaciones que dominan, hacia prácticas comunes, en definitiva hacia su propia historia, su propia cultura y su propia psicología, o sea los componentes de su identidad social y política” (WALSH In: BASCHETTI, 1994b, p. 222). La organización se lanza a acciones que la colocan en “posición adelantada”, muy vulnerable frente a

⁶ Según esta versión, sustentada desde el discurso Estatal a partir del gobierno de Alfonsín, la “guerra sucia” era la lucha entre las fuerzas armadas (incluyendo los grupos paramilitares) y los “terroristas”, quienes, en su “escalada de violencia”, habían victimizado a “inocentes” que nada tenían que ver con uno y otro bando.

⁷ Grupo operativo de durante la Resistencia Peronista.

⁸ Julio Troxler, uno de los sobrevivientes de los fusilamientos de José León Suárez, llegó a ser Jefe de la Policía Federal, durante el efímero gobierno del presidente Héctor J. Cámpora, en 1973, y un año después fue asesinado por el grupo paramilitar AAA (Alianza Anticomunista Argentina).

⁹ Agencia de Noticias Clandestina.

la represión. *ANCLA* primero y después *Cadena Informativa* son emprendimientos apoyados por la dirección, pero que responden más a las concepciones tácticas de Rodolfo Walsh. Quiere el retorno a los no militantes, apelando no al héroe, sino al “hombre que se anima” a un gesto de dignidad: que la vergüenza se politice. Tal vez observa a distancia a aquel Walsh que jugaba al ajedrez en el club, y “se animó”. Por último, muerta su hija mayor en un enfrentamiento, y ya como una iniciativa personal, lanza mano a las *Cartas* firmadas con nombre completo y número de documento, que difunde por vías variadas. No es una contradicción con sus propuestas tácticas: él sólo puede replegarse para sí mismo (VERBITSKY In: LAFFORGUE et al., 2000, p. 25).

Es emboscado en una cita envenenada¹⁰, el 25 de marzo de 1977. Responde a la voz de prisión con un revólver calibre 22. Es malherido y los captores desaparecen su cuerpo.

Hace dos días (23 de marzo de 2003), en el marco de los actos por el 27 aniversario del golpe de Estado, en muchos puntos de Argentina donde fueron capturados desaparecidos, activistas de hoy convocaron a los vecinos para recordar a los militantes secuestrados: desde sus acciones políticas hasta sus rasgos más cotidianos y, claro, todas las informaciones posibles sobre su prisión y cautiverio. En la esquina de Buenos Aires donde Walsh enfrentó a sus captores (San Juan y Sarandi), hubo muchísima gente. El programa radial *Marca de Radio*, conducido por el periodista Aliverti, fue transmitido desde esa esquina. Casi al final del acto, el periodista Miguel Bonasso dio una primicia:

El que disparó contra Rodolfo Walsh, como integrante del grupo de secuestradores de la ESMA¹¹, a pocos metros de esta esquina, fue el comisario de policía Ernesto Weber, que es el padre del subcomisario Sergio Ernesto Weber, que es uno de los acusados de los asesinatos de los manifestantes del 19 y 20 de diciembre [de 2001] (BONASSO *apud* BRUCHTEIN, 2003).

A 26 años de su desaparición, el recuerdo de Walsh nos sigue dando vergüenza. La vergüenza necesaria.

¹⁰ Encuentro cuyo horario y lugar fueron arrancados a un prisionero mediante amenazas, en la mesa de torturas o con otros procedimientos.

¹¹ Escuela de Mecánica de la Armada.

Referencias bibliográficas

- AGAMBEN, G. *Lo que queda de Auschwitz. El archivo y el testigo*. Homo Sacer III. Traducción de Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia: Pre-Textos, 2000.
- ANGUITA, E. & CAPARRÓS, M. *La voluntad*. Buenos Aires: Norma. v. I, II e III, 1998.
- BASCHETTI, R.. *Rodolfo Walsh, vivo*. Buenos Aires: de la Flor, 1994.
- BAYER, O. “Mito y Tabú”, In: WALSH, R. *Operación Masacre*. Buenos Aires: de la Flor, 2000.
- BORGES, J.L. *Ficciones*. Madrid: Alianza, 1995.
- BRUCHTEIN, L. *Muchas voces en Radio Walsh*. Buenos Aires: Jornal Página/12, 24 de mar. 2003.
- COMISIÓN NACIONAL SOBRE LA DESAPARICIÓN DE PERSONAS - CONADEP. *Informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas Nunca Más*. Buenos Aires: Eudeba, 1984.
- DOMÍNGUEZ, F. *El caso Rodolfo Walsh. un clandestino*. Buenos Aires: Mime, 1999.
- DRUCAROFF, E. (Org.). *Historia crítica de la literatura argentina. La narración gana la partida*. Buenos Aires: Emecé, 2000.
- FERREIRA, L. *Un hombre tranquilo*. Buenos Aires: Jornal Página/12, 26 mar. 2002.
- FERRO, R. “‘Operación Masacre’: investigación y escritura” In: LAFFORGUE, J. et al. *Textos de y sobre Rodolfo Walsh*. Buenos Aires: Alianza, 2000.
- FORD, A.. “Ese hombre” In: L. Jorge et al. *Textos de y sobre Rodolfo Walsh*. Buenos Aires: Alianza, 2000.
- GILLESPIE, R. *Soldados de Perón. Los Montoneros*. Buenos Aires: Grijalbo, 1987.
- LAFFORGUE, J. et al. *Textos de y sobre Rodolfo Walsh*. Buenos Aires: Alianza, 2000.
- LEVENSON, S. Buenos Aires: *Conversa*, 1975.
- LINK, D. (Org.). *Rodolfo Walsh. El violento oficio de escribir*. Obra periodística 1953-1977. 2. ed. Buenos Aires: Planeta, 1998.
- PAMPILLO, G. e URTASUN, M. “Operación Masacre’ y las estrategias de persuasión” In: LAFFORGUE, J. et al. *Textos de y sobre Rodolfo Walsh*. Buenos Aires: Alianza, 2000.
- PESCE, V. “Rodolfo Walsh: escritura y Estado” In: LAFFORGUE, J. et al. *Textos de y sobre Rodolfo Walsh*. Buenos Aires: Alianza, 2000.
- PIGLIA, R. *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Fausto, 1993.
- PIGLIA, R. *La ficción paranoica*. Buenos Aires: Universidad de las Madres de Plaza de Mayo, I Seminario de Análisis Crítico de la realidad argentina 1984-1999, 25 set. 1999 (información verbal).
- SALGUERO, C. M. *Rodolfo Walsh: Su pensamiento político*. Buenos Aires: Mime, 2002.

- SARLO, B. *Literatura y Política*. Revista Punto de Vista, n. 19, 1983.
- _____. *El país de no ficción*. Buenos Aires: Zona, 26 set. 1999.
- TORRE, de la I. *Peronismo versus escritores: entre el amor y el espanto (II)*. Buenos Aires: Mime, [s.d.].
- VERNANT, J. P. *A morte nos olhos. Figuração do Outro na Grécia Antiga*. Ártemis e Gorgó. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- VERBITSKY, H. “De la vida y de la muerte” In: LAFFORGUE, J. et al. *Textos de y sobre Rodolfo Walsh*. Buenos Aires: Alianza, 2000.
- VINELLI, N. A.. *Uma experiência de comunicação clandestina orientada por Rodolfo Walsh*. Buenos Aires: La Rosa Blindada, 2002.
- WALSH, R. *Cuentos*. Buenos Aires: Biblioteca Página/12, 1993.
- _____. “El violento oficio de escribir” In: BASCHETTI, R. *Rodolfo Walsh, vivo*. Buenos Aires: de la Flor, 1994a.
- _____. “Los documentos” In: BASCHETTI, R. *Rodolfo Walsh, vivo*. Buenos Aires: de la Flor, 1994b.
- _____. “Prólogo a ‘Los que luchan y los que lloran’” In: BASCHETTI, R.. *Rodolfo Walsh, vivo*. Buenos Aires: de la Flor, 1994c.
- _____. *El caso Satanowsky*. 3ª ed. Buenos Aires: de la Flor, 1997.
- _____. *¿Quién mató a Rosendo?* 7ª ed. Buenos Aires: de la Flor, 1997.
- _____. *Un kilo de oro*. 3ª ed. Buenos Aires: de la Flor, 1997.
- _____. *Cuento para tahúres y otros relatos policiales*. 3ª ed. Buenos Aires: de la Flor, 1999.
- _____. *Los oficios terrestres*. 4ª ed. Buenos Aires: de la Flor, 2000a.
- _____. *Operación masacre*. 21ª ed. Buenos Aires: de la Flor, 2000b.
- _____. *Los tres epílogos*. Buenos Aires: Jornal Página/12, 26 mar. 2002.

A Revista *Cadernos PROLAM/USP* é uma publicação periódica semestral, indexada, com Conselho Editorial de Arbitragem. O eixo temático é a integração da América Latina analisando sob quaisquer das seguintes dimensões: social, econômica, política, cultural e relações internacionais. Todo trabalho é submetido ao Conselho Editorial através de dupla arbitragem anônima.

Normas de publicação

1. As colaborações enviadas à Revista *Cadernos PROLAM/USP* deverão ser escritas em português, inglês, espanhol ou francês;
2. *Extensão dos textos*: Todo artigo deve ter no máximo 60.000 caracteres;
3. *Forma de apresentação*: Todo trabalho deve ser encaminhado à Redação em disquete acompanhado de duas cópias impressas. O autor deve indicar sua filiação acadêmica e seu endereço para correspondência, que será publicado visando eventuais contatos por parte de outros pesquisadores. Todo artigo deverá estar acompanhado por um resumo (em português e inglês) de aproximadamente 10 linhas e por 5 palavras-chave (em português, inglês ou espanhol).
4. *Citações*: Devem aparecer no corpo do texto, entre parênteses, indicando sobrenome do autor, data da publicação, página(s) citada(s). Por exemplo (Brown 1990: 70-75). No caso de diferentes títulos do mesmo autor no mesmo ano, o dado diferencial será uma letra após a data. Por exemplo: (Brown 1990a: 104-107).

Estas citações abreviadas enviam à bibliografia no final do artigo e que deve apresentar indicações completas, como segue:

Livro: SOBRENOME, Nome do Autor. *Título do Livro*. Edição. Local de publicação, Editora, ano de publicação, quantidade de páginas.

Artigo de revistas: SOBRENOME, Nome do Autor. "Título do Artigo". *Título do Periódico*, Número do Volume, Data do Volume, Páginas (inicial e final).

Artigo de coletâneas: SOBRENOME, Nome do Autor. "Título do Trabalho", in SOBRENOME, Nome do Organizador. *Título da Coletânea*. Local de Publicação, Editora, Data, Páginas (inicial e final).

5. *Notas de Rodapé*: podem ser utilizadas quando for preciso introduzir uma conceitualização, uma discussão, uma digressão etc., que no corpo do texto quebraria a fluência do discurso.

6. *Ilustrações*: devem ser utilizadas quando importantes para o entendimento do texto, pedindo-se que fotos, mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma a permitir uma reprodução de qualidade.
7. *Exemplares do Autor*: serão enviados a cada autor quatro exemplares do número em que estiver publicada sua colaboração.
8. *Restrições*: todo material encaminhado à Revista *Cadernos PROLAM/USP* deve ser inédito no Brasil e estar rigorosamente de acordo com as Normas de Publicação, caso contrário, não serão apreciados. Os dados e conceitos são de exclusiva responsabilidade do autor.

Endereço PROLAM/USP

Rua do Anfiteatro, 181 – Colméia – Favo 1

CEP 05508-900 – Cidade Universitária – SP

Fone/Fax: 3091-3587 – 3091-3589 – 3815-0167

E-mail: prolam@usp.br

Home-page: www.usp.br/prolam